

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ELAINE MEIRELES EVANGELISTA

**FALA, VITÓRIA! - A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO NA CIDADE DE
VITÓRIA/ES E SUA POSIÇÃO NO CENÁRIO NACIONAL**

**VITÓRIA/ES
2010**

ELAINE MEIRELES EVANGELISTA

**FALA, VITÓRIA! - A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO NA CIDADE DE
VITÓRIA/ES E SUA POSIÇÃO NO CENÁRIO NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA/ES
2010

Elaine Meireles Evangelista

**FALA, VITÓRIA! - A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO NA
CIDADE DE VITÓRIA/ES E SUA POSIÇÃO NO
CENÁRIO NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 14 de abril de 2010.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre - UFES
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Vera Paredes Silva - UFRJ
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yaconenco - UFES
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Aos meus pais, José e Maria Helena (*in memoriam*), pelo amor e dedicação, e à minha família, meu porto seguro.

Meu agradecimento maior a minha professora-orientadora, Maria Marta Pereira Scherre, pela experiência compartilhada, pelo comprometimento e apoio incomensuráveis, pela orientação sem interrupções, desde o projeto deste trabalho, e, sobretudo, pela preocupação com o meu bem-estar, pela generosidade e por ser tão amiga.

À professora Lilian Coutinho Yaconvenco pelas valiosas sugestões dadas ao longo da tessitura desta dissertação.

À professora Lúcia Helena Peyroton da Rocha pelo incentivo e pelos direcionamentos apontados desde a graduação.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguístico que, por meio das aulas e do incentivo constante, contribuíram para o meu aperfeiçoamento pessoal e profissional.

À minha família pelo auxílio, pela compreensão e pelo incentivo nas horas mais difíceis. Vocês preencherem minha vida de carinho e cuidado, por me trazerem equilíbrio e paz. Amo vocês!

Às minhas irmãs do coração, Denise e Paula, pelo companheirismo, amizade, risos e choros de todos os dias. Pelo incentivo e por acreditar sempre!

A todas as amigas e a todos os amigos, pelo companheirismo, pela troca de experiências, pelos momentos de descontração, pela ajuda nos momentos difíceis.

A todos os colegas de estudo pelas palavras amigas e fraternas de incentivo.

Às amigas, Juliana Santos e Luana Santos Lemos, por formar comigo uma “Tropa de estudos e de amizade” pelas horas de estudo, pelas risadas, momentos de desespero, pelo apoio constante. E por me lembrarem sempre que “*Missão dada é missão cumprida!*”

A Deus, pois, sem Ele, nada seria possível em minha vida.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo o ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

(BOFF, Leonardo)

LISTA DE TABELAS

- TABELA 01** - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de fala das cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA (década de 90/séc.XX) Segundo Sampaio (2001).....50
- TABELA 02** - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de fala das cidades de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001).....51
- TABELA 03** - Frequência do uso do modo imperativo associado à forma indicativa – dados da fala de Vitória/ES, Campo Grande/MS (LIMA, 2005), Brasília/DF (SCHERRE et alli., 1998), Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001).....52
- TABELA 04** - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa e à forma subjuntiva – dados de Vitória/ES. (*Análise com todos os dados*)55
- TABELA 05** - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa e à forma subjuntiva – dados de Vitória/ES (*Análise com dados amalgamados em contextos variáveis e dados de contexto de efeito categórico eliminados*)57
- TABELA 06** – Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de Vitória/ES. (*Análise com fatores amalgamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados*).....59
- TABELA 07** - Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa - dados de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001), Campo Grande/MS (LIMA, 2005).....60
- TABELA 08** – Efeito do verbo na função de marcador ou não-marcador discursivo no uso do imperativo na forma associada ao indicativo – dados de Vitória/ES.

(Análise com fatores amalgamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados)62

TABELA 09: Efeito dos fatores sociais: faixa etária, escolaridade e gênero/sexo no uso do imperativo na forma associada ao indicativo (Fatores amalgamados – resultados sem significância estatística) - dados do PortVIX.....64

TABELA 10 - Análise quantitativa do uso do imperativo em função das âncoras discursivas: textos escritos sem formato de diálogo nos dados de Vitória/ES.....78

TABELA 11 - Análise quantitativa do uso do imperativo em função das âncoras discursivas: textos escritos sem formato de diálogo. Segundo Scherre, Andrade & Melo (2008)78

TABELA 12 – Efeito dos personagens no uso do imperativo na forma associada ao indicativo nos dados das tirinhas de *Marly* da década de 70 do séc. XX, do Almanaque da *Marly* e do ano de 2009. (*Análise com todos os dados*)83

TABELA 13 – Efeito do personagem no uso do imperativo na forma associada ao indicativo nos dados das tirinhas de *Marly* da década de 70 do séc. XX, do Almanaque da *Marly* e do ano de 2009. (*Análise com os dados amalgamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados*)84

TABELA 14 - Efeito da época nos dados de *Marly* com relação ao imperativo associado á forma indicativa. (*Análise com contexto de efeito categórico eliminados*)85

TABELA 15 - Efeito da presença, tipo, localização dos pronomes no uso do imperativo na forma indicativa em contexto discursivo de pronome *você* – Tirinhas de *Marly, a solteirona*.....87

TABELA 16 - Aumento do imperativo associado à forma indicativa em revistas em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> entre a década de 70 e a primeira década do século XXI em função do tipo e da posição do pronome com relação ao verbo. Segundo Scherre (2007)	90
TABELA 17 - Efeito da presença e localização do pronome <i>me</i> no uso do imperativo na forma indicativa em contexto discursivo de pronome <i>você</i> – dados das tirinhas de <i>Marly, a solteirona</i> . (<i>Análise com contexto de efeito categórico retirados</i>)	91
TABELA 18 – Efeito dos telejornais <i>Balanço Geral</i> e <i>Tribuna Notícias</i> no uso do imperativo associado à forma indicativa. (<i>Análise com todos os dados</i>).....	95
TABELA 19 – Efeito dos telejornais <i>Balanço Geral</i> e <i>Tribuna Notícias</i> no uso do imperativo na forma associada ao indicativo. (<i>Análise com contexto de efeito categórico eliminados</i>)	95
TABELA 20 – Efeito da presença/ausência de diálogo no uso do imperativo nos telejornais <i>Balanço Geral</i> e <i>Tribuna Notícias</i> . (<i>Análise com contextos variáveis</i>).....	96
TABELA 21 – Efeito do cruzamento entre tipo de programa e presença/ausência de diálogo em relação ao imperativo associado à forma indicativa em termos percentuais.....	99
TABELA 22 - Efeito do número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa – dados da mídia televisiva em contexto de pronome <i>você</i> de Vitória/ES e nos dados de diálogos falados de Scherre et al. (1998).....	101
TABELA 23 - Efeito do número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa – dados das tirinhas de <i>Marly, a solteirona</i> e da <i>Turma da Mônica</i> (1998 e 1999) de Scherre (2004)	102

LISTA DE FIGURAS

Fig.01: Tirinha de <i>Marly, a solteirona</i> . Fonte: Jornal <i>A Gazeta</i>	46
Fig. 02: Propaganda do STB veiculada no jornal <i>A Tribuna</i>	72
Fig. 03: Propaganda do jornal <i>A Tribuna</i> relacionada ao sorteio de um automóvel.....	72
Fig. 04: Propaganda do Governo do Estado do Espírito Santo para incentivar a emissão de notas fiscais.....	73
Fig. 05: Bandeira do Estado do Espírito Santo.....	74
Fig.06: Propaganda da Vitoriawagem veiculada no jornal <i>A Gazeta</i>	76
Fig.07: Propaganda da Rede Tribuna veiculada no jornal <i>A Tribuna</i>	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 O IMPERATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	23
2.1 OS PRONOMES DE TRATAMENTO TU E VOCÊ NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	27
3 CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO E DE VITÓRIA.....	31
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E INSTRUMENTAL QUANTITATIVO.....	35
4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	35
4.2 INSTRUMENTAL QUANTITATIVO.....	38
4.3 DESCRIÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	42
4.3.1 Projeto “O Português Falado na Cidade de Vitória” - PortVIX.....	42
4.3.2 A Escrita sem Formato de Diálogo.....	44
4.2.3 Tirinhas de <i>Marly, a solteirona</i>	44
4.2.4 A Mídia Televisiva.....	47
5 O IMPERATIVO GRAMATICAL NA CIDADE DE VITÓRIA.....	48
5.1 POLARIDADE DA ESTRUTURA.....	58
5.2 MARCADOR DISCURSIVO.....	61
5.3 VARIÁVEIS SOCIAIS.....	62
5.3.1 Faixa Etária.....	64
5.3.2 Gênero/Sexo.....	65
5.3.3 Escolaridade.....	66
6 ANÁLISE DOS DADOS DA ESCRITA.....	69
6.1 ANÁLISE DOS DADOS DA ESCRITA SEM FORMATO DE DIÁLOGO.....	70
6.2 TIRINHAS DE MARLY, A SOLTEIRONA: UMA ANÁLISE DA ESCRITA COM FORMATO DE DIÁLOGO.....	79
7 ANÁLISE DOS DADOS DA MÍDIA TELEVISIVA.....	93

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
9 REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	113

RESUMO

Este trabalho analisa, à luz da Sociolinguística Laboviana, a alternância no uso do imperativo gramatical na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos da fala e da escrita, no contexto exclusivo do pronome *você*. Foram utilizados quatro *corpora*, a saber: (1) entrevistas do projeto “Português Falado na Cidade de Vitória - PortVIX”, da Universidade Federal do Espírito Santo – entrevistas labovianas; (2) propagandas e títulos de colunas em dois jornais impressos locais, *A Tribuna* e *A Gazeta* – escrita sem formato de diálogo; (3) tirinhas de *Marly, a solteirona*, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos – escrita com formato de diálogo; e (4) fala da mídia televisiva em dois programas locais, *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias*. Esses *corpora* nos deram uma visão mais ampla das tendências, já observadas em outras pesquisas, acerca da variação e da mudança do imperativo no português brasileiro. Os estudos da variação do imperativo em algumas localidades brasileiras indicam o distanciamento entre a norma gramatical e o uso do imperativo, observando que essa variação aponta para uma mudança linguística, tendo em vista que, diferentemente do registro da tradição gramatical, formas imperativas associadas ao indicativo (*fala/olha/deixa/dá/vem*) ocorrem amplamente em contexto de uso do pronome *você*. O principal objetivo deste estudo é verificar qual o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto nacional, haja vista a escassez de estudos sociolinguísticos no estado do Espírito Santo, e também contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil. Na oralidade, nossos resultados, com percentual de imperativo associado ao indicativo da ordem de 97%, confirmam o recorte geográfico de capitais, pois se aproximam dos encontrados na oralidade de capitais nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, que apresentam percentuais acima de 90% e se afastam dos resultados de capitais da região Nordeste, especialmente Salvador, a capital da Bahia, que exhibe um percentual global de imperativo associado ao indicativo da ordem de 28%. Os resultados de todos os *corpora* analisados revelaram e confirmam algumas tendências, tais como a forte restrição da negação pré-verbal ao uso do imperativo associado ao indicativo; e o

papel do número de sílabas do verbo no infinitivo; da presença, tipo e posição dos pronomes; dos marcadores discursivos, para o entendimento deste fenômeno variável. Na escrita sem formato de diálogo, em particular, os resultados confirmaram que âncoras discursivas tendem a favorecer também o uso de orações imperativas associadas ao indicativo e que, nesse tipo de escrita, há um grande favorecimento do uso do imperativo na forma subjuntiva. Os dados da mídia televisiva revelaram a importância da presença do diálogo, em eventos comunicativos em que a fala é mais planejada, para o favorecimento do imperativo associado ao indicativo. Em síntese, nossa pesquisa confirmou algumas regularidades se comparadas aos outros estudos, o que indica algumas tendências que ajudam a explicar a variação do imperativo.

Palavras-chaves: imperativo, variação, sociolinguística.

ABSTRACT

This paper analyses the alternation in grammatical imperative mood use under the light of Labovian Sociolinguistics in the city of Vitória/ES, on what concerns forms contemporaneously associated with the indicative mode (*speak/look/let/say*) or with the subjunctive mode (*speak/look/let/say*) in affirmative and negative statements both in speech and writing in the exclusive context of the pronoun *you*. Four *corpora* were used, namely: (1) interviews from the project “The Portuguese Spoken in the City of Vitória - PortVIX”, Federal University of Espírito Santo – interviews labovian; (2) ads, and column headlines in two local newspapers, *A Tribuna* and *A Gazeta* – written in non-dialogue form; (3) comic strips from *Marly, the spinster*, a local character created by cartoonist and writer Milson Herinques over 30 years ago – written in dialogue format; and (4) television media speech in two local TV broadcasts, *Full Account* and *Tribuna News*. Such *corpora* gave us a wider view of the tendencies already noticed in other investigations about variation and change of the imperative mood in Brazilian Portuguese. The studies of imperative mood variation in some Brazilian localities indicate a distance between the Grammar rule and the use of the imperative mood, remarking that such variation points towards a linguistic change considering that, unlike the register of grammatical tradition, imperative mood forms associated with the indicative mode (*speak/look/let/give/come*) occur widely in a context of the use of the pronoun *you*. The main object of this study is to verify the alignment of the imperative mood use in the city of Vitória in the national context, since there is a lack of sociolinguistic studies in the state of Espírito Santo; and also to contribute towards mapping imperative mood use in Brazil. In oral language, our results amounting to 97% of imperative mood use associated with the indicative mode, confirm the geographical clipping of capital cities, as they come close to those found in the oral language of capital cities in the Center-West, Southeast, and South regions, which show percentiles above 90 and are far from the results of the Northeast region capitals, especially Salvador – the capital of Bahia – which boasts a global 28% of imperative mood use associated with the indicative mode. The results of all the analyzed *corpora* have revealed and confirmed some trends, such as the strong restriction of pre-verbal negation to imperative mood use associated with the indicative mode; and the role of the number of syllables of the verb in the infinitive,

the role of the presence, type and position of pronouns, and the role of discourse markers, for the understanding of such a variable phenomenon. In non-dialogue format writing, in special, results confirmed that discourse anchors tend to also favor the use of imperative clauses associated with the indicative mode and that, in such type of writing, there is a great promotion of imperative mood use in the subjunctive form. Television media data have revealed the importance of the presence of dialogue in communicative, in which speech is more planned, towards the favoring of imperative mood associated with indicative mode. In short, our investigation has confirmed some regularity if compared to other studies, which indicates some trends that help explain imperative mood variation.

Keywords: imperative mood, variation, sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria Sociolinguística Variacionista nasceu da tentativa de se compreender a relação entre língua e sociedade e por isso se ocupa da observação e análise de fatores estruturais e sociais que motivam as formas distintas ou variantes de uso da língua. Entretanto, essa variação não é livre e, sim, condicionada por fatores internos e externos à língua. O objeto central de estudo da Sociolinguística Variacionista é o vernáculo, a língua falada no dia-a-dia, especialmente nos empregos linguísticos heterogêneos, considerados, nessa perspectiva teórica, como inerentes a todas as línguas naturais. Para a Sociolinguística Variacionista, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada fora do contexto social em que é utilizada como meio de comunicação.

A língua permeia toda a vida social e, em função disso, é naturalmente dinâmica, apresentando variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de usos. A preocupação central da Sociolinguística é a heterogeneidade linguística e o uso da língua em comunidades de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006)¹.

Em 1968, com a publicação do livro *“Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística”*, Weinreich, Labov e Herzog lançam os princípios para uma teoria da mudança linguística com base em fatos observados empiricamente em pesquisas anteriores. As conclusões alcançadas por estes estudiosos representam um marco para os estudos sobre a mudança linguística em comunidades contemporâneas.

A Teoria Variacionista tal qual a conhecemos hoje tomou corpo na década de 1960, a partir dos estudos do norte-americano William Labov. Antes desses estudos, a mudança linguística vinha sendo estudada por outros teóricos que podem ser considerados os precursores dessa teoria, como, por exemplo, Meillet e Gauchat;

¹ Cf. original: WEINREICH, Uriel, LABOV, William; & HERZOG, Marvin I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change. Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp.95-199.

deste último é o protótipo da abordagem sociolinguística da mudança sonora (LABOV, 2008, p.19-62)². A Teoria Variacionista tem como objetivo sistematizar a heterogeneidade, considerando que esta não é aleatória, pois as escolhas que o falante faz são aquelas dentro das possibilidades permitidas pelo próprio sistema. Assim, o papel da Sociolinguística é correlacionar as variações que ocorrem na expressão verbal com as diferenças sociais, considerando que tanto no domínio linguístico quanto no social os fenômenos são estruturados e regulares, ou seja, as variações não são resultados aleatórios de usos arbitrários da língua, e sim um uso sistemático e regular desta propriedade inerente aos sistemas linguísticos, a variação. Dessa forma, a mudança linguística deve ser estudada com base na concepção de que é possível descrever e analisar sistematicamente as formas distintas de uso de uma determinada língua, considerando-se que “[...] o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o ‘mero’ desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngua” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.36)³.

Ao descrever e analisar um dado fenômeno linguístico, a Sociolinguística possibilita afirmar que duas formas diferentes podem dizer a mesma coisa, sem alterar o sentido básico de um enunciado, ou seja, sem alterar seu valor de verdade. Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*".

Assim, à luz da Sociolinguística, este trabalho analisa a variação de uso do imperativo gramatical no português na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos de diálogos da fala, em contexto exclusivo do pronome *você*. Nosso principal objetivo é verificar qual é o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto

² Cf. original: LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1991.

³ Cf. original: "We will argue that nativelike command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or 'mere' performance, but is part of unilingual linguistic competence" (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.101).

nacional e também contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil, haja vista a escassez de estudos sociolinguísticos no estado do Espírito Santo. A expectativa é a de que os dados do PortVIX evidenciem alinhamento da fala de Vitória com a de outras partes da região Sudeste, que privilegiam a forma contemporaneamente associada ao indicativo no contexto do pronome *você* (*fala/olha/deixa/diz*).

Os estudos da variação do imperativo em algumas localidades brasileiras revelam o distanciamento entre a norma gramatical e o uso do imperativo, observando que essa variação aponta para uma mudança linguística, tendo em vista que, diferentemente do registro da tradição gramatical, formas imperativas associadas ao indicativo (*fala/olha/deixa/dá/vem*) ocorrem amplamente em contexto de uso do pronome *ocê*. Exemplos da fala capixaba, abaixo, ilustram a variação já observada por diversos outros pesquisadores com a análise da fala de outras localidades:

- i. “**DESLIGA** a luz menino”
- ii. “**SOLETRA** pra mim!”
- iii. “**OLHE** eu vou dizer uma coisa pra você”
- iv. “**OLHA** só hoje em dia tá bem”.
- v. “[...] sai daqui menino **DEIXA** estudar”
- vi. “**DEIXA** eu te perguntar”.
- vii. [...] “tô vivo aqui, tô conversando com a senhora numa boa, **DÁ** licença”.
- viii. “**DÊ** pra alguém criar... sei lá entendeu?”.
- ix. “**VEM** cá **ASSINA** aqui”.
- x. “Porque não **VENHA** me dizer que quem ganha salário mínimo vive bem não”.
- xi. “depois não **FALA** que eu não avisei”
- xii. “nunca **PEGA** aquelas verduras que tá com manchinha”
- xiii. “não **REAGE** não”

O uso do imperativo não tem se revelado como marca de diferenças sociais. Entretanto, o aspecto geográfico tem sido visto como decisivo na alternância das formas do imperativo, ora mais associadas ao indicativo (*fala/olha/deixa/dá/vem*), ora mais associadas ao subjuntivo (*fale/olhe/deixe/dê/venha*). Esse recorte geográfico é um fato atestado por pesquisas já realizadas por Scherre et alii (1998); Sampaio (2001); Cardoso (2004); Lima (2005); Jesus (2006); Scherre (2003, 2004).

Os resultados dessas pesquisas associam, predominantemente, a forma subjuntiva à região Nordeste e a forma indicativa às regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Além disso, revelam que há uma grande variação do imperativo em entrevistas labovianas e em outras situações de interação real, enquanto na escrita sem formato de diálogo⁴, a tendência é a predominância do subjuntivo, o que segundo Scherre et alii. (1998) se deve a uma questão sintática, pois esta forma garantiria uma interpretação adequada do imperativo. Já na escrita com formato de diálogo há uma grande variação do imperativo que aponta para a incorporação de uma nova norma que se distancia da norma oficial: o uso do imperativo associado ao indicativo em contexto exclusivo de pronome *você*. Isso se deve ao fato de essa variação não sofrer estigma social, como evidenciam os estudos feitos em peças teatrais por Sampaio (2004) e em revistas em quadrinhos por Scherre (2003; 2004; 2008) e Andrade, Melo & Scherre (2007), por exemplo. Com base nos resultados desses estudos, procuramos analisar a escrita sem formato de diálogo e a escrita com formato de diálogo.

Nossa amostra de escrita sem formato de diálogo se constitui de propagandas e títulos de colunas em dois jornais impressos locais, *A Tribuna* e *A Gazeta*. A análise da escrita com formato de diálogo foi feita com amostras das tirinhas de *Marly, a solteirona*, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos e veiculada diariamente no jornal *A Gazeta*. Essa análise tem por objetivo verificar se houve mudança na escrita e se esse tipo de escrita reflete a fala capixaba.

Finalmente, nossa pesquisa buscou analisar a mídia local tendo como amostra dados de dois jornais televisivos locais, *Balanço Geral*, da Rede Vitória filiada à

⁴ O uso do termo “escrita sem formato de diálogo” utilizado neste trabalho se refere ao conceito de tipologia textual. Nesse sentido, alguns textos reproduzem sequências textuais de situações conversacionais (ADAM apud BRONCKART, 2007). Embora, a escrita sem formato de diálogo seja a forma mais frequente, aqui essa distinção se faz necessária para diferenciarmos o conceito bakhtiniano de dialogismo, que diz que a linguagem é constituída de dialogismo e, conseqüentemente, sempre há uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico (BAKHTIN, 2000); do conceito que assumimos como “escrito com formato de diálogo”, em que consideramos a escrita que tenta reproduzir situações da oralidade, por meio de ícones ou símbolos que remetam a fala, em que há troca de turnos de fala entre emissor e receptor, mesmo que esse não seja estritamente determinado, como nos casos apresentados neste estudo.

Rede Record, e o *Tribuna Notícias*, filiado ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Apesar de serem ambos os telejornais, os programas em questão são de estilos, ou tipo, diferentes: o *Balanço Geral* tem um formato de telejornalismo mais popular, com característica de cunho mais comunitário, mais informal; o *Tribuna Notícias* é um telejornal com formato mais tradicional, mais informativo, embora haja quadro de assistência ao telespectador. O estudo sobre o uso do imperativo gramatical na mídia televisiva se deu por considerarmos a televisão o meio de comunicação mais difundido e acessível à população brasileira e por ser ela uma propagadora das tendências em vários aspectos sociais, incluindo a linguagem utilizada pela comunidade em que ela se insere. Labov (2008, p.246) diz que é possível conseguir dados sistemáticos com as transmissões dos meios de comunicação de massa, rádio e televisão, embora nestes o falante monitore a fala pressionado pelo evento comunicativo. Segundo Marcuschi (2003), o discurso jornalístico configura-se como um domínio discursivo, não podendo ser considerada nem texto e nem discurso, mas sim uma prática discursiva dentro das quais é possível identificar uma variedade de gêneros textuais.

Desta forma, esses contextos são geralmente mais formais que as entrevistas face-a-face, o que os tornam mais propícios ao uso do imperativo associado ao subjuntivo.

É importante ressaltar que não há registro de variação do imperativo nas formas no plural. Segundo Scherre (2004, p.244) em enunciados plurais como “Jovens, envelheçam!”, nem a presença do vocativo, uma das âncoras discursivas, permite uma sentença imperativa associada ao indicativo. A autora diz ainda que enunciados imperativos plurais, com o imperativo na forma associada ao indicativo, parecem mais um caso de sentença assertiva sem sujeito exposto. Faraco (1986, p.11) utiliza sentenças como essas como uma evidência da análise inadequada que associa sincronicamente o imperativo à forma indicativa.

Neste estudo, para o tratamento quantitativo, os dados foram submetidos ao programa *Varbrul*, em especial ao *Goldvarb X* (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005; MOLLICA & BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE; 2006; GUY & ZILLES, 2007).

Esse programa fornece, por meio de frequências e pesos relativos, a relevância estatística dos resultados obtidos. De acordo com Sankoff (1988, p.25), Tagliamonte (2006), Guy & Zilles (2007) e Scherre & Naro (2007, p.164), os pesos relativos fornecem informações sobre o efeito de cada fator em relação às variantes da variável dependente, ao efetuarem cruzamentos entre os grupos de fatores postulados. Dados que apresentam efeito categórico devem ser excluídos da análise quantitativa para a geração dos pesos relativos, que são calculados somente em contextos variáveis. Porém esses dados devem fazer parte da análise linguística, uma vez que podem indicar início ou fim de uma mudança, sendo, portanto, linguisticamente significativos.

Nesta pesquisa, as frequências e os pesos relativos foram calculados levando em consideração a variante associada ao indicativo. O foco é um fenômeno de natureza morfossintática, analisado à luz da Teoria da Variação Linguística Laboviana.

Diante do exposto, acreditamos que este estudo, dentro dos seus limites, contribui para o entendimento e para o mapeamento da variação de uso do imperativo gramatical no português brasileiro. Além disso, contribui para o conhecimento da fala e da identidade linguística capixabas, ao analisar um fenômeno variável pouco saliente socialmente, isto é, que não é perceptível aos falantes e que não sofre estigma social, como, por exemplo, a concordância verbal e nominal.

Este trabalho está organizado em 6 capítulos, além desta introdução, da conclusão e dos anexos.

O primeiro capítulo, intitulado **O imperativo no português brasileiro**, aborda a visão das gramáticas históricas e das gramáticas normativas sobre o modo imperativo: morfologia e valor semântico, e apresenta um tópico sobre a história e uso dos pronomes *tu* e *você*.

O segundo capítulo, **Contando um pouco da história do Espírito Santo e de Vitória**, apresenta uma breve história do estado e de sua capital, abordando aspectos sócio-culturais, que são de fundamental importância para a pesquisa aqui realizada.

O terceiro capítulo, **Fundamentação Teórica e Instrumental Quantitativo**, apresenta as bases teóricas utilizadas e descreve o instrumental adotado. Informa mais detalhes sobre os *corpora* utilizados, apresenta sua caracterização e ainda descreve como foi constituído cada *corpus*.

O quarto capítulo, **O imperativo gramatical na cidade de Vitória**, destina-se à análise dos dados do PORTVIX e faz comparações de alguns fatores com os resultados de outras pesquisas sobre a variação do imperativo gramatical, em especial as cidades do Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA. Além disso, verifica o alinhamento cidade de Vitória/ES no contexto nacional.

O quinto capítulo, **Análise dos dados da escrita**, apresenta a análise dos dados da escrita sem formato de diálogo e dos dados com formato de diálogo. Compara os resultados com outras pesquisas já realizadas a fim de observar as tendências e os fatores condicionantes do uso do imperativo associado à forma indicativa em textos escritos.

O sexto capítulo trata da análise dos dados da mídia, intitulado **Análise dos dados da mídia televisiva**.

Por fim, nas **Considerações finais**, retomam-se os resultados da análise apresentados em cada *corpora*, os quais permitem vislumbrar tendências na variação do imperativo no português brasileiro. Mostra-se que os resultados da língua falada são semelhantes aos resultados de pesquisas nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, os quais evidenciam uma frequência de mais de 90% de associação do imperativo associado à forma indicativa. Em seguida, encontram-se as referências e os anexos, que apresentam as chaves de **CODIFICAÇÃO** e as rodadas dos *corpora* utilizados na pesquisa.

2 O IMPERATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para discorrer sobre o imperativo no português brasileiro, antes é preciso fazer uma breve incursão pela história do imperativo no latim.

Historicamente, segundo Elia (1979, p.229), havia dois tempos para o imperativo: o presente e o futuro. O tempo futuro não se conservou nas línguas românicas. No imperativo presente, algumas formas também se perderam e foram substituídas pelas formas associadas ao presente do indicativo ou subjuntivo. Para o imperativo presente havia somente as segundas pessoas do singular (*tu*) e do plural (*vós*).

Na língua culta, o imperativo negativo era formado independentemente do imperativo afirmativo. A partícula negativa *ne* era muito utilizada, mas com o tempo passou a *non*, mesmo com algumas proibições na língua clássica. No entanto, devido ao grande uso na linguagem popular, a partícula *non* foi transferida para as línguas românicas. Em português, essa partícula juntou-se à segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo com valor mais genérico (ELIA, 1979, p.230).

Nas gramáticas históricas, é possível encontrar os processos morfo-fonológicos das formas verbais imperativas do latim ao português. De acordo com Silveira (1960), as desinências das flexões do imperativo foram originadas das formas do presente do imperativo do latim, isso porque as terminações portuguesas *-a, -ade>-ai* (primeira conjugação); *-e, -ede>-ei* (segunda conjugação); *-e, -ide>-i* derivam, respectivamente, das terminações do latim popular: *-a, -ate; -e, -ete; -i, -ite*. Já Said Ali (1966, p.157), numa visão sincrônica, afirma que as formas próprias do imperativo, segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural, de maneira geral não diferem das formas pessoais do presente do indicativo a não ser pela eliminação do *-s* final: *canta, cantai; traze, trazei; faze, fazei*, por exemplo.

Na visão de alguns autores das gramáticas tradicionais contemporâneas, o imperativo na língua portuguesa é formado pelo imperativo afirmativo e imperativo negativo. Desse modo, para o imperativo afirmativo há duas formas próprias para a segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural (*tu* e *vós*), sendo que as

demais pessoas são formas derivadas do presente do subjuntivo, incluindo todas as pessoas do imperativo negativo (BECHARA, 2003; CUNHA e CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2007).

Assim, de forma geral, os gramáticos contemporâneos registram o seguinte em relação ao imperativo com sujeitos *tu* e *você*:

- Imperativo afirmativo e negativo em contexto de pronome *tu*: olha/não olhes; fala/não fales.
- Imperativo afirmativo e negativo em contexto de pronome *você*: olhe/não olhe; fale/não fale.

Entretanto, o uso do português brasileiro não é exatamente como registram as gramáticas sendo bastante comum encontrar, em contexto de pronome *você* ou de *Senhor*, estruturas do tipo:

- i. “tô vivo aqui, tô conversando com a senhora numa boa, **DÁ** licença”.
- ii. “**PARA** com isso...isso não é certo”.
- iii. “**OLHA** você vê bem hem...isso daí não tem nada a ver... não seja... tão violento... tão... **BRINQUE**... não **BRINCA** assim não... não **BRINCA** batendo não... não **BRINCA** com arma”

Versando sobre a sentença imperativa no português do Brasil, Faraco (1986, p. 01) verificou que, em sentenças imperativas em contexto de segunda pessoa do singular, há duas possibilidades de ocorrência:

- a) **CANTE** essa música agora!
- b) Não **CANTE** essa música agora!

que, segundo o autor, podem ser consideradas como formas básicas, uma vez que o tratamento do interlocutor no Brasil é predominantemente feito com formas linguísticas que ocorrem com a terceira pessoa verbal. Porém, de acordo com

Faraco (1986, p.02), e como já vimos e exemplificamos, há no português brasileiro a possibilidade de ocorrerem orações como:

- c) **CANTA** essa música agora!
- d) Não **CANTA** essa música agora!

Essas ocorrências, além de estarem em oposição àquelas classificadas como básicas, evidenciam uma negação direta da estrutura afirmativa, opondo-se à tradição gramatical que registra, nesse ambiente, a forma associada ao subjuntivo, segundo Faraco (1986, p.02).

Ainda de acordo com Faraco (1986, p.02-03), não há um consenso entre os gramáticos contemporâneos acerca dessas sentenças. Para alguns estudiosos, Chaves de Mello, Mattoso Camara, Pontes, essas sentenças são imperativas, já para outros são sentenças indicativas. Para tentar compreender o fenômeno, o autor diz que primeiro deve-se observar que a forma imperativa e o presente do indicativo são morfologicamente idênticas (*Canta*), o que levanta suspeitas se de fato é uma sentença imperativa ou indicativa. Essa homofonia, de acordo com Faraco (1986, p.05), é, historicamente, resultado da perda –*t* final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo. O autor afirma que sentenças como *c* e *d* apresentam características que garantem uma leitura imperativa: a ausência de sujeito superficial, a realização de atos impositivos e a entonação (FARACO, 1986, p.05).

Paredes Silva; Santos & Ribeiro (2000, p. 121-122), em estudo sobre a variação da segunda pessoa e a forma do imperativo em peças teatrais escritas ou ambientadas no Rio de Janeiro, de meados do século XIX até a década de 90 do século XX, constataram que, a partir da década de 20 do século XX, o pronome *you* passou a ser utilizado como pronome pessoal e isso causou um desequilíbrio também nas formas verbais, ou seja, o *you* passou a ser empregado com flexão verbal de terceira pessoa, mas que isso não se estendeu ao imperativo, que conservou a forma própria de segunda pessoa do singular. Desse modo, o imperativo tem apresentado duas formas variáveis em contexto de pronome *you*: ora aparece associado à forma indicativa, ora aparece associado à forma subjuntiva. Embora não sigam o registro da tradição gramatical, Paredes Silva; Santos & Ribeiro (2000, p.

121-122) concordam com Faraco (1986) que sentenças como (c) e (d) são imperativas.

De acordo com Faraco (1986, p.08):

Os traços pragmáticos peculiares da forma *não canta*, no caso do português, foram posteriormente estendidos à forma positiva do português brasileiro, extensão que se tornou possível pelo fato de a forma positiva ter perdido, nas variedades brasileiras, seu estatuto de forma básica, não-marcada do imperativo singular, em detrimento da ampla predominância de *você* sobre *tu* no Brasil.

Faraco (1986, p.13-14) conclui então que, do ponto de vista sincrônico, não há relação direta entre o uso do imperativo e a forma de tratamento no português do Brasil. Entretanto, diacronicamente, apenas as segundas pessoas *tu* e *vós* tinham modo imperativo afirmativo com morfologia e sintaxe própria.

Segundo Scherre (2007, p.195-197), há que se notar uma regularidade da relação entre as formas imperativas latinas (com a supressão da última sílaba) e o infinitivo, bem como entre a forma imperativa latina, a segunda pessoa do singular do presente do indicativo (sem o –s final) e a terceira pessoa do singular do presente do indicativo sem o –t final, fato discutido por Faraco (1986, p.05). Para Faraco (1986, p.05) o que ocorreu foi uma confluência da terceira do singular do indicativo presente com as formas do imperativo singular devido à queda do –t final dessas formas.

A questão apresentada por Scherre (2007, p.197) fica evidente nos exemplos abaixo:

Infinitivo → LAXARE (deixar)

Segunda pessoa do imperativo afirmativo singular → LAXA (deixa)

Segunda pessoa singular do presente do indicativo → LAXAS (deixa/deixas)

Terceira pessoa singular do presente do indicativo → LAXAT (deixa)

Voltando a Faraco, o autor afirma que, sincronicamente, no imperativo singular do português há três pares de formas:

- a) *canta/não cantes* (português europeu) [...] são formas tradicionais da segunda pessoa do singular, do imperativo, herdadas do latim; amplamente usadas no português europeu, mas praticamente extintas do português brasileiro;
- b) *cante/não cante* (português brasileiro e europeu) [...] são usadas no Brasil como as formas singulares básicas do imperativo; e, em Portugal, correspondendo a *você* e a todas as outras formas de tratamento não familiar, que combinam com a terceira pessoa verbal;
- c) *canta/não canta* (português brasileiro): [...] constituem um par bastante peculiar que tem levantado problemas descritivos para quantos vêm estudando o português (FARACO, 1986, p. 03-04).

Faraco (1986, p.07) argumenta ainda que a forma *Canta!* representa uma especialização pragmática, em que a forma negada *Não canta!* emerge paralela à forma básica (*Não cantes*), com restrições de uso. O autor salienta que esse par tem conteúdo semântico específico, e tem valores discursivos diferentes sendo usada para reforçar atos de fala como, por exemplo: um pedido atenuado, uma ordem rude, uma súplica humilde, para explicitar relações de poder ou de solidariedade e, finalmente, quando ocorre a súplica em contextos de assimetria, em que o falante seja a parte mais fraca.

Todavia, resultados de pesquisas sobre o imperativo gramatical no português brasileiro têm mostrado que há um recorte geográfico quanto ao uso do imperativo gramatical, por exemplo, na região Sudeste, onde predomina o uso do imperativo associado ao indicativo, sendo assim a forma menos marcada. Dessa forma, os contextos de uso arrolados por Faraco (1986) podem não se aplicarem a essa região.

2.1 OS PRONOMES DE TRATAMENTO *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS DO BRASIL

A língua, enquanto entidade social, está sujeita a sofrer mudanças determinadas também pelas mudanças nas relações sociais, além dos condicionantes linguísticos. Faraco (1996), num estudo diacrônico sobre o pronome de tratamento *você* no

português brasileiro, procurou observar quais aspectos socioculturais desencadearam a mudança de formas de tratamento no português.

O autor observa que este estudo é um exemplo interessante de como mudanças linguísticas são determinadas por fatores sociais. Para explicar de que forma se deu essa mudança, o autor descreve fatos sociais, históricos e linguísticos que influenciaram a mudança ocorrida nas formas de tratamento no português.

O sistema latino tardio estava organizado em torno de dois eixos: o paradigma do pronome *tu*, para a referência singular menos formal, e o paradigma do pronome *vós* usado tanto para referência formal a um único interlocutor (tratamento singular formal), como para referência universal a mais de um interlocutor. Sendo assim, no paradigma verbal havia formas verbais específicas para as segundas pessoas do singular e do plural.

A partir da metade de século XIV, conforme Faraco (1996, p.56), a burguesia passou a competir com a nobreza no campo político e econômico, o que acarretou o surgimento de novos padrões sociais de vestimenta, de alimentação e de tratamento entre os interlocutores. Para definir seu papel, a nova aristocracia passou a adotar inovações na configuração social caracterizada pela ascensão da burguesia e pela centralização do poder na figura do rei.

E a língua – como o mais sensível indicador de mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/ Voloshinov (1973, p.19) não poderia deixar de se adaptar a nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas (à medida que estabeleciam novas possibilidades no emaranhado das relações interpessoais) (FARACO, 1996, p.57).

Com base nessa afirmação, o autor diz que o pronome *vós* já não era suficiente para designar o rei, surgindo assim outras formas de tratamento de segunda pessoa com a função de diferenciadora, dos quais a forma mais antiga parece ser *Vossa Mercê* (FARACO, 1996, p.58). Com o surgimento das novas relações sociais, várias formas de tratamento para o rei foram surgindo, tais como *Vossa Mercê* (de origem ibérica) e *Vossa Senhoria* (de origem italiana), que foram criações medievais relacionadas às duas mais importantes instituições medievais: a mercê do rei, distribuição da

justiça e com a proteção real; e o senhorio, poder feudal relacionado com a posse de vastas extensões de terra e com o instituto de vassalagem.

Ainda segundo Faraco (1996, p.59), a progressiva alteração do valor social dessas formas em Portugal provocou a expansão do uso de algumas delas, em especial *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, as quais passaram a ser utilizadas no tratamento não íntimo entre os iguais da aristocracia. *Vossa mercê* perdeu seu valor honorífico para a aristocracia devido seu uso social amplo no tratamento não íntimo.

No Brasil, segundo Faraco (1996, p.64), a partir da ocupação européia, as maneiras predominantes de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de *vossa mercê*, até chegar, hoje, à forma *você*.

Atualmente, no Brasil, o pronome *você* é de uso generalizado. Em algumas cidades brasileiras, onde se registra o uso predominante de *você* e suas variantes, como, por exemplo, Vitória/ES, Belo Horizonte/MG e Salvador/BA, *você* é o pronome comumente utilizado para tratamento informal, menos marcado. Há trabalhos que evidenciam que a forma *cê* é que é marca de solidariedade entre os pares, segundo Gonçalves (2008, p.213), em pesquisa sobre a variação de uso dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* na cidade de Arcos, Minas Gerais.

A forma *tu*, por seu turno, variedade característica de algumas cidades brasileiras, é íntima, informal e mais solidária. Em Porto Alegre, *você* é estranho a comunidade; em Fortaleza e em Belém, *você* tem usos minimamente menos informais (SCHERRE, 2007, p.203-206).

Em relação à variação do imperativo, vale lembrar que pesquisas sobre o imperativo no português do Brasil apontam para uma relação difusa entre as formas do imperativo e os tipos de pronome de segunda pessoa. Segundo Scherre (2007), existem contextos geográficos de uso exclusivo do pronome *você* com uso de imperativo associado ao indicativo (Goianésia/GO, Campo Grande/MS, região Centro-Oeste; Vitória/ES, região Sudeste).

Jesus (2006, p.36) diz que “as formas verbais do imperativo não têm mais associação evidente com o tipo de pronome”. Isso pode ser constatado nos resultados de pesquisas sobre o imperativo e formas verbais. No Rio de Janeiro, o uso do *tu* concorda categoricamente com a terceira pessoa verbal, isto é, é acompanhado de verbo na terceira pessoa, e não se restringe aos mais jovens e nem às camadas sociais mais baixas (PARADES SILVA, 2003). Lucca (2005, p.115), em estudo sobre a variação *tu/você* na fala brasileira, constatou o uso frequente do *tu* sem concordância na fala dos adolescentes em contexto solidários.

As pesquisas nas cidades de Vitória/ES, Salvador/BA e Rio de Janeiro/RJ podem exemplificar claramente a falta de associação evidente entre o uso do imperativo e o tipo de pronome. Na cidade de Vitória o contexto discursivo é exclusivamente de *você* e o uso do imperativo associado à forma indicativa é, como veremos, de cerca de 97% dos casos variáveis. Em Salvador, contexto também exclusivo de *você*, o uso do imperativo associado à forma indicativa é de cerca de 28% e, na cidade do Rio de Janeiro, em que subsistema é *você/tu*, o uso do imperativo associado ao indicativo é de aproximadamente 94% (SAMPAIO, 2001).

Ainda sobre a relação dos pronomes *tu* e *você* e a variação do imperativo gramatical no português brasileiro, Cardoso (2009, p.118), em dados de fala de fortalezenses moradores de Brasília, e Jesus (2006, p.82), em dados da fala de Recife, constataram que a presença de *tu* tende a favorecer fortemente o uso da forma associada ao indicativo, enquanto a presença explícita de *você* desfavorece o uso dessa e sua ausência no contexto tende a aumentar o percentual de imperativo na forma indicativa. Os resultados obtidos e analisados por Cardoso (2009, p.119) apontam a quase categoricidade de imperativo associado ao indicativo em contexto de pronome *tu*. Isso indica então que a maior tendência de variação do imperativo é o contexto de pronome *você*, sobretudo, a ausência de pronome no plano da sintaxe.

3 CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO E DE VITÓRIA⁵

O Estado do Espírito Santo é formado por uma multiplicidade de culturas, resultado da longa imigração. Vários povos, alemães, pomeranos, portugueses, espanhóis, holandeses, libaneses, poloneses e, sobretudo, italianos, colaboraram para a grande diversidade cultural existente nesse território de 46 184,1 km² no litoral brasileiro. O que cada um desses povos trouxe para essa terra foi somando-se a outras culturas aqui existentes, africana e indígena, e é essa terra culturalmente plural que chamamos de Espírito Santo.

Com 78 municípios e uma população de aproximadamente 3.351.669 (2007 - IJSN), a terra dos capixabas situa-se na região Sudeste do Brasil. O termo capixaba deriva das roças de milho localizadas na ilha de Vitória, que pertenciam aos índios que originalmente habitavam a região quando da chegada dos portugueses. O estado do Espírito Santo “conta com praias paradisíacas, com culinária à base de peixes e frutos do mar e com o clima ameno de montanha, onde se pode degustar vinho, licores, biscoitos caseiros, massas, em propriedades de agroturismo”. No litoral, predomina a música local de origem indígena e africana, o Congo, mais na região metropolitana do Estado; no norte capixaba, mais especificamente na cidade de São Mateus, a música de origem africana, o Ticumbi; já na região de montanha, a tradição das danças folclóricas dos descendentes europeus garante a preservação da cultura dos imigrantes.

O Estado foi batizado com esse nome por Vasco Fernandes Coutinho, em 23 de maio de 1535, quando aqui chegou com o sonho de encontrar riquezas. Devido à coincidência da data de chegada com a comemoração do divino Espírito Santo, chamou a capitania de Vila do Espírito Santo. O desembarque aconteceu na região da Prainha, na cidade de Vila Velha, próximo ao Morro do Moreno (Vila Velha é uma das cidades mais antigas do Brasil, hoje com 474 anos).

⁵ As informações sobre Espírito Santo e Vitória foram extraídas, dos sites: <<http://www.es.gov.br/site/turismo/index.aspx>>; <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_\(estado\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_(estado))>. Acesso em 10 Jan. 2010

A capitania de Vasco F. Coutinho sofreu vários ataques indígenas, o que forçou os sobreviventes a abandonarem a vila e se refugiarem nas capitanias vizinhas ou a formarem novos povoados. A nova povoação recebeu o nome de Vila Nova do Espírito Santo (hoje Vitória), lugar onde começou de fato o povoamento da capitania.

A capitania sofreu muitas tentativas de invasões: vieram franceses, ingleses e holandeses e todos foram expulsos. Durante essas tentativas de invasões, há relatos de batalhas com auxílio de uma jovem que ajudou a expulsar os invasores jogando neles vários baldes de água quente e detritos. Essa jovem ficou conhecida como uma heroína capixaba, Maria Ortiz.

O litoral da Vila do Espírito Santo, após a descoberta de ouro no interior do seu território, passou a servir de barreira contra os invasores. Dessa descoberta nasceu a capitania de Minas Gerais e a Vila do Espírito Santo ficou conhecida como “barreira verde”. Nesse período, os fortes foram reformados e abertura de estradas para o interior foi proibida para dificultar o acesso ao caminho que levava às minas. Nesse período, a capitania Vila Espírito Santo foi anexada à capitania da Baía de Todos os Santos (atual estado da Bahia), o que acarretou o povoamento do norte da Vila do Espírito Santo, principalmente do município de São Mateus.

Somente com a Independência do Brasil é que as lavouras de café chegaram ao sul do estado, provocando o povoamento de todo o interior. O café foi o responsável pelo primeiro sinal de progresso e de enriquecimento do estado, sendo sua maior fonte de renda até 1960.

O plantio do café foi a principal atividade dos imigrantes europeus que para essa terra vieram. Foram milhares de italianos, alemães e pomeranos. Atualmente, estima-se que cerca de 70% da população capixaba possua descendência italiana e alemã, sendo a grande maioria de descendente de italianos.

Hoje, com um grande complexo portuário, a segunda maior produção de petróleo do país, uma das maiores reservas de gás natural, além da grande produção de celulose, rochas ornamentais e possuidor de uma rica e diversificada agricultura, o Estado do Espírito Santo busca tornar-se tão desenvolvido quanto os outros estados

da região Sudeste, os quais se desenvolveram mais rapidamente, para perder a referência pelo qual é conhecido, uma província.

É na região metropolitana que estão os municípios denominados de Grande Vitória: Guarapari, Vila Velha, Cariacica, Viana, Serra, Fundão e Vitória. Vitória é a capital do Estado. Vitória com toda magia que lhe é peculiar: de ilha do mel (ou guaananira), como era conhecida pelos nativos, a Cidade Presépio, cognome dado por Aerobaldo Léllis, médico e jornalista. Sobre isso o historiador Elmo Eston diz “e parecia mesmo um presépio, que ainda mais belo se tornava à noite, com a iluminação feérica e colorida dos logradouros, tendo, fizesse luar, a lua como que caída do alto dos seus montes para boiar nas águas mansas da ilha” (ELTON apud LIMA JUNIOR, BONICENHA; SOARES, 1994, p.46), encantando a todos que nela vivem. Trata-se de uma das três capitais do país formadas por ilhas, as outras são Florianópolis e São Luís.

Foi a partir da década de 60 que o estado teve um intenso processo de industrialização, sobretudo na região da Grande Vitória. Esse processo acarretou uma urbanização intensa e rápida, e a capital, bem como os outros municípios da região metropolitana, receberam migrantes de outros estados e do interior capixaba atraídos pelo crescimento da economia. Cariocas, mineiros, paulistas e baianos trouxeram singularidades de suas culturas, formando o mosaico cultural capixaba.

Além da ilha principal, Vitória, fazem parte do município outras 34 ilhas e uma porção continental, perfazendo um total aproximado de 93,38 km². Originalmente eram 50 ilhas, muitas das quais foram agregadas por meio de aterro à ilha maior.

A capital do Espírito Santo é uma das mais antigas do Brasil, data de 1551. Das tradições de pescadores e paneleiras ao conjunto de edificações e monumentos do Centro Histórico, passando por igrejas e conventos seculares, Vitória reúne passado e presente no mesmo cenário de beleza. Uma cidade que levanta âncora rumo ao futuro sem esquecer seu passado.

Entre as capitais do Brasil, Vitória possui o 3º melhor índice de Desenvolvimento Humano⁶ e lidera o ranking de capitais com a maior renda per capita com R\$ 26.534, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2003)⁷. A média de anos de estudo da população com 15, 25 anos ou mais é de 9,1 anos.

Segundo o Censo 2000 (IBGE)⁸, a população de Vitória é formada por imigrantes de várias partes do país, sobretudo oriundos dos estados de Minas Gerais (29.095), do Rio de Janeiro (12.383) e da Bahia (10.460)

Diante da pluralidade cultural do estado do Espírito Santo, faz-se necessário que estudos linguísticos busquem explicitar e explicar os traços da variedade capixaba. Variedade essa sentida como não-marcada tanto por brasileiros de outros estados quanto pelos nativos dessa terra. Há que se pontuar a importância de estudos que busquem explicitar a identidade linguística do capixaba, uma vez que a língua é um patrimônio cultural de um povo e diz muito sobre quem são os usuários dessa língua, além de proporcionar o conhecimento de falares de outras regiões do Brasil.

É nesse sentido que procuramos nessa pesquisa explicitar um aspecto linguístico de um divisor geográfico entre as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, que são as duas capitais intermediárias com Vitória na linha litoral, a saber, a expressão gramatical do imperativo na perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

⁶ Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab03.pdf>> Acesso em 10 Jan. 2009

⁷ Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em 28 Mar. 2010.

⁸ Disponível em <<http://www.ijsn.es.gov.br>> Acesso em 28 Mar. 2010

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E INSTRUMENTAL QUANTITATIVO

Neste capítulo será apresentada uma descrição do modelo teórico-metodológico que serviu de base à presente pesquisa, a teoria da Sociolinguística Variacionista com base, fundamentalmente, nas ideias de Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog e David Sankoff.

4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociolinguística Variacionista coloca o estudo da linguagem no contexto social, considerando que a relação entre língua e sociedade é intrínseca, de modo que não pode ser questionada, pois a história da humanidade se construiu sobre e a partir de um sistema de comunicação oral. Se, para as correntes estruturalistas da linguística, a língua é tida como uma entidade abstrata e independente de fatores sociais, sendo, então, possível estudá-la como um sistema autônomo, para a Sociolinguística a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. Labov⁹ (2008, p.354-355) ressalta que “nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento”, e um dos fundamentos da Sociolinguística postula justamente que fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126)¹⁰.

Os estudos de William Labov na Ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, em 1963, contribuíram para evidenciar a importância da influência de fatores sociais para o entendimento do processo de variação e das mudanças linguísticas. Nesse estudo, Labov (2008)¹¹ empreendeu uma pesquisa sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos, na qual analisou a mudança de um fenômeno fonético. Os resultados da pesquisa mostraram que

⁹ Cf. original: “Not every linguistic change receives overt social evaluation or even recognition” (1991, p.308).

¹⁰ Cf. original: WEINREICH; LABOV; HERZOG (1968).

¹¹ Cf. original: LABOV (1991).

traços sociais e linguísticos condicionavam a variação da pronúncia dos ditongos centralizados /ay/ e /aw/ que alternavam o grau de elevação na fala dos vineyardenses. Em termos sociais, Labov (2008) concluiu que a explicação para maior ou menor centralização desses ditongos estava relacionada à atitude do falante em relação à ilha, isto é, aqueles que tinham uma atitude positiva em relação a Martha's Vineyard produziam um grau de centralização mais elevado da base dos ditongos.

Esse trabalho inaugurou uma nova forma de estudar os mecanismos de mudança e variação linguística, pois evidenciou que fatores sociais e linguísticos estão intimamente relacionados e, portanto, não devem ser desconsiderados em uma análise que pretende entender os fatores condicionantes e motivadores tanto da mudança quanto da variação linguística, além de explicar de que forma estes fatores se correlacionam e que pressão exercem sobre o sistema linguístico. Labov (2008) pretendia explicitar a relação inerente entre língua e sociedade.

Para Labov (2008, p.21)¹², “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma *força social imanente* agindo no presente vivo” (grifos nossos).

A Teoria da Variação tem como objeto de estudo a variação, “entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2007, p.10). A língua, então, não é autônoma, pois depende do contexto social, histórico e cultural da comunidade em que ela ocorre. Nesse sentido, para Weinreich, Labov, Herzog, (2006, p.125)¹³ “A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através das regras que governam a variação na comunidade de fala”

¹² Cf. original: “Social pressures are continually operating upon language, not from some remote point in the past, but as an immanent social force acting in the living present” (LABOV, 1991, p.3).

¹³ Cf. original: “The association between structure and homogeneity is an illusion. Linguistic structure includes the orderly differentiation of speakers and styles through rules which govern variation in the speech community” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.187).

Nesse sentido, um dos corolários da abordagem Sociolinguística “é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional¹⁴” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36).

Labov (2008, p.20) diz ainda que “nem todas as mudanças [linguísticas] são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação”.¹⁵ Para tanto é preciso e possível isolar contextos sociais e linguísticos em que determinada variação ocorre, para que se entendam as restrições e as motivações que a condicionam.

O instrumental quantitativo utilizado pela Sociolinguística é o programa de regra variável, o *Varbrul*, que oferece um tratamento estatístico às variantes e aos fatores linguísticos e extralinguísticos que concorrem para a variação, o que antes era considerada pelos estudiosos como variação livre passa a ser considerada como alternâncias condicionadas por fatores estruturais e sociais que exercem pressão sobre os fenômenos linguísticos variáveis em estruturas como, por exemplo:

- i. “**OLHE** eu vou dizer uma coisa pra você”.
- ii. “**OLHA** só hoje em dia tá bem”
- iii. “Nossa **OLHA** só como ela é desenhista”

em que temos duas variantes em alternância, funcionando como marcadores (i e ii) e não-marcadores discursivos (iii), co-ocorrendo simultaneamente na mesma comunidade. Diante desse fato, o papel da Sociolinguística é o de explicar os fatores internos e externos da língua que condicionam essa variação.

¹⁴ Cf. original: “In a language serving a complex (i.e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.101).

¹⁵ Cf. original: “Not all changes are highly structured, and no change takes place in social vacuum. Even the most systematic chain shift occurs with a specificity of time and place that demands and explanation” (LABOV, 1991, p.2)

Weinreich; Labov; Herzog (2006, p.35)¹⁶ questionam ainda “se uma língua tem que ser estruturada a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?” A resposta para essa questão reside na possibilidade de se descreverem de forma ordenada as mudanças e variações linguísticas através do controle das restrições linguísticas e sociais que condicionam determinado fenômeno linguístico variável.

Labov (2008, p.13)¹⁷ justifica que o termo sociolinguística nasceu da necessidade de se diferenciar de outras abordagens linguísticas que não consideram o social e não trabalham com dados reais de uso da língua e tampouco consideram o fenômeno da variação em seus estudos. O linguista conta que resistiu durante muito tempo ao rótulo Sociolinguística, pois não concebia um estudo linguístico que não incorporasse o social, pois para Labov (2008, p.13)¹⁸ não pode existir uma prática linguística bem sucedida que não seja social.

Se língua é identidade de uma comunidade, não há como não se considerar o social quando se fala em Linguística. O uso da língua reflete muito uma sociedade, sistema que nos faz comunicar, dizer de variadas formas que amamos, odiamos, ou pedimos desculpas, que nos arrependemos ou quanto queremos algo. As experiências são compartilhadas pelas pessoas que fazem parte de uma comunidade e isso se reflete também no uso da língua, na forma como elas se comunicam.

4.2 INSTRUMENTAL QUANTITATIVO

A variação laboviana pressupõe formas diferentes de se falar a mesma coisa, ou seja, a alternância de uso entre duas formas linguisticamente, no aspecto estrutural, mas com têm o mesmo sentido, em linhas amplas. Sendo assim, uma variável pode ser binária, se houver duas variantes, ou enária quando houver mais que duas

¹⁶ Cf. original: “After all, If a language has to be structured in order to function efficiently, how do people continue to talk while the language changes, that is, while it passes through periods of lessened systematicity?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.100).

¹⁷ Cf. original. Labov (1991)

¹⁸ Cf. original. Labov (1991)

variantes (SCHERRE & NARO, 2007, p.147). Neste estudo, a variável dependente é binária, constituída por duas variantes: o uso do imperativo na forma associada ao indicativo e o uso do imperativo associada à forma subjuntiva.

- i. “**OLHA**, eu acho, que a partir dos 12 de 11 em diante.”
- ii. “**OLHE** eu vou dizer uma coisa pra você”.

Partindo do pressuposto de que nenhuma variação é livre, sendo, portanto, condicionada, é preciso que se identifiquem os conjuntos de contextos sociais e linguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso das variantes da variável dependente sob análise (SCHERRE & NARO, 2007). Nesta análise, considera-se que tanto fatores internos como externos à língua exercem pressão sobre a variação. Por isso estabelecemos neste estudo três grupos de fatores sociais e quatro grupos de fatores linguísticos para a codificação dos dados e sua posterior análise.

Como dito anteriormente na introdução deste trabalho, para tratar quantitativamente os dados, utilizamos o pacote *Varbrul*, aqui em especial a versão *Goldvarb X* (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005; MOLLICA & BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE; 2006; GUY & ZILLES, 2007). Esse programa é uma ferramenta estatística que pode ser utilizada para qualquer fenômeno variável, mas é preciso ressaltar que é uma ferramenta de auxílio, pois a maior responsabilidade em todo o processo de levantamento, codificação e interpretação dos resultados cabe ao pesquisador. Do ponto de vista da Teoria Sociolinguística, é o pesquisador que irá fazer a análise dos números apresentados pelo programa.

Para se usar uma ferramenta que extraia cálculos quantitativos, Sankoff (1988, p.01) diz que:

[...] a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho linguístico, e sempre que esta escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer a noções e métodos estatísticos conhecidos pelos estudiosos de variação linguística como *regras variáveis*.

O *Varbrul* (*Goldvarb X*) é um programa que calcula as frequências e pesos relativos por meio dos vários cruzamentos entre os grupos de fatores, ou variáveis independentes, a fim de encontrar as variáveis com significância estatística.

Na codificação dos dados, cada fator de cada variável independente recebe um único código a fim de que o programa possa gerar as frequências absolutas e as frequências relativas em relação às variantes da variável dependente. Após a codificação, é feita a primeira análise dos dados, observando as frequências absolutas e as relativas. Nessa etapa, os resultados podem indicar os contextos invariantes, de fatores de efeito categóricos, se houver. Como esse instrumental apenas produz pesos relativos para fenômenos linguísticos variáveis, os fatores de contextos invariáveis devem ser eliminados ou amalgamados antes da etapa da análise quantitativa que calcula os pesos relativos dos fatores. Segundo Scherre & Naro (2007, p.152), “os dados que evidenciam real efeito categórico são, todavia, de fundamental importância para se ter uma visão de conjunto do fenômeno linguístico sob análise. Portanto, eles não são retirados da análise linguística”, são apenas retirados da análise quantitativa para que o programa possa gerar os pesos relativos. Assim, segundo os mesmos autores e todos os demais que escrevem sobre o *Varbrul*, a decisão de amalgamar ou eliminar os fatores de efeito categórico deve ser tomada com base em critérios linguísticos e estatísticos. De acordo com Guy & Zilles (2007, p.159), para eliminar ou amalgamar fatores de efeitos categóricos é preciso considerar a quantidade de dados, pois podem ser supostos contextos de efeito categórico, como nos casos representados por apenas um dado. O pesquisador deve ter em mente que, na análise quantitativa, “queremos combinar fatores que são linguisticamente ou socialmente semelhantes, ou que podem ser tratados como subtipos de uma supercategoria, e que ao mesmo tempo são semelhantes em termos quantitativos” (GUY & ZILLES, 2007, p.160). Na segunda etapa, os grupos de fatores são submetidos ao cálculo de pesos relativos.

O programa oferece um nível de significância (*threshold*), que no pacote de programas *Varbrul* é de 0,05, ou seja, há aproximadamente cinco chances em 100 de a hipótese nula ser inadequadamente rejeitada. A hipótese nula “é a de que nenhum dos fatores examinados exerce qualquer efeito sistemático no processo de escolha” (SANKOFF, 1988, p.8). Ou seja, há de fato efeitos reais no processo de

escolha entre as variantes, então a hipótese nula deve ser refutada. Diversos cruzamentos são feitos automaticamente pelo *Varbrul* a fim de refutar ou não a hipótese nula.

O *likelihood* é a medida de ajuste entre o modelo e os dados, denominada logaritmo da função de verossimilhança, que é computada para cada rodada. (GUY, 2007, p.44). O programa trabalha com o método *step up* em que um grupo de fatores mais importante é escolhido e o compara com os demais grupos, um a um, e seleciona um segundo grupo, se houver significância estatística e faz novamente a comparação entre os dois grupos selecionados e os grupos restantes. Efetua este procedimento até que não reste nenhum grupo de fatores estatisticamente significativo. Para tirar todas as dúvidas, o programa trabalha com o processo inverso, ou seja, atribui “pesos relativos a todos os fatores de todas as variáveis independentes num só nível de análise” (SCHERRE & NARO, 2007, p.165), e retira um a um todos os grupos para o teste inverso ou complementar. Esse processo é denominado *step down*, cujo objetivo é verificar se as variáveis efetivamente selecionadas não foram eliminadas, se todas as variáveis não selecionadas foram eliminadas e se há variáveis que não são nem selecionadas nem eliminadas (SANKOFF, 1988, p.991). O conjunto dos pesos relativos mais significativo estaticamente, aquele nível em que se encontram todas e apenas as variáveis consideradas significativas, é o que vai prioritariamente compor a apresentação visual dos resultados, por meio de gráficos e/ou tabelas.

Esse instrumental estatístico, o pacote de programas *GoldvarbX*, é uma poderosa ferramenta que possibilita ao pesquisador sintetizar, quantificar, manipular, recodificar grupos de fatores. Contudo, é importante frisar que “devemos ter sempre em mente que a estatística é apenas uma ferramenta que nos auxilia se formos bons cientistas; de outra forma, ela nos fornecerá números sem qualquer significado” (SCHERRE & NARO, 2007, p.153).

Assim, pontuamos, novamente, que os números são apenas números, como diz Guy (2007), é o olhar do pesquisador que irá direcionar a pesquisa, desde a escolha da variável dependente, os grupos de fatores que serão controlados e a análise dos resultados, mesmo aqueles que o instrumental quantitativo não seleciona como

significativo, pois apenas o pesquisador é capaz de observar e entender o efeito de um determinado fator na vida real.

4.3 DESCRIÇÃO DOS *CORPORA*

Neste item, iremos descrever os corpora utilizados na realização desta pesquisa.

4.3.1 Projeto “O Português Falado na Cidade de Vitória” - PortVIX

Para realizar a análise da variação do uso do imperativo na fala da cidade de Vitória/ES, o primeiro procedimento foi a identificação dos dados relevantes do *corpus*, “Português Falado na Cidade de Vitória”, doravante PortVIX.

O PortVIX faz parte do Núcleo de Pesquisa em Linguística do Espírito Santo (NUPLES). Este projeto, de orientação variacionista, iniciou-se em 2000 sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Lilian Yacovenco e da Prof.^a Dr.^a Maria da Pena Lins, e tinha como objetivo gravar a fala natural espontânea de informantes nascidos em Vitória, divididos segundo as variáveis relativas ao sexo do informante, à sua idade e à sua escolaridade. Foram selecionados, por meio de sorteio, 46 informantes distribuídos entre as sete regiões administrativas da cidade de Vitória/ES, a saber: Centro, Santo Antônio, Bento Ferreira, Maruípe, Praia do Canto, Continente e São Pedro. As gravações ocorreram no período de agosto de 2001 a julho de 2003 (LINS; YACONVENCO, 2002).

Abaixo temos o quadro dos fatores analisáveis e a distribuição das células sociais:

Quadro 1: Fatores analisáveis e distribuição das células sociais:¹⁹

	<i>(idade[→])</i>		<i>07-14</i>		<i>15-25</i>		<i>26-49</i>		<i>50-...</i>		
	<i>(sexo[→])</i>		<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	
<i>Ensino fundamental</i>			4	4	2	2	2	2	2	2	=20
<i>Ensino médio</i>					3	3	2	2	2	2	=14
<i>Ensino Universitário</i>					2	2	2	2	2	2	=12

Número total de informantes a serem entrevistados =46

A criação desse banco de dados foi muito importante, pois a cidade de Vitória, apesar de ter mais de 450 anos, ainda não possuía um registro sistemático de sua linguagem oral. Além disso, o registro sistemático da linguagem oral usada em Vitória vem possibilitar a realização dos estudos de natureza sociolinguística no Espírito Santo, quase inexistente.

Vale ressaltar que há uma certa dificuldade de se encontrar um informante nascido em Vitória que nunca houvesse morado fora do Estado do Espírito Santo e que fosse filho de pais também nascidos nesse Estado. Isso ocorre porque, apesar de ser uma das cidades mais antigas do país, Vitória é hoje uma cidade constituída de pessoas oriundas de outros estados brasileiros devido a seu complexo portuário, a exploração de minério etc., que geram muitas oportunidades de emprego. Além disso, a grande questão na dificuldade de encontrar informantes com as características citadas acima é a migração da área rural (ou do interior) para a capital, sobretudo pela necessidade por estudos universitários, outrora, secundários, que não eram oferecidos nas cidades interioranas.

¹⁹ YACOVENCO, Lilian Coutinho. O português falado na cidade de vitória: transcrição de entrevistas. Lilian Coutinho Yacovenco (DLL/UFES). ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística, número especial 26, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001 (publicado em 2003), p.301-303. ISSN 0102-7158.

4.3.2 A Escrita sem Formato de Diálogo

Na constituição da amostra da escrita sem formato de diálogo, recolhemos propagandas, folhetos e títulos de colunas de jornais veiculadas em dois grandes jornais impressos, *A Gazeta* e *A Tribuna*, no período de agosto a dezembro de 2008. Na coleta dos dados de escrita, optamos por codificar e analisar todos os casos de imperativo associados à forma indicativa, já que essa forma seria a menos esperada, e todos os casos de estrutura negativa, pois os resultados de pesquisas sobre o imperativo (SAMPAIO, 2001; CARDOSO, 2004; JESUS, 2006; SCHERRE, 2003; 2004; 2008) têm revelado que a polaridade da estrutura é uma forte restrição ao uso do imperativo associado à forma indicativa, o que, em termos de tendência, indica que esse resultado é consistente com a tradição gramatical, que nesses casos registra somente o uso do imperativo associado à forma subjuntiva. O fato de não termos analisado todos os dados de imperativo associado à forma subjuntiva não invalida nossa reflexão em relação à maior frequência de uso dessa forma quando se trata de dados da escrita, fato já atestado por Scherre et alii.. (1998), Scherre (2003, 2004, 2008). O único senão é que nada podemos dizer a respeito da verdadeira distribuição global da variação do imperativo nesta amostra, tendo em vista que não levantamos todas as formas imperativas associadas ao subjuntivo.

4.2.3 Tirinhas de *Marly, a solteirona*

Para analisarmos a variação do uso do imperativo gramatical em textos escritos com formato de diálogo, elegemos a tirinha da personagem *Marly, a solteirona* veiculada diariamente no jornal *A Gazeta*. A escolha se deu pelo fato de as tirinhas serem “um gênero discursivo que não é oral, mas é oral, porém se atualiza na escrita e se completa com o visual. É um texto para ser lido, mas como objetivo para se fazer escutar, o que o inclui dentro dessa questão do continuum fala-escrita” (LINS, 2008, p.14). E também por *Marly* ser uma personagem tipicamente capixaba, segundo seu criador, Milson Henriques, foi o que nos fez escolher essa tirinha. Nosso objetivo era o de analisar o imperativo na fala e na escrita da cidade de Vitória/ES e, sendo *Marly* uma personagem capixaba, nossa expectativa era a de que os dados da escrita com formato de diálogo refletissem os resultados encontrados na fala.

Milson Henriques é um escritor, mas também jornalista, ator, diretor, poeta, desenhista e chargista. Em Vitória desde 1964, esse carioca é capixaba de coração. Por seu amor à cidade recebeu os títulos de “Cidadão Capixaba” e “Cidadão Espírito-Santense”. Milson Henriques realizou em Vitória diversos festivais de música, cinema e teatro. É criador de uma das mais conhecidas personagens das tirinhas capixabas, a simpaticíssima e solteirona *Marly*²⁰.

Em 1972²¹, um diretor de jornal solicitou a Milson Henriques que criasse um personagem que fosse tipicamente capixaba para sair em tiras diárias. Dessa idéia surgiu o papagaio Ediberto, um vereador. Entretanto, em tempos de ditadura militar, e como o autor já havia sido preso por suas ideias, concluiu que esse personagem não daria certo. Foi então que surgiu a ideia de criar um personagem que não tivesse relação nenhuma com a política, nascendo assim *Marly*, uma solteirona frustrada, que vive ao telefone com uma amiga de nome Creuzodete, falando mal de tudo e de todos, principalmente de quem consegue ser feliz.

No início, as tiras eram publicadas somente em Vitória e, por isso, as brincadeiras com personagens locais faziam muito sucesso. Em 1973, foi lançado o *Almanaque da Marly*, recolhido e incinerado pela Polícia Federal. Foi quando o editor da revista *Patota* convidou Milson Henriques para colocar *Marly* na publicação. Ao mesmo tempo, a editora carioca Ecab fez um contrato para distribuir a personagem nacionalmente, e *Marly* chegou a ser publicada em 11 estados. Com isso, o tom central das piadas mudou um pouco, passando da fofoca pura e simples para a desesperada carência por homens.

No período entre 1983 e 1991, Milson Henriques parou de publicar as tiras de *Marly*. Em 1992, o autor resolveu escrever uma peça de teatro chamada *Hello, Creuzodete!*, retomando também as tiras de jornal, com o intuito principal de promover o espetáculo.

²⁰ TERTÚLIAS – Livros e autores do Espírito Santo. **Biografia:** autores do Espírito Santo. Milson Henriques. Disponível em < http://www.tertulias.art.br/biografia/bio_milson_henriques.htm > Acesso em 20 Ago. 2009.

²¹ Informações retiradas do endereço <http://www.universohq.com/quadrinhos/2008/museu_patota.cfm> Acesso em 20 Ago. 2009.

Publicada no jornal há mais de 30 anos, a personagem *Marly* já faz parte da cultura capixaba. Essa solteirona, destituída de atrativos físicos, coitada, vive em busca de homem para preencher sua carência.



Fig.01: Tirinha de *Marly*, a solteirona. Fonte: Jornal A Gazeta.

Em entrevista a revista virtual *Século Diário*²², Milson Henriques declarou a respeito do valores de *Marly*:

No tempo em que a *Marly* nasceu, as mulheres não podiam trabalhar fora porque era indecente. Elas só podiam ser enfermeiras ou professoras. Então, a mulher casava sem amor para ter alguém para sustentá-la até a velhice. A mulher ficava restrita ao lar, aprendia a ler, escrever, costurar e cozinhar, e quando completava 25 anos e ainda continuava solteira... hum... era um horror. Já era 'coroa' e, portanto, estava fadada a ser a 'tia' solteirona e a ir morar na casa de uma irmã casada. Pois é... hoje a mulher tem a prerrogativa de optar por ser solteira. Faz sexo como faz o rapaz solteiro. Tem também o seu próprio apartamento, recebe seus parceiros como os rapazes, sem ser vista como prostituta. Ela trabalha, ela se mantém... Se bem que essa é uma realidade das cidades maiores. Nas pequenas ainda vigora o velho preconceito. Pois é... com tudo isso, a *Marly* ainda faz sucesso assim mesmo! Eu até me esforço para fazer a *Marly* querer ser uma feminista, mas ela não é. A *Marly* finge ser feminista, mas, no fundo, no fundo, o que ela quer mesmo é um homem. Quer servir a esse homem, lavar a roupa dele, encher o cachimbo para ele fumar, cozinhar e mimá-lo.

Com base no exposto, acreditamos que as tirinhas de *Marly* sejam um bom exemplo da escrita com formato de diálogo da sociedade capixaba.

²² Entrevista retirada do endereço
<http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2004/marco/06_07/entrevista/entrevista/06_03_01.asp>
Acesso 20 Ago. 2009.

4.2.4 A Mídia Televisiva

Para compor a amostra do uso do imperativo na mídia capixaba, escolhemos os programas *Balanço Geral*, da Rede Vitória, e *Tribuna Notícias*, da Rede Tribuna, que são programas locais exibidos quase no mesmo horário por redes de televisão diferentes. Os jornais tratam praticamente das mesmas notícias e têm quadros de participação popular. O *corpus* analisado foi gravado, transcrito e codificado após a orientação recebida durante a qualificação deste trabalho, o que resultou em prazos apertados para todo o trabalho que temos ao construir um *corpus* para análise sociolinguística. Utilizamos para análise 120 minutos de cada programa, visto que nosso objetivo foi o de verificar a relevância da presença do diálogo na mídia como fator de favorecimento do uso do imperativo gramatical associado à forma indicativa e, portanto, refletindo a fala dos moradores da cidade de Vitória/ES. Cabe aqui lembrar que não pretendemos esgotar a discussão da presença ou ausência do diálogo na mídia como um dos fatores importantes para a pesquisa do imperativo no português falado na cidade de Vitória e, sim, somente iniciar uma pesquisa que talvez, em vista dos resultados, necessite de mais dados e mais fatores a serem controlados para dar conta de explicar o fenômeno da variação do imperativo na mídia televisiva, sobretudo, em telejornais.

5 O IMPERATIVO GRAMATICAL NA CIDADE DE VITÓRIA

Nossa hipótese era a de que em enunciados afirmativos da oralidade predominasse o uso da forma associada ao indicativo, o que contraria a tradição gramatical que não registra o uso do imperativo na forma indicativa em contextos de pronome *você*. Em enunciados negativos, esperávamos que houvesse um predomínio do uso da forma associada ao subjuntivo. Já nos dados de escrita sem formato de diálogo nossa expectativa era a de que o uso da forma associada ao subjuntivo fosse mais recorrente, isso porque o uso dessa forma garantiria a interpretação nos termos previstos pela tradição gramatical, sendo, portanto, uma questão de ordem sintática, nos termos de Scherre et alii. (1998).

Tendo em vista nosso objetivo de verificar qual a posição da cidade de Vitória no cenário nacional, no que diz respeito ao uso contemporâneo do imperativo gramatical, pareceu-nos relevante fazer uma análise comparativa entre as capitais Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA.

Esse interesse se justifica pelo fato de o estado do Espírito Santo estar situado geograficamente, seguindo a linha do litoral, entre estados antagônicos no diz respeito ao uso do imperativo gramatical: os estados do Rio de Janeiro e o da Bahia, regiões Sudeste e Nordeste, respectivamente. Sendo então, cidades intermediárias geograficamente.

Para explicitar este antagonismo, antes faremos uma breve síntese da pesquisa empreendida por Sampaio (2001): “Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo”.

Sampaio (2001) faz uma análise da variação de uso do imperativo no português contemporâneo, utilizando amostras de registros de fala de Salvador e do Rio de Janeiro, da década de 90 do século XX. Utiliza, também, registros de fala dessas duas cidades brasileiras e de Portugal da década de 70 do século XX. Foram observadas e analisadas variáveis linguísticas e sociais como possíveis condicionadoras do uso do imperativo associado à forma indicativa ou à forma

subjuntiva. Sampaio (2001, p.15-16) analisa a possibilidade de o uso do imperativo no Brasil estar sofrendo uma variação estável e/ou uma mudança em progresso. Mudança estável em determinadas cidades, como, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro; e a existência de uma mudança em progresso em fase inicial em algumas cidades, em especial na da cidade de Salvador. A autora procura mostrar que o uso do imperativo associado à forma indicativa está se fixando na região Sudeste e se propagando pela região Nordeste pela influência dos meios de comunicação.

Para amostra base, Sampaio (2001, p.61) utilizou um total de 36 inquéritos de informantes de Salvador/BA, década de 90 do século XX, sendo 12 do NURC/Salvador (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil: Salvador), entre informantes novos (NURC/N) e recontactados (NURC/R); e 24 inquéritos de informantes do PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador) do nível de escolaridade médio e primário.

Para efeitos de comparação, Sampaio (200, p.62-63) utilizou como amostra de controle 18 inquéritos de informantes do Rio de Janeiro/RJ, década de 90/séc. XX, dos quais 06 são de informantes do NURC/Rio de Janeiro (Projetos de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil: Rio de Janeiro) – informantes novos e recontactados; e 12 informantes de nível de escolaridade médio e primário do Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) – Amostra Tendência. Da década de 70 do século XX, Sampaio (2001) utilizou 12 inquéritos de informantes do Projeto NURC/Salvador e 12 do NURC/Rio de Janeiro. Em todas as amostras os informantes foram distribuídos em gênero masculino e feminino e nas faixas etárias 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima 56 anos.

Em seu estudo, Sampaio ainda utilizou 31 extratos de inquéritos de regiões de Portugal, mas na presente pesquisa não faremos menção a esses resultados, pois nos interessa, no momento, comparar os resultados das capitais do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA com os resultados da cidade de Vitória/ES.

Os resultados de Sampaio (2001), calculados em função da variante na forma indicativa, podem ser vistos na Tabela 01, adaptada de Sampaio (2001):

TABELA 01 - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de fala das cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA (década de 90/séc.XX)

Localidade	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Salvador/BA – Nordeste	136/479	28%
Rio de Janeiro/RJ – Sudeste	243/258	94%

Fonte: Adaptação de Sampaio (2001, p.80-109).

Esses resultados apontam para um recorte geográfico de uso do imperativo nessas capitais, que representam as regiões Sudeste e Nordeste. De acordo com Sampaio (2001, p. 80-110), esse resultado mostra que a porcentagem de 28% associada à forma indicativa na fala de Salvador parece indicar que uma eventual mudança da expressão do imperativo em favor dessa forma estaria apenas no início, o que também se deve, segundo a autora, ao peso relativo de 0,61 na faixa etária mais jovem (20 a 35 anos), indicando uma mudança em fase inicial. Já o percentual de 94% na fala do Rio de Janeiro associada à forma indicativa aponta uma mudança em favor da forma indicativa, mudança que está quase se completando.

Na análise dos dados da fala da cidade de Vitória, utilizamos 34 células do PortVIX, da Universidade Federal do Espírito Santo, anteriormente referido no item 4.3.1. Embora o PortVIX tenha 46 células, quando iniciamos nossa pesquisa apenas essas células estavam disponíveis, ou seja, transcritas e revisadas. Assim, nosso quadro de fatores analisáveis e distribuição das células sociais ficou configurado conforme Quadro 02:

QUADRO 02: Fatores analisáveis e distribuição das células sociais

	<i>(idade[→])</i>		07-14		15-25		26-49		50-...		
	<i>(sexo[→])</i>		H	M	H	M	H	M	H	M	
<i>Ensino fundamental</i>	3	4	2	2	2	2	2	2	0		=17
<i>Ensino médio</i>			2	3	0	0	1	1			=07
<i>Ensino Universitário</i>			2	2	2	1	1	2			=10

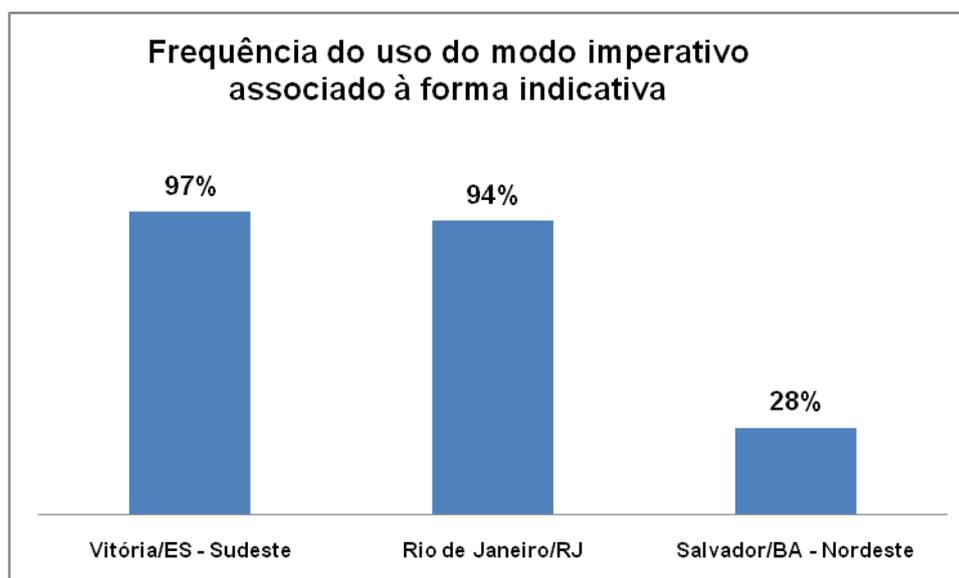
Número total de informantes entrevistados =34

Das 34 entrevistas, codificamos e analisamos os 266 dados disponíveis, sendo 260 associados à forma indicativa e somente 06 associados à forma subjuntiva. Ao compararmos estes resultados com os obtidos por Sampaio (2001), temos a seguinte configuração, conforme Tabela 02 e Gráfico 01.

TABELA 02 - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de fala das cidades de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001)

Localidade	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Vitória/ES – Sudeste	260/266	97%
Rio de Janeiro/RJ – Sudeste	243/258	94%
Salvador/BA – Nordeste	136/479	28%

GRÁFICO 01 – Frequência do uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de fala das cidades de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA (década de 90/séc.XX)



Esse resultado mostra o perfeito alinhamento de Vitória/ES com o Rio de Janeiro/RJ: em ambas as cidades os percentuais indicam um estágio de mudança adiantado, devido à quase categoricidade no uso do imperativo associado à forma indicativa.

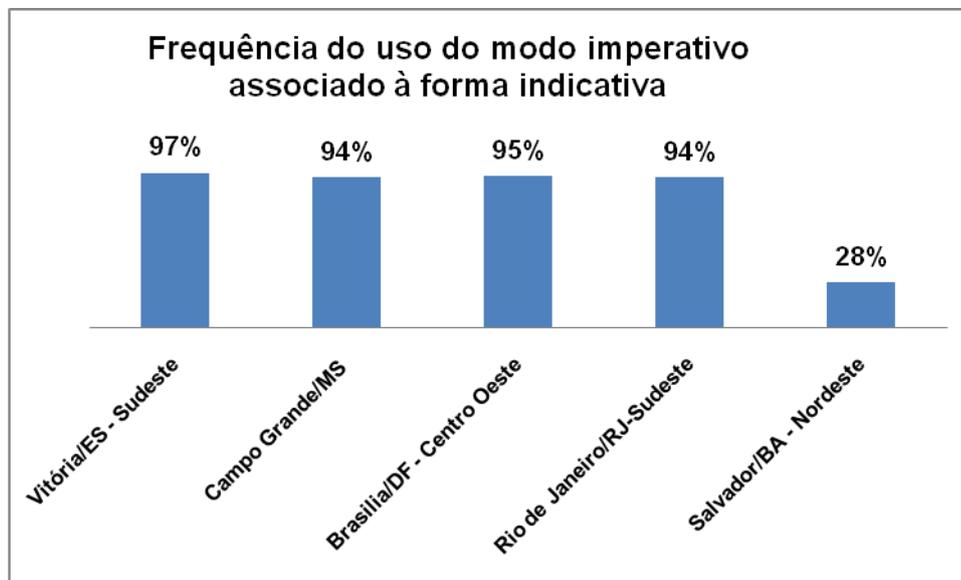
É interessante observar que apesar de a cidade de Salvador usar basicamente o pronome *você*, e não o *tu*, como pronome de segunda pessoa do singular, assim como em Vitória, ou seja, ambas as cidades são contextos exclusivos de *você* (como visto no item 2.1), o percentual de imperativo associado à forma indicativa é 28% na capital da Bahia. Esse percentual suscita uma curiosidade a respeito do uso do imperativo nas cidades do Espírito Santo que fazem fronteira com o estado da Bahia, curiosidade esta que pode ser satisfeita com pesquisas futuras.

Em relação a outras capitais, os resultados de diversas pesquisas revelam um recorte geográfico quanto ao uso do imperativo. Temos de um lado a região Nordeste, em que predomina o imperativo associado à forma subjuntiva. De outro lado as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, nas quais predomina o imperativo associado à forma indicativa, com percentual acima de 90%, como pode ser visto na Tabela 03, com as devidas referências bibliográficas, e também no Gráfico 02.

TABELA 03 - Frequência do uso do modo imperativo associado à forma indicativa – dados da fala de Vitória/ES, Campo Grande/MS (LIMA, 2005), Brasília/DF (SCHERRE et alii., 1998), Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001).

Localidade	Porcentagem
Vitória/ES – SUDESTE	97%
Campo Grande/MS – CENTRO-OESTE	94%
Brasília/DF – CENTRO-OESTE	95%
Rio de Janeiro/RJ – SUDESTE	94%
Salvador/BA – NORDESTE	28%

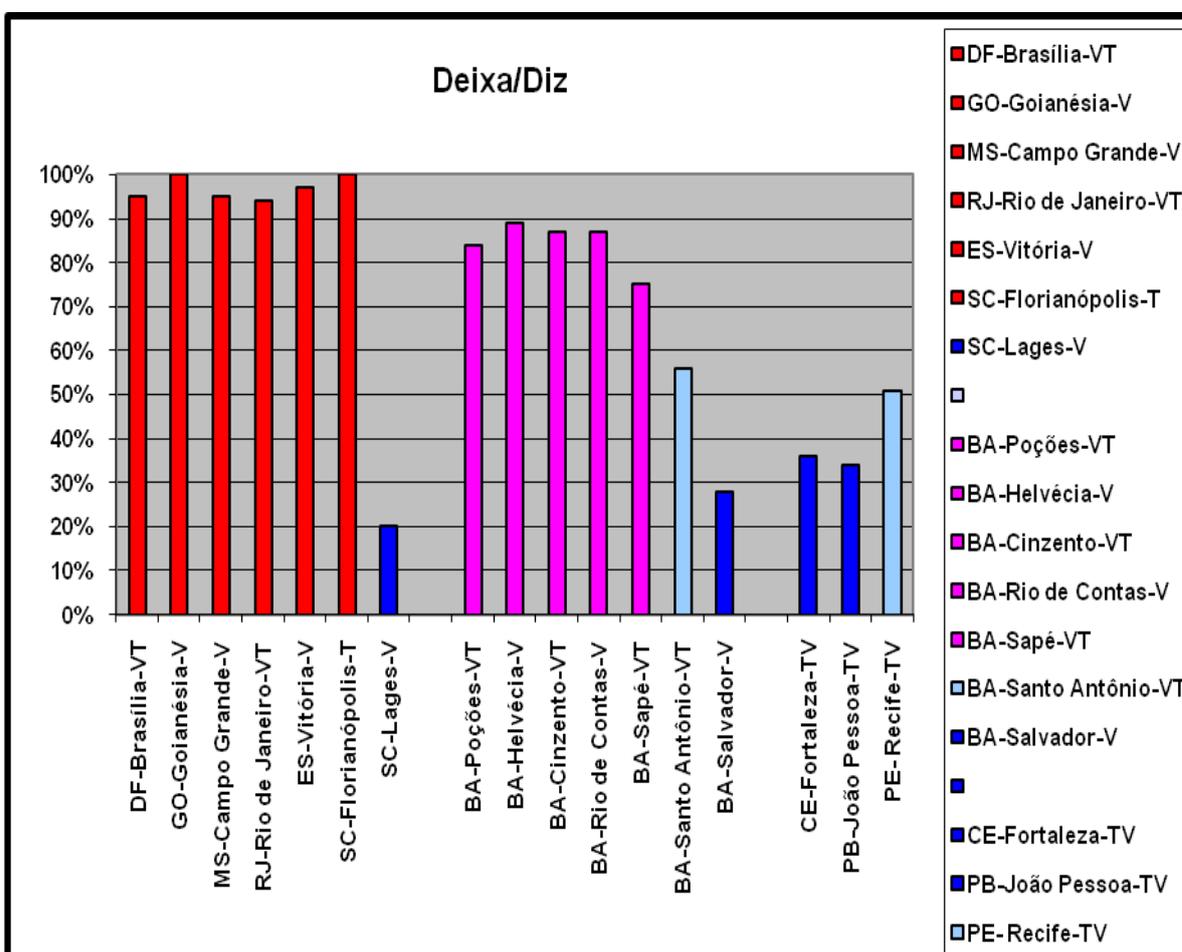
GRÁFICO 02 - Frequência do uso do modo imperativo associado à forma indicativa – dados da fala de Vitória/ES, Campo Grande/MS (LIMA, 2005), Brasília/DF (SCHERRE et alii., 1998), Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001).



Vale frisar que a comparação feita foi com base nos resultados de pesquisas feitas em capitais e, portanto, não devem ser entendidas como representação do uso de imperativo dos estados como um todo, que podem não se comportar da mesma forma que as respectivas capitais. Essa ressalva deve-se aos resultados de pesquisas feitas em cidades do interior, as quais revelam que o recorte geográfico, apresentado nos resultados das capitais, não se confirma quando comparados os resultados obtidos nas cidades do interior, em especial no estado da Bahia (SCHERRE, 2009). O mapeamento²³ dos resultados feito por Scherre (2009) pode ser visualizado no gráfico abaixo:

²³ SCHERRE, Maria Marta P. **Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro**. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPQ para o quadriênio Mar/2010 a Fev/2014.

GRÁFICO 03 - Imperativo associado ao indicativo (*deixa/diz*) em diálogos do português brasileiro falado (síntese de diversos estudos)²⁴



Fonte: Scherre (2009).

De acordo com Scherre (2009), a área vermelha representa o pleno favorecimento de imperativo associado ao indicativo (*fala/diz/vai*), compreendendo as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. A autora chama atenção para o fato de a cidade de Lages/SC apresentar um padrão semelhante ao de Salvador, ressaltando o fato de que a pesquisa para esta cidade tem poucos dados. Analisando o gráfico, podemos

²⁴ O mapeamento visualizado no gráfico 1 é a síntese de estudos diversos: DF-Brasília (Rodrigues, 1993; Leite, 1994; Morais, 1994; Scherre et al.ii., 1998; Silva, 2003); GO-Goianésia (Ferreira & Alves, 2001); MS-Campo Grande (Lima, 2005); RJ-Rio de Janeiro (Sampaio, 2001); ES-Vitória (Evangelista, 2008); SC-Florianópolis e SC-Lages (Bonfá, Pinto & Luiz, 1997); BA-Cinzentos, BA-Helvécia, BA-Rio de Contas e BA-Sapé (Santos, 2006); BA-Poçoões, BA-Santo Antônio (Santos, 2007); BA-Salvador (Sampaio, 2001; Alves & Alves, 2005; Alves, 2008); CE-Fortaleza (Cardoso, 2006; 2009); PB-João Pessoa (Alves, 2001); PE-Recife, Jesus (2006). As referências bibliográficas completas encontram-se no projeto de Scherre (2009), cedido a nós e disponível para qualquer pessoa interessada.

perceber que a Bahia apresenta um padrão diversificado, o que, segundo Scherre (2009), talvez seja explicado pela proximidade das cidades do interior com Minas Gerais, local em que, segundo observação participante de Scherre, natural de Minas Gerais, há o predomínio de estruturas do imperativo associado à forma indicativa.

Diante do exposto, fica evidente que a questão geográfica é um fator relevante na configuração do uso do imperativo no Brasil. Contudo, ainda há muito a se pesquisar, pois nos parece que a dimensão geográfica aponta para outros fatores, internos e/ou externos, da língua, para explicar a variação desse fenômeno no português brasileiro; fatores que ainda não são totalmente claros.

Passemos agora para o resultado específico dos dados de fala da cidade de Vitória/ES. Como já vimos, o percentual de 97% da frequência associada à forma indicativa é muito significativo, pois mostra a quase invariância do fenômeno analisado na fala de Vitória, conforme Tabela 04.

TABELA 04 - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa e à forma subjuntiva – dados de Vitória/ES. (*Análise com todos os dados*).

Variável Dependente	Número de ocorrências/ Total	Porcentagem
Forma associada ao indicativo	260/266	97%
Forma associada ao subjuntivo	6/266	3%

Esse resultado era esperado, dada a quase invariância do fenômeno verificada no decorrer da codificação dos dados. Nas primeiras 15 entrevistas codificadas e analisadas, sendo 07 informantes acima de 50 anos e 07 informantes entre 15 e 25 anos, o percentual de formas associadas ao subjuntivo era de 8% de formas e não apenas 3%, que nos incitava uma rodada de pesos relativos. Mesmo assim, quase por teimosia, decidimos fazer uma rodada de pesos relativos para verificar se a análise estatística apontava significância de algum grupo de fatores que serviria para que fizéssemos uma comparação dos resultados de pesquisas realizadas em outras

capitais e também para servir como instrumento de aprendizagem para uma iniciante em estudos da variação e mudança linguística. Mesmo também considerando que, segundo Guy (2007, p.60-61), a frequência do uso do imperativo associado à forma indicativa na fala da cidade de Vitória é de 97%, ou seja quase uma “probabilidade de *input*”.

A primeira rodada de dados mostrou que alguns grupos de fatores são de real efeito categórico, ou seja, favorecem sistematicamente o uso do imperativo associado à forma indicativa. Dessa forma, foi necessário desconsiderar alguns grupos de fatores, como sujeito expresso e vocativo, e dupla negação, com os seguintes percentuais de forma imperativa associada ao indicativo na amostra do PORTVIX: sujeito expresso 6/6 (100%), vocativo pré-verbal 10/10 (100%), vocativo pós-verbal 6/6 (100%), vocativo pré e pós-verbal 1/1 (100%) e dupla negação 1/1 (100%).

A retirada do grupo sujeito expresso e vocativo deve-se ao fato de o vocativo competir com o sujeito na construção. Scherre et al. (2007, p.224) levantam “a hipótese de que o vocativo funcione como o elemento que contribui para assegurar uma leitura imperativa e bloquear a leitura assertiva”, funcionando como uma âncora discursiva em textos escritos revelados em pesquisas de Scherre et alii. (1998). Todavia, na fala esse efeito ainda não foi estudado, o que deve ser feito com base na prosódia para evitar uma interpretação errônea da estrutura imperativa na fala.

Entretanto, outros grupos de fatores de suposto efeito categórico foram amalgamados para que se produzisse uma rodada de pesos relativos, que, ao efetuar cruzamentos entre os grupos de fatores, seleciona os que mostram significância. Após a retirada dos fatores que julgamos de real efeito categórico e das amalgamações, o resultado geral ficou, como se vê na Tabela 05, idêntico ao da Tabela 04, em termos de frequências relativas ou porcentagem.

TABELA 05 - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa e à forma subjuntiva – dados de Vitória/ES (*Análise com dados amalgamados em contextos variáveis e dados de contexto de efeito categórico eliminados*)

Variável Dependente	Número de ocorrências/ total	Porcentagem
Forma associada ao indicativo	233/239	97%
Forma associada ao subjuntivo	6/239	3%

Antes de avançarmos, é importante explicitar que os grupos de fatores considerados para a análise dos dados apresentados nesta pesquisa com dados do PORTVIX foram:

- I. Sexo: os dados foram observados em relação ao sexo do informante, se masculino ou feminino;
- II. Faixa etária: os informantes foram selecionados de acordo com quatro faixas etárias – 7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos.
- III. Escolaridade: codificamos os dados observando se o grau de escolaridade do informante era ensino fundamental, médio ou universitário;
- IV. Discurso reportado: levamos em consideração se o informante citava outro discurso, uma fala dele mesmo ou de outrem.
- V. Sujeito e vocativo: consideramos a ausência e a presença do sujeito e do vocativo e sua posição em relação ao verbo; e
- VI. Marcador-discursivo/ não-marcador: na análise da forma verbal, consideramos o contexto discursivo para identificar o uso que foi dado ao verbo, tendo em vista a expectativa de que o marcador discursivo poderia favorecer a forma imperativa associada ao indicativo.
- VII. Polaridade da estrutura: imperativo afirmativo e negativo e dupla negação: a análise foi feita para testar a previsão da gramática normativa codificamos as estruturas de imperativo afirmativo, negativo e dupla negação.

Na rodada de pesos relativos, o único grupo selecionado foi o de polaridade da estrutura (estrutura afirmativa, estrutura com negação pré-verbal e com dupla

negação). Não houve casos de estrutura com negação pós-verbal. Todos os outros grupos de fatores foram eliminados da análise estatística por não terem significância estatística, ou seja, com nível de significância de $p= 0,05$. A seguir, discutiremos sobre o efeito da polaridade da estrutura na alternância do imperativo.

5.1 POLARIDADE DA ESTRUTURA

A polaridade da estrutura, ou seja, frase na estrutura afirmativa, negação pré-verbal e dupla negação, foi controlada para que pudéssemos verificar a relação entre a norma registrada pela tradição gramatical e o uso do imperativo gramatical.

De acordo com o registro da tradição gramatical, as estruturas negativas são derivadas do subjuntivo e nas estruturas afirmativas em contexto de pronome *tu* se utiliza o imperativo associado ao indicativo, e, em contexto de pronome *você*, utiliza-se o imperativo subjuntivo.

O único grupo que apresentou resultado significativo foi o de polaridade da estrutura. Esse fator releva uma tendência da polaridade negação pré-verbal em confirmar a tradição gramatical, que prevê nas estruturas de negação pré-verbal apenas o uso do imperativo associado ao subjuntivo. A frequência de 98% do imperativo na forma indicativa em construções afirmativas e de 82% do imperativo na forma indicativa em construções de negação pré-verbal mostram que estas últimas construções desfavorecem relativamente o uso da forma associada ao indicativo (TABELA 06). Esse fato é confirmado no peso relativo de 0.113 atribuído à polaridade de negação pré-verbal que reflete a probabilidade de diminuição do uso da forma indicativa, como nos dois únicos exemplos abaixo extraídos da amostra:

- i. “Porque não **VENHA** me dizer que quem ganha salário mínimo vive bem não”
- ii. “depois não...**FALE** que eu não avisei”

A diferença com relação ao percentual global de uso do imperativo associado à forma indicativa é de 15 pontos percentuais, mesmo com o alto percentual de 82%

na forma indicativa, fato que se reflete no peso relativo baixo do fator negação pré-verbal (0,113), desfavorecedor do imperativo associado à forma indicativa.

TABELA 06 – Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa – dados de Vitória/ES. (*Análise com fatores amalgamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados*)

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos selecionados
Estruturas afirmativas	224/228 = 98%	0,525
Estruturas negativas pré-verbais	9/11 = 82%	0,113
Total	233/239=97%	

A estrutura negativa pré-verbal é um forte fator de restrição ao uso do imperativo associada à forma indicativa. Esse fato é atestado pelas pesquisas feitas em outras localidades. Sampaio (2001, p.111-112), em pesquisa em dados do Rio de Janeiro/RJ, verificou que a estrutura negativa indica um expressivo desfavorecimento do imperativo associado à forma indicativa, com peso relativo de 0,12. Nos dados de Salvador/BA, os percentuais de 20% de uso da forma associada ao indicativo e de 80% associado à forma subjuntiva em estruturas negativa, não foram estatisticamente significativo. Entretanto, em termos de tendências, esses resultados reforçam a estrutura negativa como um forte fator de restrição de uso do imperativo associado à forma indicativa (SAMPAIO, 2001, p.96-97).

Em dados da cidade de Campo-Grande/MS, o programa *GoldvarbX* também não selecionou essa variável como significativa, mas os resultados apontaram tendências semelhantes a de outras pesquisas, ou seja, ainda que não estatisticamente significativa, a estrutura negativa pré-verbal tende a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa (LIMA, 2005, p.80).

TABELA 07 - Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa - dados de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001), Campo Grande/MS (LIMA, 2005).

Localidade	Porcentagem da forma indicativa nas estruturas negativas pré-verbais	Média global de estruturas na forma indicativa
Vitória/ES	82%	97%
Rio de Janeiro/RJ	78%	94%
Salvador/BA	20%	28%
Campo Grande/MS	24%	94%

A estrutura de dupla negação (negação pré e pós-verbal) foi retirada dos dados por apresentar 100% de favorecimento do imperativo na forma indicativa nos dados analisados. É importante lembrar que, apesar da pesquisa apresentar apenas um dado

- i. “Oh, se vem assaltar, não **REAGE** não”

essa ocorrência corrobora com a hipótese de Cardoso (2004, p.9) de que as estruturas de negação pós-verbal e de dupla negação favorecem o imperativo indicativo, sendo interpretado pela autora como um “fenômeno na linha dos processos de mitigação da língua”.

Algumas variáveis controladas, de acordo com Scherre & Naro (2003, p.152), embora com resultados não estatisticamente significativos, não foram retiradas da análise quantitativa para o cálculo dos pesos relativos, uma vez que podem ser linguisticamente significativas, podendo até indicar mudanças linguísticas. Apesar de os resultados indicarem que o fenômeno analisado é praticamente invariável no contexto da fala da cidade de Vitória/ES, isso porque a frequência do uso do imperativo associado à forma indicativa na fala da cidade de Vitória é de 97%,

vamos relatar os resultados das variáveis não significativas para termos uma ideia de conjunto do uso do imperativo na fala capixaba e do trabalho minucioso que realizamos.

Passaremos à análise dos grupos sem significância estatística, pois linguisticamente esses grupos de fatores são importantes para o entendimento da variação do fenômeno analisado. Assim, optamos por analisar a variável marcador discursivo e as variáveis sociais: faixa etária, escolaridade e gênero/sexo.

5.2 MARCADOR DISCURSIVO

Ao controlarmos a variável marcador discursivo, isto é, verbo funcionando como marcador em troca de turno de fala e também para introduzir um novo assunto, nossa hipótese era a de que o uso do verbo utilizado como marcador discursivo favoreceria o imperativo associado à forma indicativa.

Nos dados do PortVIX, identificamos o verbo *olhar* ora funcionando como marcador discursivo e ora como não-marcador. A seguir temos três orações com o verbo *olhar*, nas duas primeiras funcionando como marcador discursivo, e na terceira com o sentido de *ver*

- i. “**OLHA** o meu irmão do meio, ele parece ter um interesse pra ser policial, até certo tempo”.
- ii. “**OLHE** eu vou dizer uma coisa pra você”.
- iii. “Nossa **OLHA** como olha desenha bem”.

Embora esta variável não tenha se mostrado significativa, os resultados do nível de análise em que estão todas as variáveis ao mesmo tempo apontam para a nossa hipótese, a de que formas imperativas que são marcadores discursivos possam favorecer mais a forma associada ao indicativo que a forma subjuntiva, como se observar na Tabela 08.

TABELA 08 – Efeito do verbo na função de marcador ou não-marcador discursivo no uso do imperativo na forma associada ao indicativo – dados de Vitória/ES. (Análise com fatores amalgamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados)

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não selecionados
Marcador discursivo	104/105 = 99%	(0,699)
Não-marcador discursivo	129/ 134 = 96%	(0,340)
Total	233/239= 97%	

Mesmo com nível de significância 0,399 fora da linha de seleção, no nível 2 de análise, podemos inferir que, apesar de não ser estaticamente significativo, esse resultado indica uma tendência do verbo na função de marcador discursivo favorecer o imperativo associado à forma indicativa (0,699). Essa tendência se confirma nos resultados do Rio de Janeiro e de Salvador, apesar de também não revelaram resultados quantitativamente significativos (SAMPAIO, 2001). Em termos estritamente estatísticos, indica-se, assim, que a diferença explicitada na tabela 09 é aleatória, ou seja, não corresponde a uma existência real no mundo. Usando os termos estatísticos, a “hipótese nula”, neste caso, não foi refutada. Só um eventual aumento de dados pode nos trazer novos fatos para sabermos se a variável sob foco é mesmo estatisticamente significativa.

5.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

Em uma pesquisa Sociolinguística, o pesquisador busca entender as variações e os processos de mudanças correlacionando fatores internos e externos. De acordo com Mollica (2007, p.27), “As variáveis, tanto linguísticas quanto não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Desse

modo, variáveis como escolaridade, faixa etária, gênero/sexo, entre outros fatores, são quase sempre controlados nas análises sociolinguísticas.

Em nossa pesquisa, controlamos faixa etária, gênero/sexo e escolaridade como nossos grupos de fatores sociais. Entretanto, nenhum desses grupos foi selecionado como estatisticamente significativo. Nas palavras de Guy (2007, p.42) “os números não são resposta a nenhuma de nossas perguntas; eles são apenas estatísticas inferenciais adicionais que podemos usar como indicadores empíricos na nossa busca por respostas”. Assim, iremos explicitar nossos resultados e compará-los aos de outras pesquisas que mediram a influência desses fatores na alternância do imperativo gramatical. Passemos, então, à análise dos resultados.

Para melhor visualização das variáveis sociais acima, inserimos em uma tabela todos os resultados obtidos com os dados do PortVIX. Vejamos a seguir a Tabela 09 com os resultados finais das variáveis sociais.

TABELA 09: Efeito dos fatores sociais: faixa etária, escolaridade e gênero/sexo no uso do imperativo na forma associada ao indicativo (Fatores amalgamados – resultados sem significância estatística) - dados do PortVIX.

Fatores Sociais	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não-selecionados
Faixa etária		
07- 25 anos	146/150= 97,3%	(0,484)
Acima de 26 anos	87/89= 97,8%	(0,527)
Escolaridade		
Ensino Fundamental	129/132= 97,7%	(0,492)
Ensino Médio	39/41= 95,1%	(0,574)
Ensino Superior	65/66= 98,5%	(0,469)
Gênero/Sexo		
Feminino	108/110= 98,2%	(0,546)
Masculino	125/129= 96,9%	(0,461)
Total	233/239= 97,5%	

5.3.1 Faixa Etária

A idade é considerada um fator importante a ser analisado na descrição e explicação da variação linguística. É um dos fatores controlados na variação e na mudança linguística, que possibilita medir a mudança em tempo aparente ao controlar pessoas de faixa etária diferentes.

Na primeira rodada dos dados, com fatores não-amalgamados o resultado foi o seguinte: na faixa etária de 07 a 14 anos foi de 69/69 (100%), de 15 a 25 anos 77/81 (95%), de 26 a 49 anos 62/62 (100%) e acima de 50 anos tivemos 26/28 (93%).

Tendo em vista que parece não haver razão lógica para a não ocorrência de nenhum caso de imperativo na faixa etária de 26 a 49 anos (e até mesmo na faixa etária de 07 a 14 anos), amalgamamos as duas primeiras faixas etárias (07 a 14 anos e 15 a 26 anos) e as duas últimas (26 a 49 anos e acima de 50 anos) na busca de uma análise de pesos relativos, como já explicitamos.

Mesmo depois de retirados os fatores categóricos e feitas as amalgamações, os pesos não apontam para resultados consistentes do ponto de vista estatístico (97,3% na faixa etária de 07 a 49 anos e de 97,8% na faixa etária acima de 50 anos) Como se pode observar não há diferença entre as duas faixas etárias, seja em termos percentuais, seja em termos de pesos relativos.

A seguir passaremos as considerações do grupo de fatores gênero/sexo.

5.3.2 Gênero/Sexo

A dimensão social não pode ignorar o fator gênero/sexo na análise de alternância e no processo de mudança linguística. No que diz respeito à linguagem, temos que considerar o comportamento social de cada um dos gêneros. Sobretudo nas sociedades ocidentais em que mulheres e homens têm vocabulário determinado pela própria sociedade, isso vem do costume histórico-cultural do que é adequado ou não a posição da mulher tanto na linguagem quanto na vestimenta. Enfim, tudo o que marca seu papel na sociedade.

Nos estudos sociolinguísticos, há várias referências em relação ao papel da mulher na variação e na mudança linguística. A mulher tende a utilizar mais as formas de prestígio dentro da comunidade linguística em que se insere do que o homem, e não somente a norma padrão, assim como parece ser menos resistente às mudanças (LABOV, 2008, p.345-347). Contudo, seria um erro dizer que as mulheres sempre lideram o curso de mudança linguística. Até mesmo porque a diferenciação entre a fala feminina e a masculina depende de padrões de interação social na vida diária, ou seja, depende dos aspectos culturais de cada sociedade e também do tempo histórico em que a pesquisa é feita (LABOV, 2008, p.347-348).

No que se refere a nossa pesquisa, o fator gênero/sexo também não foi selecionado como significativo estatisticamente. Com os dados já amalgamados, o resultado da frequência de uso do imperativo associado á forma indicativa de 108/110 (98,2%) com peso relativo de (0,546) na fala feminina e de 125/129 (96,9%) com peso relativo de (0,461) na fala masculina.

5.3.3 Escolaridade

Ao controlarmos a variável escolaridade nosso, objetivo era o de confirmar se quanto maior o grau de escolaridade maior a probabilidade de utilizar a forma de acordo com a norma padrão. De acordo com Votre (2007, p.51-53), em relação à variável escolaridade é preciso estabelecer algumas distinções correlatas na dinâmica social que interagem com a escola, as quais seriam distinguir entre forma de prestígio e forma neutra (não-marcada) e a distinção entre fenômeno estigmatizado e fenômeno não-estigmatizado. As formas de prestígio, por ocorrem em contextos mais formais, e entre interlocutores que ocupam posições consideradas mais elevadas na sociedade, transformam-se na norma a ser ensinada e aprendida nas escolas, já as formas neutras dependem do contexto de uso e dos seus usuários, sendo, assim, relativamente imunes ao estigma nesses contextos. As formas estigmatizadas recebem uma reação negativa por parte da sociedade que utiliza as formas de prestígio, incluindo-se entre estes os gramáticos normativos e autores de livros didáticos.

Nossos resultados mostraram que a escola não interfere no uso imperativo. Isso talvez se deva ao fato de que, na nossa análise, a forma de imperativo associada ao indicativo, embora diferente do registro da norma gramatical, não sofre estigma, ou seja, não está sujeita a avaliação positiva ou negativa. Abaixo exemplos encontrados em nossa amostra:

- i. **“PARA** com isso...isso não é certo” (Informante do ensino fundamental)
- ii. **“DEIXA** eu dar uma olhadinha no arroz” (Informante do ensino médio)
- iii. “bicho pode deixar que eu faço a comida mas não me **BOTA** pra lavar prato não” (Informante do ensino superior)

Feitas as amalgamações, a variável escolaridade continuou a não mostrar resultados relevantes. Em todos os níveis de escolaridade controlados a frequência foi de 98%, como se pode ver a seguir. Os pesos relativos retirados do nível em que estão todos os fatores conjuntamente permitem mostrar que não há mesmo efeito do grau de escolaridade, ficando assim: ensino fundamental 0,492; ensino médio 0,574 e ensino superior 0,469.

No nosso caso, nos dados da língua falada, não há efeito de um fator social em jogo. Mas em outras localidades, os resultados das pesquisas mostraram que alguns fatores sociais se mostraram relevantes do ponto de vista estatístico. Nos dados de fala de Salvador, Sampaio (2001, p.102) verificou que os mais jovens (20-35 anos) utilizam mais com maior frequência o imperativo associado ao indicativo que os mais velhos (mais de 55 anos). O peso relativo de 0,62 aponta indício de uma mudança em curso. Nos dados do Rio de Janeiro, em função da faixa etária, os mais jovens apresentaram contexto de invariabilidade, ou seja, essa faixa etária apresentou valor categórico de 100% (SAMPAIO, 2001, p.121). Lima (2005, p.59-60), em pesquisa sobre uso do imperativo na fala de Capo Grande/MS, verificou que os mais jovens utilizam com mais frequência o imperativo associado à forma indicativa, na faixa de 13 a 25 anos 36/36 (100%) configurando um contexto de efeito categórico, de 26 a 40 anos obteve o resultado de 167/251 (67%) com peso relativo de 0,58 e na faixa acima de 41 anos o resultado foi de 55/109 (62%) com peso relativo de 0,31.

Quanto ao gênero, na pesquisa de Sampaio (2001, p.106), verificou-se que a variável gênero/sexo também não se mostrou relevante com um percentual de 28% de uso do imperativo na forma associada ao indicativo na fala dos homens e de 29% na fala das mulheres. Já Cardoso (2009) em estudo, intitulado “Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade”, pesquisando o uso do imperativo na fala de fortalezenses que moram no Distrito Federal. Cardoso (2009) investigou os traços identitários dos falantes, o local de moradia na nova cidade, além do papel de gênero do falante. Os resultados mostraram que a frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa na fala das mulheres fortalezenses que moram no Distrito Federal é de cerca de 74% (309/420) com peso relativo de 0,61; enquanto na fala dos homens a frequência é de 31% (148/283) com peso relativo de 0,33. A variável gênero/sexo se mostrou estatisticamente relevante no

estudo de Cardoso (2009) por se tratar da fala de pessoas nativas de uma região onde predomina o imperativo associado ao subjuntivo que se mudam para uma região onde predomina o imperativo associado ao indicativo. A autora concluiu que a mudança na fala das mulheres ocorre de forma mais rápida, “o que se deve ao fato de a mulher se adaptar mais rápido às situações novas” (CARDOSO, 2009, p.137).

A escolaridade também não se mostrou um fator significativo nos dados da cidade do Rio de Janeiro/RJ, em que se mostrou estável. Resultado semelhante ao da cidade de Salvador/BA, que também não se mostrou significativo (SAMPAIO, 2001).

Com base nos resultados das cidades de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA, concluímos que estamos, de forma geral, diante de uma variação sem saliência social, ou seja, ela é pouco percebida pelos seus falantes. Cumpre salientar que, diferentemente de Brasília, as três capitais aqui sob foco são formadas por agrupamentos sociais mais estáveis.

Os resultados dos fatores sociais reforçam ainda mais o contexto de quase invariância, como já dito, do uso do imperativo na fala capixaba.

6 ANÁLISE DOS DADOS DA ESCRITA

A variação linguística é um fenômeno que ocorre tanto na língua falada quanto na escrita. Entretanto, na escrita, por sua própria condição de produção, como por exemplo, a possibilidade de reescritura, tende-se a utilizar muito mais as normas registradas pela tradição gramatical do que na fala. Mas isso, de acordo com Scherre (2005, p.118-128), não impede que a escrita acompanhe as mudanças que ocorrem na fala, sobretudo quando se trata de um fenômeno linguístico variável que não é marca social e nem sofre estigma social, como é o caso do imperativo gramatical.

Segundo Marcuschi (2005), a fala e a escrita são duas modalidades de uso da língua e possuem características próprias, mas isso não significa que devam ser vistas de forma dicotômicas. De acordo com o autor, existem mais semelhanças do que diferenças entre as duas modalidades. Nessa perspectiva, temos a ideia de fala e escrita como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Portanto, é importante considerar que as línguas se fundam em usos.

Marcuschi (2005, p.37) diz que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos”. O autor baseia-se no conceito de que a linguagem é determinada pelas condições de uso. Assim, alguns gêneros textuais orais se assemelham mais a gêneros escritos e alguns gêneros textuais da escrita aproximam-se da oralidade. Quando se denomina um gênero textual, procura-se uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Para Marcuschi (2005, p.42):

O *continuum dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *continuum de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos*.

No uso da língua determinam-se sentidos e formas de produção discursivas. Assim, qualquer estudo que se faça entre fala e escrita deve ser feito a partir do uso da língua, observando o *continuum* de variações da fala e da escrita.

Com base no exposto, decidimos analisar a variação do uso imperativo gramatical na escrita capixaba, no sentido de verificar se na escrita os resultados são semelhantes aos encontrados na fala. No Brasil, as pesquisas acerca desse fenômeno têm sido feita em textos escritos sem formato de diálogo por Scherre et alii. (1998) e Scherre, Andrade & Melo (2008); e na escrita com a presença de diálogo por Scherre (2003; 2004; 2008)²⁵, Cardoso (2004) e Andrade, Melo & Scherre (2007) com o propósito de fazerem análises sobre a inserção da variação de uso do imperativo gramatical no texto escrito.

Nesta pesquisa, a amostra se constitui de textos escritos sem formato de diálogo e textos escritos com formato de diálogo. Vale ressaltar que o contexto discursivo dos dados a escritos analisados é também exclusivamente o do pronome *você*, uma vez que na amostra não encontramos o pronome *tu*. Passemos à análise das amostras.

6.1 ANÁLISE DOS DADOS DA ESCRITA SEM FORMATO DE DIÁLOGO

Na análise dos dados foram controlados os fatores polaridade da estrutura e presença de âncoras discursivas, que podem ser balões, vocativos, rimas, ícones (SCHERRE, 2007, p.213) e também pontos de exclamação (SCHERRE, ANDRADE & MELO, 2008), ou seja, elementos que simulam diálogos ou que simulam a fala (SCHERRE, 2005, p.127).

Os dados de escrita sem diálogo revelam a predominância do imperativo associado à forma subjuntiva, o que de acordo com Scherre (2007) se deve a uma questão de ordem sintática, uma vez que o uso da forma associada ao subjuntivo garantiria uma

²⁵ Scherre (2005, p.123-125) faz uma síntese de diversos trabalhos desenvolvidos por alunos da UnB em 2000 e 2002, quando se iniciaram os trabalhos sobre a variação do imperativo na escrita com diálogo.

interpretação adequada do imperativo. Visto de outra forma, os fatos evidenciam que a escrita desfavorece a forma indicativa, o que tem como hipótese o fato de que a forma subjuntiva asseguraria leitura mais diretiva do imperativo, evitando possíveis ambiguidades, como, por exemplo:

- i. “Se o seu pai é o maior do mundo, **DÊ** um presente à altura”
- ii. “**FAÇA** seu cartão Avenida e **CUBRA-SE** de facilidades”

Se empregássemos a forma associada ao indicativo: “Se o seu pai é o maior do mundo, dá um presente à altura”; “Faz seu cartão Avenida e cobre-se de felicidades” haveria a possibilidade de preenchimento do sujeito com o pronome *e/e*, o que levaria a uma leitura assertiva e não diretiva, ou seja, a estrutura seria indicativa, uma vez que no imperativo essa posição permanece apagada (SCHERRE et alii., 2008).

Os dados que apresentaram o imperativo associado à forma indicativa na escrita sem formato de diálogo confirmam pesquisas já realizadas por Scherre (2003; 2004; 2007; 2008), nas quais se constatou que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente quando da presença das âncoras discursivas, como mostram os quatro exemplos abaixo, em que temos ou a presença de um vocativo e ou a de pontos de exclamação. Vale ressaltar que o primeiro exemplo é uma música com todas as características do gênero canção que podem influenciar no uso do imperativo associado ao indicativo, tais como ritmo, rima etc. O contexto discursivo desse gênero também tende a se aproximar mais da oralidade e da escrita mais informal do que da escrita registrada pela tradição gramatical.

“Me **LEVA** que eu vou, meu amor, nesta noite de magia, cantando com fé, este samba de paz. Vamos a Penha, agradecer em romaria” (Enredo da Escola de Samba Unidos de Juquatuquara de 2009).

Se liga nessa notícia!



Agora para obter as principais informações sobre os programas e gravações do SBT, através de um sistema eletrônico, ou ainda utilizar a opção de falar com a atendente é só ligar para:

0xx11 - 3236.0111

Central de Informações do SBT

Fig. 02: Propaganda do STB veiculada no jornal *A Tribuna*

CUTUCA A SORTE QUE O CELTA VEM!

A promoção *A Tribuna Dá de 10* continua dando um carro 0km todo mês. Recorte e preencha o cupom que sai diariamente em seu jornal, deposite na urna mais próxima e concorra. Cutuca a sorte que ela vem e um Celta zerinho pode ser seu.



Central do Assinante
3232.5959

Jornal *a TRIBUNA* 70 ANOS

CVC
Tudo por você

Fig. 03: Propaganda do jornal *A Tribuna* relacionada ao sorteio de um automóvel



Fig. 04: Propaganda do Governo do Estado do Espírito Santo para incentivar a emissão de notas fiscais

É interessante ressaltarmos, em recente propaganda do governo do Estado do Espírito Santo, janeiro de 2010 (Fig. 03), o papel das âncoras discursivas na escrita sem formato de diálogo. Nesta campanha, que foi veiculada tanto em *outdoors* como na televisão por meio de uma propaganda em que a frase “Me dá, me dá, me dá a nota!” é um *jingle*, isto é, um slogan que tem como foco a sedução do destinatário, ou seja, são estratégias construídas para seduzir o público-alvo²⁶. Na figura acima, podemos observar as duas formas do imperativo gramatical, em que a presença da âncora discursiva, ponto de exclamação, na escrita, permite o uso do imperativo associado à forma indicativa sem perda do sentido da leitura diretiva. Para um falante nativo de um contexto quase exclusivo de imperativo associado ao indicativo,

²⁶ CARRETA, Álvaro Antonio. A forma da canção nas esferas discursivas. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo 37 (3) 17-24, set-dez. 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_02.pdf> Acesso em 15 Mar. 2010.

se o *jingle* estivesse na forma associada ao subjuntivo não seria tão musical, isso com base na intuição de observadora nativa.

Scherre (2004, p.253) analisou a variável presença/ausência de vocativo em dados da escrita. A autora observou que a presença do vocativo tende a favorecer o imperativo associado à forma indicativa. Assim podemos dizer que comprovadamente a presença do vocativo em dados da escrita sem formato de diálogo é um dos elementos que permitem uma leitura diretiva do imperativo na forma indicativa. Em uma pesquisa na revista *Turma da Mônica*, das décadas de 70 e de 90/séc. XX, Scherre (2008, p.313) constatou que, na relação presença ou ausência do vocativo, a forma indicativa é favorecida pela presença do vocativo. A autora constatou ainda que, na escrita sem formato de diálogo, ocorre maciçamente o imperativo associado à forma subjuntiva, fato observado em construções extraídas do *Correio Brasiliense* (Brasília), em construções extraídas de jornais e de prospectos diversos (SCHERRE, 2005, p.127; SCHERRE; ANDRADE & MELO, 2008). A forma associada ao indicativo foi também encontrada em diversos textos escritos fora do formato de diálogo, sistematicamente na presença de âncoras discursivas. A forma associada ao indicativo foi encontrada predominantemente na presença de âncoras discursivas em dados extraídos do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro). Scherre (2007, p.213-214); Scherre, (2005, p.127); Scherre (2008, p.314); Scherre, Andrade & Melo (2008).

Um fato interessante é o uso do imperativo associado à forma indicativa no lema da bandeira do Estado do Espírito Santo:



Fig. 05: Bandeira do Estado do Espírito Santo.

que seria uma adaptação de um lema jesuíta (“Trabalha como se tudo dependesse de ti, e confia, como se tudo dependesse de Deus”). Embora não tenha a presença de âncoras discursivas, a leitura diretiva do texto parece não ser prejudicada pelo uso da forma indicativa, ao menos na intuição de uma falante nativa, que conhece o contexto discursivo de produção do lema da bandeira. Aqui cabe uma reflexão acerca do lema, será que esse elemento não seria também uma espécie de âncora cultural? Mas isso é assunto para pesquisas futuras.

Além disso, encontramos um dado de imperativo associado à forma indicativa sem a presença de âncoras discursivas com o verbo *olhar*:

- i. “Nós acreditamos em você. **OLHA** as vantagens que estamos dando”.
(Propaganda do Banco Real)

o que corrobora com a hipótese levantada por Scherre (2003, p.187), de que verbos de primeira conjugação com vogal precedente aberta (*fala/olha/espera*) tendem a favorecer a forma associada ao indicativo. Além dessa característica, o verbo *olhar* se inclui também no fato de verbos de até duas sílabas que tendem a favorecer imperativo associado à forma indicativa (*olhar/deixar/falar/abrir*). No caso específico da propaganda do Banco Real, parece-nos que o pronome *você* antecedente torna possível o uso do verbo *olhar* no imperativo indicativo. Scherre (2007, p.201) também levantou esses dados ao analisar resultados de várias pesquisas sobre o uso do imperativo gramatical, tanto na fala quanto na escrita com formato de diálogo, propondo um quadro de tendências gerais de favorecimento relativo das duas variantes do imperativo singular em termos de grandes oposições²⁷.

Outro fato relevante é a estrutura com negação pré-verbal, que desfavorece a forma imperativa associada ao indicativo, resultado atestado também nos dados da fala. Nos dados da escrita não encontramos nenhuma estrutura imperativa associada ao indicativo com negação pré-verbal. O que em termos de tendência, revela que a construção de negativa pré-verbal parece ser uma forte restrição ao uso do

²⁷ Scherre (2007, p.207) só não relata o efeito dos vocativos, um efeito bastante interessante em textos escritos com ou sem formato de diálogo (SCHERRE, 2008, p.313-314).

imperativo associado à forma indicativa. Em outras palavras, na escrita sem diálogo a leitura diretiva da estrutura de negação pré-verbal só é possível com imperativo na forma subjuntiva, já na forma indicativa são necessários outros fatores que auxiliem a leitura imperativa. Sendo assim, a sintaxe parece impedir o uso da forma associada ao indicativo, fato atestado por pesquisas já realizadas por Scherre et. al. (1998); Lima (2005) e Scherre (2007). Em nossos dados encontramos o seguinte exemplo:



Fig.06: Propaganda da VitoriaWagem veiculada no jornal *A Gazeta*.

Encontramos também estruturas afirmativas no imperativo associado à forma subjuntiva com a presença de âncoras discursivas:

- i. “**COMPRE** melhor!”
- ii. “**COMPRE** mais barato!”
- iii. “**COMPRE** na Eletrocity!”

Nos exemplos acima, apesar da presença das âncoras discursivas, o imperativo é associado à forma subjuntiva o que garante uma leitura diretiva. Se as frases estivessem na forma associada ao indicativo poderiam causar dúvidas e serem lidas como frases assertivas. A presença da âncora também pode ser constatada na propaganda abaixo, em que o imperativo está associado à forma subjuntiva apesar do desenho do telefone, como ícone que remete a fala. Entretanto, esse fato também ocorre na escrita com formato de diálogo (SCHERRE, 2008, p.311-313). Isso mostra que a forma imperativa associada ao subjuntivo pode ocorrer com ou sem âncora discursiva, fato que não acontece com a forma imperativa associada ao indicativo, como veremos adiante.



Fig.07: Propaganda da *Rede Tribuna* veiculada no jornal *A Tribuna*

Entre os fatores que tendem a desfavorecer ao imperativo associado à forma indicativa são as construções com pronome oblíquo se depois do verbo. Em nossos dados encontramos:

- i. **“CADASTRE-SE!”**
- ii. **“FAÇA seu cartão Avenida e CUBRA-SE de facilidades”**

Embora nossos dados não sejam muitos, a análise mostra que a maior ocorrência do imperativo associado à forma subjuntiva em texto sem formato de diálogo talvez se deva a razões sintáticas, ou seja, pela possibilidade de preenchimento da posição de sujeito se o imperativo estivesse na forma indicativa, fato atestado, como já dito anteriormente, por Scherre et alii. (1998, 2000); Scherre (2002, 2003, 2004, 2006, 2007). Contudo, ainda não podemos atestar até que ponto é possível dissociar a alternância do uso imperativo da questão da escolha do pronome sujeito. Paredes e Silva; Santos; Ribeiro (2000) em seu estudo sobre a variação na segunda pessoa, o pronome sujeito, e a forma do imperativo levantam a hipótese de o imperativo ter aparecido antes do uso do *tu* explícito na fala carioca. Fica claro que a relação entre o uso do imperativo e a escolha do pronome sujeito é um assunto ainda a ser pesquisado.

TABELA 10 - Análise quantitativa do uso do imperativo em função das âncoras discursivas: textos escritos sem formato de diálogo nos dados de Vitória/ES

Forma associada ao indicativo	Pesos relativos
Com âncoras discursivas	0,98
Sem âncoras discursivas	0,33

Nossos resultados mostram um alinhamento com a pesquisa empreendida por Scherre (2008) feita em textos variados sem formato de diálogo (TABELA 11). Além disso, esses resultados revelam que a escrita sem formato de diálogo e a escrita com formato de diálogo, no contínuo de gêneros textuais proposto por Marcuschi (2005, p.38), estão em opostos extremos, ou seja, a fala dialógica estaria mais próxima ao protótipo da modalidade da fala e a escrita sem formato de dialógico está no extremo oposto, mas próxima ao protótipo da escrita.

TABELA 11 - Análise quantitativa do uso do imperativo em função das âncoras discursivas: textos escritos sem formato de diálogo (SCHERRE, 2008).

Forma associada ao indicativo	Pesos relativos
Com âncoras discursivas	0,94
Sem âncoras discursivas	0,32

Fonte: Adaptado de Scherre, Andrade & Melo (2008).²⁸

As variações e mudanças na fala e na escrita ocorrem em proporções diferentes, mas nas duas modalidades de uso da língua as variações existentes são condicionadas por fatores linguísticos e sociais. As relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou pelo menos

²⁸ SCHERRE, Maria Marta Pereira, ANDRADE, Carolina Queiroz, MELO, Fernanda Glauca de Moura. **O imperativo gramatical na escrita não-dialógica** - o papel das âncoras discursivas no português brasileiro. 2008. XV Congresso Internacional da ALFAL; *Universidad de la Republica*. (Comunicação)

graduais. Muitas das características diferenciais atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua (contextualização/descontextualização, envolvimento/distanciamento). Essas características não são categorias e nem são exclusivas de uma modalidade.

Esses resultados atestam as hipóteses levantadas por Scherre et alii. (1998) Scherre (2004) de que o uso do imperativo associado ao indicativo poderia levar ao preenchimento da posição de sujeito em determinados contextos discursivos: essa possibilidade faria com que a estrutura deixasse de ser imperativa. Assim, a presença de âncora discursiva pode permitir a presença de imperativo associado ao indicativo, impedindo uma leitura assertiva e assegurando uma leitura diretiva, em estruturas imperativas sem formato de diálogo.

6.2 TIRINHAS DE *MARLY, A SOLTEIRONA*: UMA ANÁLISE DA ESCRITA COM FORMATO DE DIÁLOGO

As tirinhas de *Marly* são publicadas há aproximadamente 37 anos e, por esta razão, acreditamos ser interessante fazer uma análise com mais dados para verificar se houve mudança no uso do imperativo nas tirinhas. Assim, os dados aqui analisados são uma amostra diacrônica da escrita com formato de diálogo nas tirinhas da personagem capixaba.

O contexto discursivo analisado é proveniente do pronome *você*, pois não há registro de pronome *tu* nos dados das tirinhas de *Marly*. Para a pesquisa do imperativo gramatical, analisamos 97 tirinhas dos anos 70 do séc. XX, 290 tirinhas do Almanaque *Marly mostra quase tudo...* lançado em 2006, no qual o autor conta a “história” de *Marly* e republica algumas das tirinhas publicadas ao longo de mais de 35 anos, e 200 tirinhas recolhidas entre os meses de junho a dezembro 2009. Nos dados da década de 70, de 23 dados analisados, 43,5% (10/23) são de imperativo associados à forma indicativa (*fala/diz/faça*). Já nos dados do *Almanaque*, há 26% (11/42) de imperativo associados à forma indicativa e nas tiras do ano 2009 o percentual de formas associadas ao indicativo é de 37% (22/59).Esses resultados

mostram que o uso imperativo nas tirinhas não reflete o uso da fala capixaba, pois nesta o percentual de imperativo gramatical associado à forma indicativa é de 97%. Abaixo temos exemplos encontrados nas amostras:

Imperativo gramatical associado à forma subjuntiva nos dados da década de 70:

- “Alô! **DESCULPE**, eu estava no banheiro!” (*A Gazeta*, 1973)
 - “Então me **DÊ** uma dica”. (*A Gazeta*, 1973)
- ✓ **Imperativo gramatical associado à forma indicativa nos dados da década de 70:**
- “**OLHA**, não **PUBLICA** nada disso heim”. (HENRIQUES, 2006)
 - “**DEIXA** eu trancar a janela porque não consigo telefonar com essa ventania”. (HENRIQUES, 2006)
- ✓ **Imperativo gramatical associado à forma subjuntiva nos dados do Almanaque:**
- “**DESCULPE**, mas acho você muito porca!” (HENRIQUES, 2006)
 - “Então **VENHA** tomar algo!” (HENRIQUES, 2006)
- ✓ **Imperativo gramatical associado à forma indicativa nos dados do Almanaque:**
- “**OLHA** só a dela!!” (HENRIQUES, 2006)
 - “**DEIXA** ver: hoje tenho feira, dentista, costureira, visitar Creusodete...” (HENRIQUES, 2006)
- ✓ **Imperativo gramatical associado à forma subjuntiva nos dados de 2009:**
- “**DESCULPE**, tenho compromisso urgente!” (*A Gazeta*, 2009)
 - “Dona Magnólia, **DÊ** uma bronca no seu filho! Ele me persegue em todos meus sonhos!!” (*A Gazeta*, 2009)
- ✓ **Imperativo gramatical associado à forma indicativa nos dados de 2009:**
- “**DEIXA** eu fazer os cálculos...” (*A Gazeta*, 2009)

- “Milson, cê tá denegrindo minha honra! **TIRA** esse peru imoral daqui!” (A *Gazeta*, 2009)

Passaremos agora à análise. Vale lembrar que a análise desta pesquisa é binária e as frequências relativas e os pesos relativos devem ser lidos em relação à forma associada ao indicativo. Os grupos de fatores analisados foram: personagem; polaridade da estrutura; verbo na função de marcador discursivo; a que conjugação pertence o verbo - primeira, segunda ou terceira conjugação; presença, tipo e localização dos pronomes; vocativo; número de sílabas do verbo no infinitivo e época de publicação das tirinhas. Analisamos essas variáveis com o objetivo de efetuarmos comparações com outras análises que também consideraram essas variáveis, em especial com os trabalhos de Scherre et alii. (1998) Scherre (2003; 2004; 2008), Cardoso (2004), e Andrade, Melo & Scherre (2007).

No início de nossa pesquisa sobre o uso do imperativo gramatical nas tirinhas de *Marly*, percebemos o uso de 90% (9/11) de formas associadas ao indicativo na voz da personagem *Marly*. Já na voz da personagem *Creuzodete*, observamos 100% (14/14) das formas associadas ao subjuntivo:

- i. “Xumbrega! Me **DEIXA** em paz! Tenho compromisso com Obama, com o Obama, tom Cruise, Amaro Lima, O Brad Pit!” (*Marly*)
- ii. “**VEM** rápido! Heeelp! Ssooocoorroo!!” (*Marly*)
- iii. “*Marly*, **FAÇA** plástica e **FIQUE** linda! **LEVANTE** o nariz, **ALISE** o pescoço, **PUXE** os olhos...**LEVANTE** os peitos, a bunda, **ENCOLHA** a barriguinha e...” (*Creuzodete*)

Vale ressaltar que, nesse primeiro momento, tínhamos apenas poucos dados do ano de 2009. Ao pesquisarmos sobre a produção das tirinhas de *Marly* foi que percebemos a possibilidade de fazermos um estudo diacrônico com o objetivo de analisar se houve processos de mudança em diálogos escritos em uma tirinha capixaba publicada desde 1973, semelhante ao que foi encontrado nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*, com um salto percentual da ordem de 65 pontos percentuais em um intervalo de 35 anos, de 1970 a 2005, nos termos de Scherre

(2007, p.210-213) e Andrade, Melo & Scherre (2007). E também no estudo realizado por Paredes Silva; Santos & Ribeiro (2000, p.115-122), já mencionado no item 2, em textos escritos de peças teatrais, no período compreendido entre meados do século XIX a década de 90 do século XX, no qual observaram que a partir do ano de 1922 houve um abasileiramento do imperativo, ano do movimento modernista. Neste estudo, as autoras observaram um crescimento do uso do pronome *você* juntamente com o aumento do uso do imperativo associado ao indicativo.

De posse desses fatos, demos início à nossa procura pelas primeiras tirinhas. Descobrimos que o próprio autor não as tinha, mas nos disponibilizou o *Almanaque* como amostra da trajetória de *Marly* . Além disso, informou-nos o ano da publicação da primeira tirinha e assim foi possível conseguimos as primeiras tirinhas na Biblioteca Pública Estadual, que conta com quase todo o acervo desde a primeira publicação. Na Biblioteca Estadual o acervo está guardado em microfilmes, o que dificulta o acesso, pois a biblioteca conta apenas com uma máquina para se ter acesso ao acervo e para isso organiza o acesso a esses documentos por meio de uma agenda de reserva para os usuários. Devido a isso, coletamos as tirinhas de janeiro a fevereiro de 1973.

Ao analisarmos as amostras que tínhamos, percebemos, com base nos resultados, que as tirinhas não revelam o uso do imperativo constatado na fala capixaba. Os primeiros dados não foram submetidos ao programa *Varbrul* , os resultados relatados a seguir foram feitos manualmente devido à pouca quantidade de dados. Surpreendeu-nos o fato de o percentual de uso do imperativo associado à forma indicativa na voz de *Marly* ter diminuído, passando de 90% para 50% (13/26) nos dados do ano de 2009, quando com mais dados utilizamos o programa estatístico. E o uso do imperativo associado ao subjuntivo na voz da personagem *Creuzodete* passou de 0% para 10,5% (2/17). Não sabemos ainda o que provocou essa mudança, mas o fato é que procuramos entender efetivamente esses resultados para além do fator personagem, que, nos primeiros dados, mostrou-se importante, visto que *Marly* é capixaba. Isso por si só responderia às nossas indagações sobre o processo de mudança. Para a rodada de todos os dados das três amostras, controlamos o imperativo na voz de todos os personagens, incluindo o papagaio *Prepúcio* . *Prepúcio* é um dos animais de estimação que *Marly* ganhou do seu criador

ao longo desses 37 anos. O primeiro era também um papagaio chamado *Ediberto*, o segundo um cão chamado *Sarmento*, que de tanta notoriedade foi publicado sozinho inúmeras vezes na década de 70, desaparecendo algum tempo depois, talvez por causa da popularidade do personagem. Após um período sem animal de estimação, *Marly* ganhou um papagaio, que chamou de *Prepúcio* depois de perceber que se tratava de “papagay”. *Prepúcio* é um personagem de destaque, mas que, como *Creuzodete*, não ofusca *Marly*. O resultado da rodada com os dados de todos os personagens ficou assim:

TABELA 12 – Efeito dos personagens no uso do imperativo na forma associada ao indicativo nos dados das tirinhas de *Marly* da década de 70 do séc. XX, do Almanaque da *Marly* e do ano de 2009. (*Análise com todos os dados*)

Personagem	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Marly	28/74	38%
Creuzodete	3/20	15%
Prepúcio	6/8	75%
Outros	7/23	30%
Total	44/125	35%

Após a primeira rodada, percebemos alguns contextos de efeitos categóricos, como, por exemplo, marcadores discursivos, no qual tivemos um percentual de 100% (4/4) de formas imperativas associadas ao indicativo e de não-marcadores, com o percentual de cerca de 33% (40/121). Apesar de não ser um resultado significativo do ponto de vista estatístico, isso mostra que os verbos na função de marcadores tendem a favorecer o imperativo associado à forma indicativa, o que aponta uma tendência no uso do imperativo em várias pesquisas, como veremos mais adiante.

Com relação à polaridade da estrutura, a negação pré-verbal mostrou-se mais uma vez fator de favorecimento do imperativo associado à forma subjuntiva, com um percentual de 93% (14/15), para uma média de 64,8%. No caso do imperativo

associado ao indicativo, o nosso foco, a negação pré-verbal o desfavorece com 6,7% (1/15), para uma média de 35,2%.

Com base nos resultados explanados acima, para fazermos uma rodada de pesos relativos retiramos os grupos de marcador discursivo, polaridade da estrutura e algumas estruturas de pronomes por serem contextos de invariância, como já especificado no parágrafo anterior. Após a retirada e as almagamações, o programa selecionou somente o grupo de personagens como estatisticamente significativo. O resultado ficou assim:

TABELA 13 – Efeito do personagem no uso do imperativo na forma associada ao indicativo nos dados das tirinhas de *Marly* da década de 70 do séc. XX, do Almanaque da Marly e do ano de 2009. (*Análise com os dados almagamados e dados de contexto de efeito categórico eliminados*)

Personagem	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos selecionados
Marly	22/55= 54%	0,560
Creuzodete	3/20= 15%	0,252
Prepúcio	5/7= 72%	0,826
Outros	6/19= 32%	0,468
Total	36/101= 36%	

Percebemos que a personagem *Creuzodete* desfavorece o uso do imperativo associado à forma indicativa com peso relativo de 0,252. Esse resultado é relevante na medida em que temos a caracterização de *Marly* como a personagem tipicamente capixaba, que, relativamente favorece o uso da forma associada ao indicativo (0,560). Embora na fala o percentual de 97% das formas associadas ao indicativo indique uma quase invariância do imperativo gramatical na cidade de Vitória/ES, o fato de *Marly* no conjunto de todas as amostras ter o peso relativo de 0,560 mostra que ela tem fala mais próxima da fala capixaba que *Creuzodete*. Entretanto, é interessante notar que *Prepúcio*, o papagaio de estimação de *Marly*, apesar dos poucos dados, é quem mais favorece o imperativo associado à forma

indicativa (0,826). Teríamos que ter mais dados para confirmar esse resultado, mas o fato é que *Marly* é a personagem feminina que mais se aproxima da fala capixaba.

Mesmo que os outros grupos não tenham sido considerados estatisticamente significativos, é importante que sejam mensurados e comparados com resultados de outras pesquisas. Vejamos o efeito do fator época nos dados configurados na Tabela 14:

TABELA 14 - Efeito da época nos dados de *Marly* com relação ao imperativo associado á forma indicativa. (*Análise com contexto de efeito categórico eliminados*)

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não-selecionados
Década de 70	7/13= 54%	(0,642)
Década 2000	19/53= 36%	(0,502)
Sem identificação de data	10/35= 23%	(0,443)
Total	36/101= 36%	

Para obter esses resultados, amalgamamos os dados da década de 70 das tirinhas que coletamos na Biblioteca Estadual com os dados da década de 70 do *Almanaque da Marly*, assim como amalgamamos todos os dados da década de 2000 coletados no almanaque e nas tirinhas do jornal *A Gazeta*. Os dados sem identificação de data se referem aos dados do *Almanaque* em que foi impossível encontrarmos indícios que nos certificassem de que ano eram as tirinhas.

Em uma pesquisa também com dados da escrita com formato de diálogo, Scherre (2008, p.309)²⁹ relata detalhes da pesquisa na atual revista *Turma da Mônica*, do escritor e empreendedor paulista Maurício de Sousa. A autora utilizou dois *corpora*: um do início da década de 70: “As Primeiras Histórias da Mônica” - 25 histórias das 10 primeiras revistas da *Mônica e sua Turma*; outro do final da década de 90: 15

²⁹ Na página 77 deste estudo fazemos referência à pesquisa com os dados da *Turma da Mônica* até o ano de 2005 e que a diferença é de 65 pontos. Isso ocorreu porque a pesquisa e a publicação não caminharam juntas, ou seja, a publicação ficou descompassada.

revistas da *Turma da Mônica*, já incluindo histórias de Magali, Cebolinha, Cascão e Chico Bento, além da própria Mônica. O objetivo específico da autora neste estudo foi o de explicitar os processos de mudanças linguísticas na língua escrita, analisando o uso do imperativo associado à forma indicativa ou à forma subjuntiva, nesses *corpora* que apresentam um intervalo de aproximadamente 30 anos.

Scherre (2008, p.307) alerta que os dados foram analisados em contexto discursivo exclusivo do pronome *você*, já que a amostra não apresentou nenhum com o pronome *tu*. Os resultados da década de 70 apresentaram 7% (11/162) de imperativo associado à forma indicativa (*fala/abre/faz*). Porém os dados da década de 90 apresentaram um percentual de 55% (363/658) de imperativo associado ao indicativo. Esse resultado evidencia um aumento de 48 pontos percentuais de um período para outro no uso de imperativo associado à forma indicativa nos histórias da *Turma da Mônica*.

Diferentemente de nossos resultados nas tirinhas de *Marly*, os resultados com a revista da *Turma da Mônica* indicam mudança em progresso. Scherre (2008, p.316) observou que alguns fatores favorecem o imperativo associado à forma indicativa nos dados da revista, tais como: a polaridade afirmativa da estrutura (*Faz de conta que você tá...*), verbos com menos sílabas na forma infinitiva (*Dá um beijinho!*), presença de vocativo na estrutura (*Não exagera, Mônica!!*), verbos de paradigmas irregulares de oposição menos marcada e pelos verbos de paradigma regular menos marcado (*dá, sai, vem, esquece, sobe, canta*), pela natureza mais aberta da vogal precedente em verbos de primeira conjugação (*Espera um pouquinho, Mônica!*), os quais optamos por não comentar mais minuciosamente por já termos analisado a negação pré-verbal nos dados do PORTVIX (Item 5.1), o papel do vocativo enquanto âncora discursiva nos dados da escrita sem formato de diálogo (Item 6.1), o fator de paradigma verbal não foi controlado em nossos dados e o número de sílabas do verbo o infinitivo será discutido no capítulo 7.

Isso posto, passaremos agora a analisar mais detalhadamente a presença de pronome do caso reto (*Agora, deixa eu fazer...*) e do caso oblíquo de primeira pessoa *me* antes do verbo (*Me larga! Me solta!*) (SCHERRE, 2008, p.316), fazendo uma comparação com nossos dados que se mostraram interessantes na medida em

que se revelam coerentes com a tendência. Para tanto, colocamos em uma tabela o resultado geral dos dados de *Marly* em função do efeito dos pronomes.

TABELA 15 - Efeito da presença, tipo, localização dos pronomes no uso do imperativo na forma indicativa em contexto discursivo de pronome *você* – Tirinhas de *Marly, a solteirona*

Fatores	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Ausência de pronome	33/83	40%
Pronome reto depois do verbo “ DEIXA eu fazer os cálculos”	2/2	100%
Pronome oblíquo <i>me</i> antes do verbo “Me CONTA logo!”	4/22	18%
Pronome oblíquo <i>me</i> depois do verbo “Agora é AMA-me!!! ”	3/12	25%
Pronome oblíquo <i>se</i> antes do verbo “Não se PREOCUPE nem sofra...”	0/2	0%
Pronome oblíquo <i>se</i> depois do verbo “Minha senhora, ACALME-se! A luz do elevador já vai voltar!”	0/2	0%
Pronome oblíquo <i>lhe</i> depois do verbo “ DÁ-lhe Marly!”	1/1	100%

Em relação aos clíticos, Leite (1994 apud SCHERRE, 2008, p.311), em pesquisa feita com diálogos da novela *Fera Ferida*, constatou que a presença e a posição de um pronome da forma oblíqua tendem a favorecer o imperativo associado à forma subjuntiva. Scherre (2008, p.311-312) observou fatos interessantes a respeito da presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes no uso do imperativo. Os resultados evidenciaram que nos dados da década de 70 inexistiu o tipo “*Deixa eu ver*” e a total ausência de pronomes retos em sentenças imperativas, já nos dados da década de 90, Scherre (2008) identificou 22/23 casos deste tipo de estrutura no imperativo associado ao indicativo e há apenas 1 estrutura imperativo associado ao subjuntivo, ou seja, há 96% de casos de imperativo na forma indicativa. Em dados

dos anos 2001, 2002, 2004 e 2005, da revista da *Turma da Mônica* pesquisados por Scherre (2007, p.122), chega-se a um total de 83 casos de estruturas do tipo “*Deixa eu ver*” todos com imperativo na forma associada ao indicativo. Em nossa amostra, identificamos apenas a presença de dois pronomes retos nos dados da década de 70 e do ano de 2009; mas todos os dois com imperativo na forma associada ao indicativo.

- i. “**DEIXA** eu trancar a janela porque não consigo telefonar com essa ventania”.
(Década de 70)
- ii. “**DEIXA** eu fazer os cálculos...” (Ano 2009)

Mesmo sendo apenas dois casos encontrados, mostra-se interessante a presença do pronome reto com o imperativo na forma indicativa, já nos dados da década de 70. Esse fato indica que pronomes do caso reto tendem mesmo a favorecer sistematicamente o imperativo associado à forma indicativa, fato este também observado por Scherre (2008, p.312) e Scherre (2007, p.212).

Como percebemos pelos resultados da Tabela 15, os pronomes *lhe* favorece categoricamente o imperativo associado ao indicativo (1/1=100%).

- i. “**DÁ**-*lhe* Marly”

Em nossos dados não encontramos o pronome *te* associado ao indicativo em contexto de pronome você. Entretanto, o *te* e o *lhe* ocorrem muito pouco e quando ocorrem estão sempre associados a forma indicativa, são na verdade os únicos oblíquos associados ao imperativo na forma indicativa. Todos os outros pronomes oblíquos tendem a favorecer o imperativo associado à forma subjuntiva, claro que, em algumas vezes, isto depende da posição. O que acontece nos nossos dados, como podemos observar na Tabela 15, os 25% de casos de pronome *me* depois do verbo. Em relação ao pronome *te* é importante pontuar o estudo de Cardoso (2009) sobre “*Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*”. Cardoso (2009, p.120-121) identificou que o contexto de *tu* é altamente restritivo ao uso do imperativo associado ao subjuntivo. A autora conclui, com base em seus resultados, que o contexto de *te/teu/tu* favorece o imperativo associado à

forma indicativa. Parece que o *te* é um resquício do contexto de *teu* que restringe o subjuntivo.

[...] o contexto *te/teu/tu* favorece o imperativo associado ao indicativo, podendo chegar até a um efeito de categoricidade. Observando o contexto do pronome *você*, vemos que há um favorecimento do imperativo associado ao subjuntivo, o que também mostra um efeito da história. É importante lembrar que a presença do pronome *você* no contexto de favorece o imperativo associado ao subjuntivo, mas não há efeito categórico, ou seja, a associação de forma imperativa e pronome não está em completa distribuição complementar como registra a história (CARDOSO 2009, p.120-121).

A área que ocorre mais variação é na presença *você* ou ausência de pronome de qualquer pronome, como já dissemos anteriormente. O pronome *tu* restringe, apesar de não ser absolutamente categórico e, como bem pontuado por Cardoso (2009), não ser distribuição complementar, mas tem uma relação no sentido de que o pronome *você* permite ampla variação, porém, dependendo da região, a presença do pronome *você* em relação ao pronome *tu*, o contexto *você* vai favorecer mais um pouco a forma subjuntiva ou desfavorecer um pouco menos a forma associada ao indicativo e o *tu* vai favorecer mais o indicativo. Mas, na cidade de Vitória/ES, há somente o contexto de *você* e o imperativo é quase categoricamente associado à forma indicativa.

O pronome *se* desfavorece categoricamente o imperativo associado ao indicativo, nos dados de *Marly* (0/4=0%). Entretanto, nos dados da *Turma da Mônica*, Scherre (2008, p.312) identificou, na amostra dos anos 90, dois casos associados à forma indicativa, como "*Então se prepara para correr!*", o que a pesquisadora concluiu, mesmo que ainda tímido, o surgimento de índice de mudança e de contexto de resistência. Fato esse que precisa de mais pesquisas para ser confirmado.

Com relação ao crescimento do uso do imperativo associado à forma indicativa na revista da *Turma da Mônica*, Scherre (2007, p.212) analisou a influência do pronome *me* antes e depois do verbo e os pronomes *eu/ele/nos* depois do verbo. Para melhor visualizarmos os resultados, vejamos a Tabela 16:

TABELA 16 - Aumento do imperativo associado à forma indicativa em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 70 e a primeira década do século XXI em função do tipo e da posição do pronome com relação ao verbo.

Ano ou período	Me depois do verbo DEIXA-ME ver!!! DEIXA-ME ver	Me antes do verbo Me DEIXE, Mônica!	Eu/ele/nos depois do verbo Hum...DEIXA eu ver... Bem...DEIXE eu ver...
1970 e 1971	0/20 = 0%	0/5 = 0%	Não há
1983	Não há	1/10 = 10%	0/1 = 0%
1985 a 1988	0/5 = 0%	12/25 = 48%	13/15 = 87%
1998 e 1999	0/6 = 0%	23/39 = 59%	22/23 = 96%
2001, 2002, 2004 e 2005	3/21 = 14%	70/116 = 60%	83/83 = 100%
Total	3/52 = 6%	106/195 = 54%	118/122 = 97%

Fonte: Adaptação de Scherre (2007, p.212).

Os resultados da tabela são muito claros em relação ao aumento de estruturas imperativas associadas ao indicativo na revista em questão. Podemos observar um aumento constante e progressivo. Segundo Scherre (2007, p.212), esses resultados revelam que, além de um relativo crescimento do uso de próclises, com o passar do tempo elas ocorrem muito mais em estruturas imperativas associadas ao indicativo. Com as ênclises ocorre o oposto, isto é, apresentam-se mais em estruturas imperativas associadas ao subjuntivo.

Voltando aos dados de *Marly*, retirados alguns fatores de efeito categórico, para a rodada de pesos relativos - os casos de pronome reto, pronome *se* antes e depois do verbo, pronome *te* depois do verbo, pronome *lhe* depois do verbo - o pronome *me* antes do verbo e *me* depois do verbo revelaram efeitos semelhantes de imperativo associado ao indicativo, respectivamente, $4/15=27\%$ e $3/11=27\%$, como podemos observar na Tabela 17:

TABELA 17 - Efeito da presença e localização do pronome *me* no uso do imperativo na forma indicativa em contexto discursivo de pronome *você* – dados das tirinhas de *Marly, a solteirona*. (Análise com contexto de efeito categórico retirados)

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos não selecionados
Ausência de pronome	29/79= 39%	(0,525)
Presença de <i>me</i> antes e depois do verbo	7/26= 27%	(0,430)
Total	44/125= 35%	

O estudo dos clíticos na alternância do imperativo no português brasileiro tem mostrado algumas tendências. Embora nossos dados sejam poucos, os resultados são semelhantes em alguns aspectos e similares aos resultados de outros estudos, mostrando claramente restrições sistemáticas quanto ao uso dos clíticos em relação ao imperativo, como discutido acima, mesmo ainda sem possibilidade de relevância estatística, como se pode observar na tabela acima.

Em suma, nossos resultados indicam que os pronomes *te* e *lhe* sempre favorecem imperativo associado à forma indicativa, o pronome de caso reto em estruturas “*Deixa eu ver*” também favorece 100% o imperativo associado à forma indicativa, o que pode indicar o surgimento de uma expressão cristalizada, fato que não discutiremos aqui por não ser o foco do nosso estudo. Percebemos também que o pronome *me* tende a favorecer mais o imperativo indicativo do que o pronome *se*. Com base nessa análise, podemos afirmar que nosso resultado é similar ao encontrado por Scherre (2008, p.312), o que, segundo a autora é mais um fato apontando mudança.

Embora, os resultados nos dados da escrita com formato de diálogo não tenham confirmado nossa expectativa, que era a encontrar indícios de mudança em progresso na escrita com formato de diálogo em consonância com os resultados do PortVIX, alguns fatos mostram tendências, regularidades semelhantes aos resultados de outras pesquisas. Nesse sentido é que o pesquisador não deve se ater somente aos fatores significativamente estatísticos, mas também olhar para as

regularidades, pois os contextos de invariância o programa não “enxerga” ao efetuar a seleção das variáveis.

7 ANÁLISE DOS DADOS DA MÍDIA TELEVISIVA

A mídia exerce uma grande influência na sociedade contemporânea, em que rádio, televisão, jornais, internet permeiam a vida cotidiana do indivíduo. É por meio desses canais de comunicação e informação que as notícias e acontecimentos de qualquer parte do mundo chegam a qualquer lugar em que essas mídias estejam presentes. O poder da mídia sobre o comportamento é muito grande: ela se tornou transformadora de valores e formadora de opinião. De todos os meios de comunicação midiáticos a televisão é certamente a que mais se popularizou, ditando comportamentos e valores sociais, mas também é inegavelmente um reflexo do comportamento humano na sociedade.

Para falar em mídia faz-se necessário conceituar gêneros textuais, pois para a Análise do Discurso a mídia se configura e se comporta como um gênero textual. Segundo Marcuschi (2003) os gêneros textuais devem ser entendidos como entidades sócio-discursivas, são formas de ação social. Essas entidades se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, sem desconsiderar a estrutura linguística de determinado gênero textual. O autor pontua que esses gêneros criam formas novas e próprias de comunicação, as formas híbridas que não deixam clara a relação entre escrita e oralidade, ou seja, não são formas de comunicação distintas e sim complementares que, conforme a necessidade do evento comunicativo, podem apresentar mais características da oralidade ou da escrita. Nesse sentido, o discurso jornalístico é um domínio discursivo, uma prática discursiva dentro da qual identificamos uma variedade de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2003).

Diante disso, resolvemos analisar a inserção do imperativo gramatical associado à forma indicativa nos programas televisivos locais, distribuídos em relação à presença de diálogo e ausência de diálogo face-a-face por meio de entrevistas e reportagens. Nosso controle ainda é inicial, mas aponta novamente para a importância do diálogo como fator favorecedor do imperativo associado ao indicativo.

Vale salientar que os programas televisivos estão dentro do *continuum* oralidade e escrita, uma vez que a fala da mídia é, normalmente, constituída por textos

previamente escritos, ou seja, essa é, via de regra, planejada. Entretanto, nem tudo é previsível em programas televisivos e por vezes em algumas situações não há como escrever um texto e sim apenas um roteiro, sobretudo quando o programa é um jornal ao vivo feito por reportagens do dia.

Os telejornais escolhidos para análise foram *Balanço Geral*, da Rede Vitória, e *Tribuna Notícias*, da Rede Tribuna. O *Balanço Geral* é exibido de segunda a sexta às 12h40min e tem a característica de um telejornal popular, comunitário. Prega uma filosofia de serviço público em que o telespectador conta com um quadro chamado de *Praça do Povo*, em que um repórter fica na Praça Oito, localizada no centro de Vitória/ES, para ouvir reclamações, pedidos, sugestões do telespectador. Nesse quadro, há participação diária de artistas populares. Além disso, o apresentador, diferentemente dos âncoras de telejornais mais tradicionais, apresenta o jornal em pé, circula pelo cenário, faz brincadeiras, inclusive dança durante o programa. Também opina sobre as notícias, faz críticas de forma até mesmo agressiva aos órgãos governamentais e civis em geral. O *Balanço Geral* faz parte da programação da Rede Record em âmbito nacional, isto é, em todos os estados brasileiros em que há afiliadas da rede existe esse telejornal, que é mais informal que os de outras redes e tem a fala menos planejada. Já o telejornal *Tribuna Notícias* é exibido de segunda a sábado às 11h40min. Este programa conta com dois apresentadores e há um quadro diário de entrevistas sobre assuntos geralmente relacionados à saúde pública. Esse telejornal faz uma linha mais tradicional, embora com inovações, como entrevistas mais descontraídas com a participação ao vivo do telespectador por telefone.

Com base nos resultados de Lima (2005) e de Scherre et al. (1998), sobre os quais comentaremos mais adiante, resolvemos controlar o estilo de telejornal e a presença do diálogo como fatores que poderiam favorecer uma das variantes em questão, imperativo associado ao subjuntivo ou ao indicativo. Nossa hipótese era a de que o estilo do telejornal poderia influenciar na seleção da variável presença de diálogo.

Na primeira rodada dos dados, verificamos que não parece ser o estilo do telejornal que influencia no uso do imperativo associado à forma indicativa. Os resultados

percentuais associados, respectivamente, ao *Tribuna Notícias* e ao *Balanço Geral*, são praticamente iguais, como vemos na Tabela 18:

TABELA 18 – Efeito dos telejornais *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias* no uso do imperativo associado à forma indicativa. (*Análise com todos os dados*)

Fatores	Nº de ocorrências/Frequência
Balanço Geral	60/116 = 52%
Tribuna Notícias	21/40 = 52,5%
Total	81/156 = 52%

Diante desse resultado, resolvemos retirar os casos de efeito categórico, sobre os quais falaremos oportunamente, para obtermos uma rodada de pesos relativos. Verificamos que, na segunda rodada com contextos variáveis, o percentual global de imperativo associado à forma indicativa cai para 42% (53/127). Vejamos como ficou o resultado da segunda rodada, na Tabela 19, a seguir:

TABELA 19 – Efeito dos telejornais *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias* no uso do imperativo na forma associada ao indicativo. (*Análise com contexto de efeito categórico eliminados*)

Fatores	Número de frequência da forma indicativa	Pesos relativos não-selecionados
Balanço Geral	40/95= 42%	(0,532)
Tribuna Notícias	13/32= 41%	(0,406)
Total	53/127= 42%	

Mesmo após a retirada dos contextos invariáveis, o percentual relativo de cada programa não se modificou muito. Em termos percentuais, a diferença entre os dois telejornais é de apenas 1 ponto percentual. Além disso, os pesos relativos não foram considerados estatisticamente significativos, ou seja, não foram selecionados pelo

programa. Isso comprova que o estilo mais informal do telejornal não é um fator relevante na alternância do uso do imperativo nos nossos dados.

Antes da retirada dos contextos de efeitos categóricos, as formas imperativas associadas ao indicativo na presença de diálogo foram de cerca de 89% (50/56) e na ausência de diálogo o percentual foi da ordem de 31% (31/100), com uma diferença percentual bastante contundente, da ordem de 58 pontos percentuais, porém, como já dissemos, o programa somente faz rodadas de peso relativos em contextos variáveis. Assim retiramos alguns grupos de contextos invariáveis para produzir a rodada de pesos relativos. Ao retirarmos o grupo de marcadores discursivos, ficamos apreensivos com a possibilidade de esses dados estarem concentrados no grupo que mede a variável diálogo, o que frustraria nossas expectativas. No entanto, após a retirada dos marcadores, o grupo de fatores presença/ausência de diálogo foi selecionado como estatisticamente significativo com um percentual de cerca de 86% (38/44) de formas imperativas associadas ao indicativo e 18% (15/86) de imperativo associado à forma subjuntiva. Das 127 estruturas imperativas encontradas 41% (53/127) são de imperativo associado à forma indicativa, o que, em termos globais, indica um leve favorecimento da forma indicativa. Mas o percentual de imperativo indicativo na presença de diálogo foi de 86% (38/44): esse resultado revela que a presença do diálogo favorece sistematicamente o uso do imperativo associado à forma indicativa.

TABELA 20 – Efeito da presença/ausência de diálogo no uso do imperativo nos telejornais *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias*. (Análise com contextos variáveis)

Fatores	Frequência da forma indicativa	Pesos relativos selecionados
Presença de diálogo	38/44= 86%	0,925
Ausência de diálogo	15/83= 18%	0,208
Total	53/127= 41%	

Podemos perceber que a presença de diálogo favorece fortemente o imperativo associado à forma indicativa. Com peso relativo de 0,925 e percentual de 86%

aumenta em relação à média de 41%. A diferença entre a presença e ausência de diálogo é de 68 pontos percentuais, uma diferença muito significativa. Esse fato foi levantado por Lima (2005) quando controlou o traço de formalidade de evento em estudo sobre o imperativo gramatical na cidade de Campo Grande/MS. Nesse estudo, a hipótese da autora foi refutada, a de que o que estaria em jogo seria o traço [+formalidade] do evento de fala. Lima (2005) controlou a variável [+/-] formalidade de eventos de fala em programas da mídia televisiva e de rádio, cultos religiosos e em aulas do ensino fundamental, médio, superior e aulas não institucionais (aula de informática e de escola bíblica). O resultado foi interessante, pois pesquisadora percebeu que os programas televisivos, independentemente do traço de [+formalidade], tendem a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa, com pesos relativos abaixo de 0,50: programa de TV comunitário o peso relativo foi de 0,45 ($14/34= 41\%$) e programas jornalísticos, propaganda de TV e rádio 0,08 ($11/83= 18\%$). Já em relação às aulas, a autora notou um favorecimento do imperativo associado à forma indicativa nas aulas de ensino médio com peso relativo de 0,85 ($10/11= 91\%$) e ensino superior 0,73 ($12/14= 86\%$). Porém o que chamou a atenção de Lima (2005, p.50) foi o resultado das aulas de ensino fundamental, em que o peso relativo de 0,34 ($14/28= 50\%$) foi bem menor se comparado aos das aulas de ensino médio e superior (LIMA, 2005, p.54), ou seja, foi desfavorecedor do imperativo associado ao indicativo. Esses resultados aventaram outras possibilidades, a autora voltou aos dados e percebeu que o que estava em jogo na variação do imperativo gramatical nos eventos acima era a maior presença de diálogo. É importante dizer que as aulas de ensino fundamental que serviram de amostra para a pesquisa de Lima (2005, p.56) eram aulas em que o professor apresentava o conteúdo de forma instrutiva, como no exemplo:

- i. “**MARQUE** um x no evento que ocorre durante a gravidez...”³⁰

Observando os resultados da mídia televisiva, podemos perceber o favorecimento do uso do imperativo gramatical associado à forma indicativa na presença de diálogo e não no tipo de programa, já que imaginamos que um programa dessa linha tenha muitas participações da comunidade. Em relação às aulas, acontece o mesmo, pois

³⁰ Exemplo extraído de Lima (2005, p.42).

no ensino fundamental a aula é mais expositiva e sem muitas perguntas que desencadeariam um diálogo e as aulas de ensino médio e superior, estas consideradas mais formais, favorecem o uso do imperativo associado à forma indicativa. Isso mostra que, apesar de ser considerada mais formal, a aula de ensino superior se apresentou com mais diálogo e menos expositiva, ao menos nos dados analisados por Lima (2005). Scherre et al. (1998, p.65) também controlaram o fator formalidade em vários eventos comunicativos: eventos informais da língua falada (conversas diárias em família, reuniões familiares e conversas entre amigos); eventos formais da língua falada (aulas das séries iniciais, universitárias e de cursos técnicos); além de diferentes programas televisivos (diálogos de novelas, entrevistas ao vivo, aulas de ginástica, assistência sobre assuntos legais e psicológicos, programas de culinária e *talking book*), e obtiveram resultados diferentes dos de Lima (2005). Os resultados da pesquisa de Scherre (1998) revelaram que eventos formais da fala e o *talking book* tendem a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa com pesos relativos, respectivamente de 0,16 ($146/176=83\%$) e 0,04% ($35/95=37\%$), e os eventos informais de fala, com peso relativo de 0,76 ($134/141=95\%$), e os programas televisivos, peso relativo 0,79 ($283/322=88\%$), tendem a favorecerem ao imperativo associado ao indicativo.

Nossos resultados confirmam os de Lima (2005) acerca do favorecimento do imperativo indicativo na presença de diálogo. Mas para termos uma confirmação mais fundamentada, fizemos o cruzamento desses dois grupos de fatores no corpus da mídia televisiva: telejornal e presença/ausência de diálogo. Para isso, utilizamos o *Cross Tabulation*, um programa de tabulação cruzada do GoldvarbX. Essa tabulação nos permite ver a distribuição dos dados e das frequências em cada um dos fatores. A tabulação cruzada pode ser visualizada na tabela 21:

TABELA 21 – Efeito do cruzamento entre tipo de programa e presença/ausência de diálogo em relação ao imperativo associado à forma indicativa em termos percentuais

Fatores	Nº de ocorrência associada à forma indicativa/Total	Percentagem de imperativo associado ao indicativo
<i>Balanço Geral</i> com diálogo	26/32	81%
<i>Balanço Geral</i> sem diálogo	14/63	22%
<i>Tribuna Notícias</i> com diálogo	12/12	100%
<i>Tribuna Notícias</i> sem diálogo	1/20	5%
Total	53/127	42%

Os resultados apresentados nessa tabela revelam que a presença do diálogo nos dois telejornais tende a aumentar o imperativo associado à forma indicativa. É interessante observar que o telejornal com estilo mais tradicional, o *Tribuna Notícias*, apresenta um aumento mais significativo do imperativo no indicativo com um percentual de 100% para uma média de 42%, enquanto o *Balanço Geral*, telejornal mais popular, o percentual é de 81%. O importante é frisar que o que está em jogo não é o tipo de programa e sim a presença de diálogo. Os resultados são contundentes nos dois programas com uma diferença entre os dois fatores bastante significativa: um percentual de cerca de 86% na presença de diálogo e um percentual da ordem de 18% na ausência de diálogo em relação ao uso do imperativo associado à forma indicativa. Em síntese, o que mais importa é se há ou não o diálogo e não o tipo de programa, ou seja, o mais relevante é o aumento e a diminuição relativa, nos dois programas: em relação à média de 42%, ambos os programas apresentam aumento de forma imperativa associada ao indicativo na fala com diálogo de 81%, no *Balanço Geral*, e 100%, no *Tribuna Notícias*, e diminuição na fala sem diálogo, respectivamente, com 22% e 5%. As diferenças em números percentuais são mais contundentes no *Tribuna Notícias* do que no *Balanço Geral*, mas não há inversão de tendências. Os pesos relativos refletem isto, selecionando a variável presença/ausência de diálogo e não os dois tipos de programa.

Assim, confirmamos que fator que favorece o uso do imperativo associado à forma indicativa na mídia televisiva é o diálogo do evento comunicativo. Verificamos que a presença do diálogo é um fator mais forte que o tipo de telejornal na análise da realização do imperativo na mídia capixaba.

Esse resultado mostra que, mesmo em programas da mídia em que a fala seja minimamente planejada, nas situações de evento de fala quanto maior presença de diálogo maior é a probabilidade de uso do imperativo associado à forma indicativa e quanto menor a presença de diálogo, menor o uso de formas imperativas associadas ao subjuntivo. Com isso, confirmamos os resultados de Scherre et alii. (1998) e Scherre, Andrade & Melo (2008) e de nossa pesquisa na escrita sem formato de diálogo, em que a tendência maior é o desfavorecimento do imperativo associado à forma indicativa quando não há presença de diálogo, pois esta não permitiria a leitura diretiva.

Outro grupo selecionado pelo programa como estatisticamente significativo foi o de número de sílabas do verbo no infinitivo. Esse resultado mostra a tendência dos verbos monossilábicos em favorecer o imperativo na forma indicativa. Outras análises evidenciam essa regularidade, conforme podemos ver na Tabela 22 abaixo em que comparamos nossos resultados com os de Scherre (2004, p.251):

TABELA 22 - Efeito do número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa – dados da mídia televisiva em contexto de pronome *você* de Vitória/ES e nos dados de diálogos falados de Scherre et al.. (1998)³¹

Fatores Números de sílabas	Mídia Televisiva (Vitória/ES) Frequência/Pesos relativos	Diálogos Falados (SCHERRE et al., 1998) Frequência/Pesos relativos
Monossílabos (<i>dar, ir, vir, ler, ver</i>)	14/25= 56% 0,746	85/94= 90% 0,71
Dissílabos (<i>olhar, deixar, falar, dizer</i>)	32/69= 46% 0,597	368/445= 83% 0,52
Trissílabas (<i>esperar, desculpar, preocupar, respirar</i>)	6/18= 33% 0,175	140/179= 78% 0,44
Mais três sílabas (<i>imaginar, aproveitar, aproximar</i>)	1/15= 7% 0,150	19/43= 44% 0,12
Total	53/127= 42%	612/761= 80%

Analisando os resultados da tabela acima, verificamos uma grande regularidade nos nossos resultados e nos resultados relatados por Scherre (2004, p.251) com os verbos de menor número de sílaba favorecendo o imperativo associado à forma indicativa. Essa regularidade indica que quanto maior o número de sílabas do verbo na forma infinitiva menos irá favorecer o imperativo na forma indicativa.

Nos dados de escrita com diálogo, encontramos resultados similares também. Embora os dados de *Marly* sejam poucos, os resultados evidenciaram de forma clara uma regularidade com relação ao número de sílaba do verbo no infinitivo quanto ao uso do imperativo. Nos casos em que há maior número de dados, evidencia-se uma regularidade bastante clara com relação ao efeito do número de sílabas do verbo quanto ao uso do imperativo, mesmo com pesos não selecionados.

³¹ Adaptação de Scherre (2004, p.251).

A expectativa é a de que, com o aumento do número de dados das tirinhas de *Marly*, essa variável seja selecionada. Vejamos os resultados na Tabela 23:

TABELA 23 - Efeito do número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa – dados das tirinhas de *Marly, a solteirona* e da *Turma da Mônica* (1998 e 1999) de Scherre (2004)

Fatores Números de sílabas	Diálogos de <i>Marly, a solteirona</i> Frequência/Pesos relativos	Diálogos da <i>Turma da Mônica</i> (SCHERRE, 2004) Frequência/Pesos relativos
<u>Monossílabos</u> (<i>dar, ir, vir, ler, ver</i>)	8/17= 47% (0,582)	64/92= 70% 0,58
<u>Dissílabos</u> (<i>olhar, deixar, falar, dizer</i>)	21/51= 41% (0,565)	229/358= 64% 0,59
<u>Trissílabas</u> (<i>esperar, desculpar, preocupar, respirar</i>)	6/30= 20% (0,344)	61/155= 39% 0,29
<u>Mais três sílabas</u> (<i>imaginar, aproveitar, aproximar</i>)	1/3= 33% (0,520)	9/32= 28% 0,36
Total	36/101= 36%	363/637= 57%

Outros fatores controlados mostraram contextos invariáveis, como, por exemplo, marcador discursivo em que o percentual de formas associadas ao imperativo indicativo foi de 100% (26/26): essa é uma tendência clara em nossa pesquisa. Em todos os *corpora* analisados verificamos a regularidade de favorecimento quase categórico do marcador discursivo ao imperativo associado à forma indicativa. Nos dados do PortVIX o percentual de uso do verbo *olhar* na função de marcador discursivo foi de 98,8% (81/82), apenas um caso de verbo *olhar* na forma imperativa associada ao subjuntivo e os demais verbos usados como marcadores o percentual foi de cerca de 100% (26/26). Nos dados da escrita com formato de diálogo, dados de *Marly*, o percentual foi de 100% (4/4).

Por fim, voltamos novamente a falar da estrutura de negação pré-verbal que, nos dados da mídia televisiva, o percentual de uso do imperativo na forma associada ao indicativo foi de aproximadamente 27% (3/8), indicando a tendência da forte restrição do imperativo associado à forma indicativa em contexto de negação pré-verbal. Nos dados das tirinhas de Marly o percentual foi de cerca de 7% (1/15) de estruturas imperativas na forma indicativa e quando retiramos os dados de efeito categórico, esse grupo também se tornou um contexto invariável. Assim como, nos dados do PortVIX, que mesmo com 97% de uso do imperativo na forma associada ao indicativo, o único fator selecionado como estatisticamente significativo foi o da estrutura de negação pré-verbal.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos o uso do imperativo na fala da cidade Vitória/ES a fim de cobrir uma lacuna existente em estudos sociolinguísticos do vernáculo capixaba e também para contribuir com pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil.

A pesquisa apresentada neste trabalho tinha como objetivo ampliar os estudos sociolinguísticos sobre a variação do imperativo brasileiro. Os resultados desta pesquisa se aproximam dos resultados encontrados na oralidade nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, as quais apresentam percentuais acima de 90% de uso do modo imperativo associado à forma indicativa e se afastam dos resultados da região Nordeste. Na fala da Vitória/ES, com base nos dados do PortVIX, encontramos um percentual de 97% de uso do imperativo associado à forma indicativa, contexto de quase invariância. Ao compararmos mais detalhadamente os resultados da fala da cidade de Vitória/ES com os resultados das cidades do Rio de Janeiro/RJ (Sudeste) e de Salvador/BA (Nordeste), cidades estas intermediárias na faixa litorânea com Vitória, e essa se encontra entre as duas capitais, percebemos um fato interessante: a cidade de Vitória se alinha com a do Rio de Janeiro quanto ao uso do imperativo, porém, quanto ao uso do pronome de segunda pessoa, alinha-se com a cidade de Salvador, que também é de contexto exclusivo de pronome *você*.

Esses dados confirmam os resultados de outras pesquisas sobre a variação do imperativo brasileiro, de que o aspecto geográfico é decisivo na alternância do imperativo, não sofrendo influência de marcas sociais como outras alternâncias, como, por exemplo, concordância nominal e verbal. Foi possível verificar mais uma vez que a relação entre os pronomes *tu* e *você* e o imperativo gramatical não é muito evidente nos dados de fala analisados, visto que, na cidade Vitória, onde o contexto é exclusivo de pronome *você*, há predominância do uso do imperativo associado ao indicativo.

Os resultados da amostra de Vitória/ES são quase categóricos, apontando para uma mudança no uso do imperativo gramatical na fala. Além de comprovar a variação

diatópica do imperativo no português brasileiro, a pesquisa evidenciou que a estrutura negativa é um fator que desfavorece o uso do imperativo associado à forma indicativa. Esse fato foi observado em todos os corpora analisados nesta pesquisa: fala, escrita sem formato de diálogo, nas tirinhas de *Marly* e na mídia televisiva. Isso significa que, em termos de tendências, o resultado confirma a tradição gramatical que prevê em estruturas negativas o uso do imperativo associado à forma subjuntiva.

Na escrita sem formato de diálogo, confirmamos os resultados de Scherre (2003; 2004; 2006, 2007, 2008) de que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente com a presença das âncoras discursivas (balões, pontos de exclamação, vocativos, ou ícones que remetam a fala) com o peso relativo robusto de 0,98 favorecendo as formas imperativas associadas ao indicativo quando há âncoras discursivas. A ausência de âncora discursiva desfavorece o imperativo associado ao indicativo com um peso de 0,33. A diferença entre estes dois fatores é grande: 65 pontos.

Com a análise da escrita em formato de diálogo, com base nos dados identificados nas tirinhas de *Marly, a solteirona*, nosso objetivo principal foi o de verificar se, num espaço temporal de aproximadamente 35 anos, houve a inserção do imperativo associado à forma indicativa na escrita, caracterizando uma mudança em progresso nessa modalidade. Contudo, o autor Milson Henriques não reflete nas tirinhas o uso do imperativo observado na fala da cidade de Vitória/ES. Mesmo diante desse fato, o interessante foi perceber que *Marly* se configura, no que diz respeito ao imperativo, como a personagem mais capixaba das tirinhas, pois o peso relativo de estruturas imperativas associadas ao indicativo na voz da personagem foi de 0,560. Vale ressaltar, o peso relativo 0,826 na fala do papagaio Prepúcio, embora com poucos dados, também reflete a fala capixaba se compararmos com o resultado dos dados do PortVIX.

Na análise dos dados de mídia, ao analisarmos a presença ou ausência do diálogo, constatamos que esse é um fator que favorece fortemente o uso do imperativo associado à forma indicativa. Mesmo se tratando de uma fala mais planejada, como é o caso dos jornais televisivos, nas situações de diálogo face-a-face a tendência é

favorecer as sentenças imperativas associadas ao indicativo, fato também percebido por Lima (2005) na análise da mídia da cidade de Campo Grande /MS.

Em suma, esta pesquisa baseada na interação social, buscou, com base na Teoria Sociolinguística e no instrumental metodológico aplicado pela Teoria da Variação, confirmar mais uma vez que é necessário que os estudos em linguística tenham sempre um olhar para o contexto social em que se insere a língua, mesmo sabendo quanto complexo este contexto se mostra, pois complexa também é a língua que serve a uma comunidade de fala, e que os estudos linguísticos não podem se furtar de considerar em suas análises a questão social. Em nossa pesquisa, os fatores sociais não apresentaram efeito algum na fala, embora linguisticamente esses fatores devam ser sempre analisados. Os fatores mais contundentes encontrados em nossa pesquisa foram os linguísticos, como a negação pré-verbal, verbo como marcador discursivo, número de sílabas do verbo no infinitivo, o papel das âncoras discursivas na escrita em formato de diálogo e a importância da presença do diálogo nos dados da mídia televisiva. Contudo, devemos ressaltar que esses fatores somente apresentaram efeito quando analisados sob foco da interação social, pois é a observação da interação do evento comunicativo que nos possibilitou controlar determinadas variáveis em quatro *corpora* a fim de entender melhor as restrições e motivações da alternância do imperativo em situação de uso, ou seja, em eventos comunicativos, sejam falados ou escritos. E a questão diatópica só é possível por causa deste tipo de análise.

Como bem pontua Weinreich; Labov; Herzog (2008, p.126):

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico³².

Por fim, é preciso deixar claro, mais uma vez, que em se tratando de uma pesquisa de base Sociolinguística, os fatores internos e externos da língua têm a mesma

³² Cf. Original: Linguistic and social factors are closely interrelated in the development of language change. Explanations which are confined to one or the other aspect, no matter how well constructed, will fail to account for the rich body of regularities that can be observed in empirical studies of language behavior (p.188).

importância para o pesquisador. Somente os resultados dos cruzamentos dos fatores linguísticos e sociais irão apontar as regularidades, tendências que condicionam a variação e a mudança linguísticas.

9 REFERENCIAS

ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Finos Leitores**. Brasília: Jornal de Letras do UniCEUB. Ano 3, número 1, agosto de 2007. Disponível em <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp> > Acesso em: 20 Ago. 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: 2003.

BORGES, Polianna Rossi. **Formas verbais imperativas em tiras de jornais paulistas**. 2004. 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2004.

CALMON, Elba. Variação entre *tu*, *você* e “*cê*”: primeiras análises da fala capixaba (cidade de Vitória) (no prelo). In: comunicação na **VI Semana de Pesquisa em Letras**, na Universidade Federal do Espírito Santo. Setembro de 2009.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 22. Ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CARDOSO, D. B. B. **Variação no uso do modo imperativo**: análise de dados em textos de José J. Veiga. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

CARDOSO, D. B. B. **Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DISPONÍVEL em: <<http://www.es.gov.br/site/turismo/index.aspx>> Acesso em 10 Jan 2009.

DISPONÍVEL em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_\(estado\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo_(estado))> Acesso em 10 Jan. 2009.

DISPONÍVEL em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab03.pdf>> Acesso em 10 Jan. 2009

DISPONÍVEL em <http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2004/marco/06_07/entrevista/entrevista/06_03_01.asp> Acesso 20 Ago. 2009.

DISPONÍVEL em <www.ibge.gov.br> Acesso em 28 Mar. 2010

DISPONÍVEL em <<http://www.ijsn.es.gov.br>> Acesso em 28 Mar. 2010

ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. 2 ed. Rev. e Ampl. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979 (impressão 1988).

FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. In: **D.E.L.T.A.**, Vol. 2, nº 1, 1986.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em português – uma abordagem histórica. **Fragmenta**. Curitiba, n. 13, 51-82. Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). 1996.

GONÇALVEZ, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas *você, ocê e cê* no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, 2008.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUES, Milson. **Marly mostra quase tudo...**, 2006 (produção independente)

JESUS, Etel Teixeira de. **O Nordeste na mídia e os estereótipos**: estudo do imperativo na novela *Senhora do Destino*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letra, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1991.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Sampaio. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, D. P. S. **O uso do imperativo na fala de Campo Grande - MS**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LIMA JÚNIOR, Carlos Benevides; SOARES Suely Carvalho; BONICENHA; Wallace. **Baía de Vitória**: aspectos históricos e culturais. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.

LINS, Maria da Penha Pereira. **A continuidade tópica no gênero textual nas tiras de quadrinhos**. Vitória: EDUFES, 2008.

LUCCA, Nívia Naves G. **A variação *tu/você* na fala brasiliense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado A, R.; Bezerra, M. A (orgs.) **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINUZZO, José Antonio. (Org) **Diário capixaba**: 115 anos da imprensa capixaba oficial no Espírito Santo. Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

MATTOS, A.; WICKERT, A. A variação do imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda. **Papéis**: Revista de Letras, v.7, n.esp. p29-38, 2003.

MOLLICA, M.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução sociolinguística** – o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo, Contexto, 2007.

MOREIRA, Taís Helena; PERRONE, Adriano. **História e geografia do Espírito Santo**. Vitória, 2007.

OLIVEIRA, Luciano. **Expressão gramatical do imperativo em tiras de jornal em Português**. Brasília: UnB, 2002. Inédito.

PAREDES SILVA, Vera L.; SANTOS, Gilda Moreira dos; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. **Revista Gragoatá**. Segundo Semestre. Niterói: Rio de Janeiro, 2000.

PAREDES SILVA, Vera L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

PINTZUK, S.. **VARBRUL programs**. 1988, inédito.

ROCHA, LIMA. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 46 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. - Brasília: UnB, 1965.

SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras). Salvador: UFBA: 2001.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) **Linguistics: the Cambridge survey**. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press, 1988.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus J. (eds.) **Sociolinguistics** – An international handbook of the science of language and society. Berlin/ New York, Walter de Gruyter, 1988b, p. 984-98.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S., SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 5. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein; prefácio de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et alii. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. **Papers in Sociolinguistics**. NWAWE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene. 1998. p. 63-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2002). A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos (org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, p. 217-251.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.). **Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003. p. 117-191

_____. Normas e usos: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 2331-260.

_____. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. In: **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 189-222, 2007.

_____. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião RONCARATI, Cláudia. **Antony Julius Naro e a Linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008, p. 306-319.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. (2005). O imperativo gramatical no português brasileiro - uma discussão translinguística. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília. **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Brasília: Publicação eletrônica: www.abralin.org, 2005. v. 1, p. 505-509.

SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

SCHERRE, Maria Marta P.; ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de M. **O imperativo gramatical na escrita não-dialógica** - o papel das âncoras

discursivas no português brasileiro. 2009. XV Congresso Internacional da ALFAL; Universidad de la Republica. (Comunicação). De 18 a 21 de agosto de 2008; Montevideo (Uruguai)

SCHERRE, Maria Marta P. **Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro**. Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq para o quadriênio: Março de 2010 a Fevereiro de 2014. Vitória: UFES, 2009.

SILVEIRA, Sousa da. **Lições de português**. 6. ed. - Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysaing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

TEIXEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3 ed. Vitória: Arquivo público do Estado do Espírito Santo. Secretaria de Estado da cultura, 2008.

TERTÚLIAS – Livros e autores do Espírito Santo. **Biografia: autores do Espírito Santo**. Milson Henriques. Disponível em <http://www.tertulia.art.br/biografia/bio_milson_henriques.htm> Acesso em 20 Ago. 2009.

VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. Luíza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William. HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica e apresentação de um clássico de Carlos Alberto Faraco; Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte). São Paulo: Parábola, 2006 (Original publicado em 1968).

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; & HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. **Directions for Historical Linguistics: A Symposium**. Austin: University of Texas Press, 1975, pp.95-199

YACOVENCO, L. C. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. P.P.; YACOVENCO, L.C. (Orgs) **Caminhos em linguística**. Vitória: NuPLES/DLL/UFES, 2002.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O português falado na cidade de vitória: transcrição de entrevistas. Lilian Coutinho Yacovenco (DLL/UFES). **ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, número especial 26, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001 (publicado em 2003), p.301-303. ISSN 0102-7158.

CHAVE DE CODIFICAÇÃO DOS DADOS DO PORTVIX

VARIÁVEL DEPENDENTE

I: IMPERATIVO INDICATIVO - IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA
S: IMPERATIVO SUBJUNTIVO - IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA SUBJUNTIVA

➤ FATORES SOCIAIS

1) SEXO

H: HOMEM

M: MULHER

2) FAIXA ETÁRIA

1: 7 A 14 ANOS

2: 15 A 25 ANOS

3: 26 A 49 ANOS

4: GRUPO ACIMA DE 50 ANOS

3) ESCOLARIDADE

U: UNIVERSITÁRIO

F: FUNDAMENTAL

M: MÉDIO

➤ FATORES LINGUÍSTICOS

4) DISCURSO REPORTADO

D: DISCURSO DIRETO

R: DISCURSO REPORTADO

5) VOCATIVO

E: SUJEITO EXPLÍCITO

O: SEM SUJEITO EXPLÍCITO

V: VOCATIVO PÓS-VERBAL

P: VOCATIVO PRÉ-VERBAL

S: VOCATIVO PÓS E PRÉ-VERBAL

6) MARCADOR DISCURSIVO

O: MARCADOR COM VERBO OLHAR

M: MARCADOR COM OUTROS VERBOS

N: VERBO OLHAR SEM SER MARCADOR

D: DEMAIS CASOS

7) POLARIDADE DA ESTRUTURA

A: ESTRUTURA AFIRMATIVA

N: ESTRUTURA NEGATIVA PRÉ-VERBAL

D: DUPLA NEGAÇÃO

P: NEGAÇÃO PÓS-VERBAL

RESULTADOS FINAIS DOS DADOS DO PortVIX

GROUPS & FACTORS 03/02/2009 18:27:32

```

-----
Group      Default  Factors
  1         I      IS
  2         h      hm
  4         F      FMU
  5         d      dr
  6         0      0VPED
  7         M      MONDO
  8         a      and

```

CELL CREATION 03/02/2009 18:27:51

Name of token file: 34CELULAS.TKN

Name of condition file: Untitled.cnd

```

(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
)

```

```

          Number of cells: 88
Application value(s): IS
Total no. of factors: 24

```

Group		I	S	Total	%	
1 (2)		I	S			
h	N	137	4	141	53.0	HOMEM
	%	97.2	2.8			
m	N	123	2	125	47.0	MULHER
	%	98.4	1.6			
Total	N	260	6	266		
	%	97.7	2.3			

```

-----
2 (3)          I      S
  1          N      77    0    77  28.9
           %    100.0   0.0
* KnockOut * 7-14 ANOS

```

2	N	82	4	86	32.3	15-25 ANOS
	%	95.3	4.7			
3	N	69	0	69	25.9	26-49 ANOS
	%	100.0	0.0		* KnockOut *	
4	N	32	2	34	12.8	ACIMA DE 50
ANOS	%	94.1	5.9			
Total	N	260	6	266		
	%	97.7	2.3			

3 (4)		I	S			
F	N	148	3	151	56.8	ENSINO
FUNDAMENTAL	%	98.0	2.0			
M	N	40	2	42	15.8	ENSINO MÉDIO
	%	95.2	4.8			
U	N	72	1	73	27.4	ENSINO SUPERIOR
	%	98.6	1.4			
Total	N	260	6	266		
	%	97.7	2.3			

4 (5)		I	S			
d	N	135	5	140	52.6	DISCURSO DIRETO
	%	96.4	3.6			
r	N	125	1	126	47.4	DISCURSO REPORTADO
	%	99.2	0.8			
Total	N	260	6	266		
	%	97.7	2.3			

5 (6)		I	S			
0	N	237	6	243	91.4	SEM SUJEITO
EXPLÍCITO	%	97.5	2.5			
V	N	6	0	6	2.3	
VERBAL	%	100.0	0.0		* KnockOut *	VOCATIVO PÓS-
P	N	10	0	10	3.8	

VERBAL	%	100.0	0.0				* KnockOut * VOCATIVO PRÉ-
E	N	6	0	6	2.3		
EXPLÍCITO	%	100.0	0.0				* KnockOut * SUJEITO
D	N	1	0	1	0.4		
PRÉ/PÓS-VERBAL	%	100.0	0.0				* KnockOut * VOCATIVO
							(Onde tem "D" leia-se "S")
Total	N	260	6	266			
	%	97.7	2.3				

6 (7)	I	S					
M	N	26	0	26	9.8		
DISCURSIVO	%	100.0	0.0				* KnockOut * MARCADOR
O	N	81	1	82	30.8		MARCADOR COM O
VERBO OLHAR	%	98.8	1.2				
N	N	9	0	9	3.4		
MARCADOR	%	100.0	0.0				* KnockOut * VERBO OLHAR NÃO
D	N	143	5	148	55.6		DEMAIS CASOS
	%	96.6	3.4				
0	N	1	0	1	0.4		
MARCADOR	%	100.0	0.0				* KnockOut * VERBO OLHAR
Total	N	260	6	266			
	%	97.7	2.3				

7 (8)	I	S					
a	N	243	4	247	92.9		ESTRUTURAS
AFIRMATIVAS	%	98.4	1.6				
n	N	10	2	12	4.5		ESTRUTURAS
NEGATIVAS	%	83.3	16.7				
d	N	7	0	7	2.6		
	%	100.0	0.0				* KnockOut * DUPLA NEGAÇÃO

Total N	260	6	266
%	97.7	2.3	

TOTAL N	260	6	266
%	97.7	2.3	

Name of new cell file: .cel

CELL CREATION  03/02/2009 18:32:41

Name of token file: 34CELULAS.TKN

Name of condition file: testel.cnd

```
(
;rodada retirando todos os casos de vocativo, de sujeito
explícito e de dupla negação
(1 (nil (col 6 V))
   (nil (col 6 P))
   (nil (col 6 S))
   (nil (col 6 E)))
(2)
(3)
(4)
(5)
;(6)
(7)
(8 (nil (col 8 d)))
)
```

Number of cells: 65
Application value(s): IS
Total no. of factors: 18

Group		I	S	Total	%	
<hr/>						
1 (2)		I	S			
h	N	125	4	129	54.0	HOMEM
	%	96.9	3.1			
m	N	108	2	110	46.0	MULHER
	%	98.2	1.8			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			
<hr/>						
2 (3)		I	S			
1	N	69	0	69	28.9	7 A 14 ANOS
	%	100.0	0.0			* KnockOut
2	N	77	4	81	33.9	15 A 25 ANOS

	%	95.1	4.9			
3	N	61	0	61	25.5	26 A 49 ANOS
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
4	N	26	2	28	11.7	ACIMA DE 50 ANOS
	%	92.9	7.1			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

3 (4)		I	S			
F	N	129	3	132	55.2	FUNDAMENTAL
	%	97.7	2.3			
M	N	39	2	41	17.2	MÉDIO
	%	95.1	4.9			
U	N	65	1	66	27.6	UNIVERSITÁRIO
	%	98.5	1.5			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

4 (5)		I	S			
d	N	125	5	130	54.4	DISCURSO DIRETO
	%	96.2	3.8			
r	N	108	1	109	45.6	DISCURSO REPORTADO
	%	99.1	0.9			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

5 (7)		I	S			
M	N	24	0	24	10.0	
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
O	N	79	1	80	33.5	
	%	98.8	1.2			
N	N	8	0	8	3.3	
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
D	N	121	5	126	52.7	
	%	96.0	4.0			
0	N	1	0	1	0.4	
	%	100.0	0.0			* KnockOut

Total	N	233	6	239	
	%	97.5	2.5		

6 (8)		I	S		
a	N	224	4	228	95.4
	%	98.2	1.8		
n	N	9	2	11	4.6
	%	81.8	18.2		
Total	N	233	6	239	
	%	97.5	2.5		

TOTAL	N	233	6	239	
	%	97.5	2.5		

Name of new cell file: testel.cel

CELL CREATION 03/02/2009 18:37:54

Name of token file: 34CELULAS.TKN

Name of condition file: teste2.cnd

```
(
;rodada retirando todos os casos de vocativo, de sujeito
explícito e de dupla negação
(1 (nil (col 6 V)) VOCATIVO PÓS-VERBAL
   (nil (col 6 P)) VOCATIVO PRÉ-VERBAL
   (nil (col 6 S)) VOCATIVO PÓS E PRÉ-VERBAL
   (nil (col 6 E))) SUJEITO EXPLÍCITO
(2)
;amalgamando faixa etária
(3 (2 (col 3 1)) 7-14 ANOS
   (2 (col 3 2)) 15-25 ANOS
   (4 (col 3 3)) 26-49 ANOS
   (4 (col 3 4)) ACIMA DE 50 ANOS
(4)
(5)
;(6)
;amalgamando marcadores e não-marcadores
(7 (M (or (col 7 M) (col 7 O) (col 7 0)))
   (D (or (col 7 D) (col 7 N))))
(8 (nil (col 8 d))) DUPLA NEGAÇÃO
)
```

Number of cells: 40
Application value(s): IS
Total no. of factors: 13

Group	I	S	Total	%
-------	---	---	-------	---

1 (2)		I	S			
h	N	125	4	129	54.0	HOMEM
	%	96.9	3.1			
m	N	108	2	110	46.0	MULHER
	%	98.2	1.8			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

2 (3)		I	S			
2	N	146	4	150	62.8	7-25 ANOS
	%	97.3	2.7			
4	N	87	2	89	37.2	ACIMA DE 26 ANOS
	%	97.8	2.2			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

3 (4)		I	S			
F	N	129	3	132	55.2	ENSINO FUNDAMENTAL
	%	97.7	2.3			
M	N	39	2	41	17.2	ENSINO MÉDIO
	%	95.1	4.9			
U	N	65	1	66	27.6	ENSINO SUPERIOR
	%	98.5	1.5			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

4 (5)		I	S			
d	N	125	5	130	54.4	DISCURSO DIRETO
	%	96.2	3.8			
r	N	108	1	109	45.6	DISCURSO REPORTADO
	%	99.1	0.9			
Total	N	233	6	239		
	%	97.5	2.5			

5 (7)		I	S			
M	N	104	1	105	43.9	MARCADOR DISCURSIVO
	%	99.0	1.0			

D	N	129	5	134	56.1	NÃO-MARCADOR
DISCURSIVO						

%	96.3	3.7				
---	------	-----	--	--	--	--

Total N	233	6	239			
%	97.5	2.5				

6 (8)	I	S				
a	N	224	4	228	95.4	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	98.2	1.8			

n	N	9	2	11	4.6	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	81.8	18.2			

Total N	233	6	239			
%	97.5	2.5				

TOTAL N	233	6	239			
%	97.5	2.5				

Name of new cell file: teste2.cel

BINOMIAL VARBRUL 03/02/2009 18:38:48
Name of cell file: teste2.cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001
Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.975
Log likelihood = -28.032

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.976
Group # 1 -- h: 0.438, m: 0.573
Log likelihood = -27.828 Significance = 0.530 *****

Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.975
Group # 2 -- 2: 0.484, 4: 0.527
Log likelihood = -28.012 Significance = 0.848

Run # 4, 3 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.977
Group # 3 -- F: 0.505, M: 0.317, U: 0.607
Log likelihood = -27.492 Significance = 0.590

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.980
Group # 4 -- d: 0.339, r: 0.689
Log likelihood = -26.880 Significance = 0.138

Run # 6, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.979
Group # 5 -- M: 0.686, D: 0.352
Log likelihood = -26.997 Significance = 0.160

Run # 7, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.980
Group # 6 -- a: 0.529, n: 0.083
Log likelihood = -25.352 Significance = 0.021

Add Group # 6 with factors an (ESTRUTURA AFIRMATIVA E
NEGATIVA)

----- Level # 2 -----

Run # 8, 4 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.982
Group # 1 -- h: 0.405, m: 0.611
Group # 6 -- a: 0.531, n: 0.071
Log likelihood = -24.910 Significance = 0.361

Run # 9, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.980
Group # 2 -- 2: 0.484, 4: 0.527
Group # 6 -- a: 0.529, n: 0.083
Log likelihood = -25.334 Significance = 0.856

Run # 10, 5 cells:

Convergence at Iteration 6
 Input 0.981
 Group # 3 -- F: 0.535, M: 0.348, U: 0.527
 Group # 6 -- a: 0.528, n: 0.088
 Log likelihood = -25.037 Significance = 0.730

Run # 11, 4 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.985
 Group # 4 -- d: 0.333, r: 0.696
 Group # 6 -- a: 0.530, n: 0.078
 Log likelihood = -24.148 Significance = 0.128

Run # 12, 3 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.982
 Group # 5 -- M: 0.631, D: 0.396
 Group # 6 -- a: 0.525, n: 0.111
 Log likelihood = -24.969 Significance = 0.399

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 6
 Best stepping up run: #7

 Stepping down...
 ----- Level # 6 -----

Run # 13, 40 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.988
 Group # 1 -- h: 0.418, m: 0.595
 Group # 2 -- 2: 0.436, 4: 0.606
 Group # 3 -- F: 0.521, M: 0.454, U: 0.487
 Group # 4 -- d: 0.288, r: 0.747
 Group # 5 -- M: 0.699, D: 0.340
 Group # 6 -- a: 0.525, n: 0.113
 Log likelihood = -22.566

----- Level # 5 -----

Run # 14, 29 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.987
 Group # 2 -- 2: 0.455, 4: 0.576
 Group # 3 -- F: 0.523, M: 0.452, U: 0.484
 Group # 4 -- d: 0.284, r: 0.751
 Group # 5 -- M: 0.712, D: 0.330
 Group # 6 -- a: 0.522, n: 0.139
 Log likelihood = -22.830 Significance = 0.477

Run # 15, 29 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.987

Group # 1 -- h: 0.441, m: 0.570

Group # 3 -- F: 0.526, M: 0.452, U: 0.478

Group # 4 -- d: 0.302, r: 0.731

Group # 5 -- M: 0.700, D: 0.340

Group # 6 -- a: 0.523, n: 0.126

Log likelihood = -22.818 Significance = 0.484

Run # 16, 20 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.988

Group # 1 -- h: 0.418, m: 0.596

Group # 2 -- 2: 0.435, 4: 0.608

Group # 4 -- d: 0.283, r: 0.751

Group # 5 -- M: 0.704, D: 0.337

Group # 6 -- a: 0.525, n: 0.112

Log likelihood = -22.602 Significance = 0.965

Run # 17, 25 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.984

Group # 1 -- h: 0.410, m: 0.606

Group # 2 -- 2: 0.475, 4: 0.542

Group # 3 -- F: 0.551, M: 0.401, U: 0.460

Group # 5 -- M: 0.610, D: 0.413

Group # 6 -- a: 0.529, n: 0.083

Log likelihood = -24.363 Significance = 0.061

Run # 18, 27 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.986

Group # 1 -- h: 0.403, m: 0.613

Group # 2 -- 2: 0.441, 4: 0.598

Group # 3 -- F: 0.525, M: 0.404, U: 0.510

Group # 4 -- d: 0.331, r: 0.698

Group # 6 -- a: 0.531, n: 0.068

Log likelihood = -23.435 Significance = 0.191

Run # 19, 34 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.987

Group # 1 -- h: 0.472, m: 0.533

Group # 2 -- 2: 0.455, 4: 0.575

Group # 3 -- F: 0.508, M: 0.402, U: 0.547

Group # 4 -- d: 0.267, r: 0.769

Group # 5 -- M: 0.749, D: 0.298

Log likelihood = -24.229 Significance = 0.073

Cut Group # 3 with factors FMU (ESCOLARIDADE)

----- Level # 4 -----

Run # 20, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.987

Group # 2 -- 2: 0.454, 4: 0.577

Group # 4 -- d: 0.278, r: 0.757

Group # 5 -- M: 0.714, D: 0.328

Group # 6 -- a: 0.522, n: 0.137

Log likelihood = -22.869 Significance = 0.474

Run # 21, 12 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.987

Group # 1 -- h: 0.441, m: 0.569

Group # 4 -- d: 0.297, r: 0.737

Group # 5 -- M: 0.703, D: 0.337

Group # 6 -- a: 0.523, n: 0.126

Log likelihood = -22.863 Significance = 0.478

Run # 22, 10 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.984

Group # 1 -- h: 0.402, m: 0.615

Group # 2 -- 2: 0.471, 4: 0.549

Group # 5 -- M: 0.613, D: 0.411

Group # 6 -- a: 0.529, n: 0.086

Log likelihood = -24.558 Significance = 0.049

Run # 23, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.986

Group # 1 -- h: 0.404, m: 0.612

Group # 2 -- 2: 0.438, 4: 0.603

Group # 4 -- d: 0.326, r: 0.704

Group # 6 -- a: 0.533, n: 0.063

Log likelihood = -23.553 Significance = 0.176

Run # 24, 16 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.986

Group # 1 -- h: 0.469, m: 0.536

Group # 2 -- 2: 0.459, 4: 0.570

Group # 4 -- d: 0.266, r: 0.770

Group # 5 -- M: 0.759, D: 0.289

Log likelihood = -24.360 Significance = 0.064

Cut Group # 2 with factors 24 (FAIXA ETÁRIA)

----- Level # 3 -----

Run # 25, 6 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.987

Group # 4 -- d: 0.289, r: 0.745

Group # 5 -- M: 0.716, D: 0.326

Group # 6 -- a: 0.522, n: 0.141

Log likelihood = -23.014 Significance = 0.599

Run # 26, 6 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.983

Group # 1 -- h: 0.414, m: 0.601

Group # 5 -- M: 0.618, D: 0.407

Group # 6 -- a: 0.527, n: 0.093

Log likelihood = -24.613 Significance = 0.065

Run # 27, 8 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.985

Group # 1 -- h: 0.416, m: 0.598

Group # 4 -- d: 0.339, r: 0.690

Group # 6 -- a: 0.531, n: 0.071

Log likelihood = -23.809 Significance = 0.177

Run # 28, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.986

Group # 1 -- h: 0.474, m: 0.530

Group # 4 -- d: 0.275, r: 0.761

Group # 5 -- M: 0.760, D: 0.288

Log likelihood = -24.485 Significance = 0.076

Cut Group # 1 with factors hm (GENÊRO/SEXO)

----- Level # 2 -----

Run # 29, 3 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.982

Group # 5 -- M: 0.631, D: 0.396

Group # 6 -- a: 0.525, n: 0.111

Log likelihood = -24.969 Significance = 0.049

Run # 30, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.985

Group # 4 -- d: 0.333, r: 0.696

Group # 6 -- a: 0.530, n: 0.078
 Log likelihood = -24.148 Significance = 0.141

Run # 31, 4 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.986

Group # 4 -- d: 0.273, r: 0.763

Group # 5 -- M: 0.765, D: 0.284

Log likelihood = -24.516 Significance = 0.087

Cut Group # 5 with factors MD (MARCADOR DISCURSIVO)

----- Level # 1 -----

Run # 32, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.980

Group # 6 -- a: 0.529, n: 0.083

Log likelihood = -25.352 Significance = 0.128

Run # 33, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.980

Group # 4 -- d: 0.339, r: 0.689

Log likelihood = -26.880 Significance = 0.020

Cut Group # 4 with factors dr (TIPO DE FALA: REPORTADA OU DIRETA)

----- Level # 0 -----

Run # 34, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.975

Log likelihood = -28.032 Significance = 0.021

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3 2 1 5 4

Best stepping up run: #7

Best stepping down run: #32

CHAVE DE CODIFICAÇÃO DOS DADOS DA ESCRITA SEM FORMATO DE DIÁLOGO**VARIÁVEL DEPENDENTE**

I: IMPERATIVO INDICATIVO - IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA

S: IMPERATIVO SUBJUNTIVO - IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA SUBJUNTIVA

ÂNCORA DISCURSIVA

A: PRESENÇA DE ÂNCORA DISCURSIVA

O: AUSÊNCIA DE ÂNCORA DISCURSIVA

POLARIDADE DA ESTRUTURA

P: ESTRUTURA AFIRMATIVA

N: ESTRUTURA NEGATIVA

TIPO DE VERBOS

P= VERBOS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

J= VERBOS DE SEGUNDA E TERCEIRA CONJUGAÇÃO

SÍLABAS DOS VERBOS

1= MONOSSÍLABOS

2= DISSÍLABOS

3= COM MAIS DE TRÊS

RESULTADOS DOS DADOS DA ESCRITA SEM FORMATO DE DIÁLOGO

GROUPS & FACTORS

```

-----
Group      Default    Factors
  1         I       IS
  2         A       A0
  3         P       PN
  4         p       pj
  5         2       231
  
```

CELL CREATION

Name of token file: dadosdaescrita2010.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```

(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
)
  
```

```

          Number of cells: 12
Application value(s): IS
Total no. of factors: 9
  
```

Group		I	S	Total	%	
1 (2)		I	S			
A N		8	2	10	14.1	PRESENÇA DE ÂNCORA
DISCURSIVA	%	80.0	20.0			
0 N		2	59	61	85.9	AUSÊNCIA DE ÂNCORA
DISCURSIVA	%	3.3	96.7			
Total N		10	61	71		
	%	14.1	85.9			

2 (3)		I	S			
P N		10	58	68	95.8	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	14.7	85.3			

N	N	0	3	3	4.2	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	0.0	100.0			* KnockOut *
Total	N	10	61	71		
	%	14.1	85.9			

3 (4)		I	S			
p	N	9	42	51	71.8	VERBOS DE PRIMEIRA CONJUGAÇÃO
	%	17.6	82.4			
j	N	1	19	20	28.2	VERBOS DE SEGUNDA E TERCEIRA CONJUGAÇÃO
	%	5.0	95.0			
Total	N	10	61	71		
	%	14.1	85.9			

4 (5)		I	S			
2	N	4	32	36	50.7	VERBOS DISSÍLABOS
	%	11.1	88.9			
3	N	2	22	24	33.8	VERBOS COM MAIS DE TRÊS SÍLABAS
	%	8.3	91.7			
1	N	4	7	11	15.5	VERBOS MONOSSÍLABOS
	%	36.4	63.6			
Total	N	10	61	71		
	%	14.1	85.9			

TOTAL	N	10	61	71		
	%	14.1	85.9			

Name of new cell file: .cel

CELL CREATION

Name of token file: dadosdaescrita2010.tkn

Name of condition file: testel.cnd

```
(
; rodada retirando todos os casos de polaridade.
(1 (nil (col 3 N)))
(2)
;(3)
(4)
(5)
)
```

Number of cells: 10
 Application value(s): IS
 Total no. of factors: 7

Group		I	S	Total	%	

1 (2)		I	S			
A	N	8	2	10	14.7	PRESENÇA DE ÂNCORA
	%	80.0	20.0			
0	N	2	56	58	85.3	AUSÊNCIA DE ÂNCORA
	%	3.4	96.6			
Total	N	10	58	68		
	%	14.7	85.3			

2 (4)		I	S			
p	N	9	40	49	72.1	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	18.4	81.6			
j	N	1	18	19	27.9	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	5.3	94.7			
Total	N	10	58	68		
	%	14.7	85.3			

3 (5)		I	S			
2	N	4	30	34	50.0	VERBOS DISSÍLABOS
	%	11.8	88.2			
3	N	2	21	23	33.8	VERBOS COM MAIS DE TRÊS SÍLABAS
	%	8.7	91.3			
1	N	4	7	11	16.2	VERBOS MONOSSÍLABOS
	%	36.4	63.6			
Total	N	10	58	68		
	%	14.7	85.3			

TOTAL	N	10	58	68		
	%	14.7	85.3			

Name of new cell file: testel.cel

BINOMIAL VARBRUL

Name of cell file: testel.celAveraging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001
Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.147
Log likelihood = -28.395

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.067
Group # 1 -- A: 0.982, 0: 0.333
Log likelihood = -13.704 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.132
Group # 2 -- p: 0.596, j: 0.268
Log likelihood = -27.287 Significance = 0.146

Run # 4, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.131
Group # 3 -- 2: 0.470, 3: 0.388, 1: 0.791
Log likelihood = -26.321 Significance = 0.133

Add Group # 1 with factors A0 (AUSÊNCIA OU PRESENÇA DE ÂNCORA DISCURSIVA)

----- Level # 2 -----

Run # 5, 4 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.064
Group # 1 -- A: 0.981, 0: 0.336
Group # 2 -- p: 0.557, j: 0.357
Log likelihood = -13.537 Significance = 0.579

Run # 6, 6 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.065
Group # 1 -- A: 0.980, 0: 0.338
Group # 3 -- 2: 0.483, 3: 0.435, 1: 0.680
Log likelihood = -13.439 Significance = 0.768
No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1
 Best stepping up run: #2

Stepping down...

----- Level # 3 -----

Run # 7, 10 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.057
 Group # 1 -- A: 0.976, 0: 0.345
 Group # 2 -- p: 0.596, j: 0.268
 Group # 3 -- 2: 0.465, 3: 0.420, 1: 0.751
 Log likelihood = -13.065

----- Level # 2 -----

Run # 8, 6 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.109
 Group # 2 -- p: 0.635, j: 0.194
 Group # 3 -- 2: 0.448, 3: 0.372, 1: 0.851
 Log likelihood = -24.367 Significance = 0.000

Run # 9, 6 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.065
 Group # 1 -- A: 0.980, 0: 0.338
 Group # 3 -- 2: 0.483, 3: 0.435, 1: 0.680
 Log likelihood = -13.439 Significance = 0.406

Run # 10, 4 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.064
 Group # 1 -- A: 0.981, 0: 0.336
 Group # 2 -- p: 0.557, j: 0.357
 Log likelihood = -13.537 Significance = 0.631

Cut Group # 3 with factors 231 (NÚMERO DE SÍLABAS DOS VERBOS
 NO INFINITIVO)

----- Level # 1 -----

Run # 11, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.132
 Group # 2 -- p: 0.596, j: 0.268
 Log likelihood = -27.287 Significance = 0.000

Run # 12, 2 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.067

Group # 1 -- A: 0.982, 0: 0.333

Log likelihood = -13.704 Significance = 0.579

Cut Group # 2 with factors pj (ESTRUTURA AFIRMATIVA E
NEGATIVA)

----- Level # 0 -----

Run # 13, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.147

Log likelihood = -28.395 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3 2

Best stepping up run: #2

Best stepping down run: #12

CHAVE DE CODIFICAÇÃO PARA OS DADOS DA MARLY

VARIÁVEL DEPENDENTE

I= IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA

S= IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA SUBJUNTIVA

GRUPO DE FATORES INDEPENDENTES

1) PERSONAGEM

M= MARLY

C= CREUZODETE

P= PREPÚCIO

O= OUTROS

2) POLARIDADE DA ESTRUTURA

A= AFIRMATIVA

N= NEGATIVA

3) MARCADOR DISCURSIVO

M= MARCADOR DISCURSIVO

D= DEMAIS CASOS

4) TIPO DE VERBOS

P= PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

S= SEGUNDA CONJUGAÇÃO

T= TERCEIRA CONJUGAÇÃO

5) PRESENÇA, TIPO, LOCALIZAÇÃO, PESSOA DOS PRONOMES

O: AUSÊNCIA DE PRONOME

R: PRONOME RETO EU

T: ME ANTES DO VERBO

J: ME DEPOIS DO VERBO

§: SE ANTES DO VERBO

W: SE DEPOIS DO VERBO

X= TE ANTES DO VERBO

B= TE DEPOIS DO VERBO

U= LHE DEPOIS DO VERBO

6) PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE VOCATIVO

Q= AUSÊNCIA DE VOCATIVO

A= VOCATIVO ANTES DO VERBO

Z= VOCATIVO DEPOIS DO VERBO

7) SÍLABAS DOS VERBOS

1= MONOSSÍLABOS

2= DISSÍLABOS

3= TRISSÍLABOS

4= MAIS DE QUATRO SÍLABAS

8) DATA DOS DADOS (GRUPO UTILIZADO APENAS NOS DADOS DO ALMANAQUE)

***** DÉCADA DE SETENTA

% DÉCADA DE NOVENTA

@ ANO DE 2000

? SEM IDENTIFICAÇÃO

RESULTADOS DOS DADOS DE MARLY, A SOLTEIRONA

GROUPS & FACTORS

Group	Default	Factors
1	I	IS
2	M	MOCP
3	a	an
4	D	DM
5	t	tsp
6	0	0TR\$BJWU
7	Q	QZA
8	1	1243
9	*	*@?%

CELL CREATION

Name of token file: dadosmarlytudojunto090210.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```
(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
)
```

Number of cells: 88

Application value(s): IS

Total no. of factors: 30

Group		I	S	Total	%	
1 (2)		I	S			
M	N	28	46	74	59.2	MARLY
	%	37.8	62.2			
O	N	7	16	23	18.4	OUTROS
	%	30.4	69.6			
C	N	3	17	20	16.0	CREUZODETE
	%	15.0	85.0			
P	N	6	2	8	6.4	PREPÚCIO
	%	75.0	25.0			

Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

2 (3)		I	S			
a	N	43	67	110	88.0	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	39.1	60.9			
n	N	1	14	15	12.0	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	6.7	93.3			
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

3 (4)		I	S			
D	N	40	81	121	96.8	NÃO-MARCADOR DISCURSIVO
	%	33.1	66.9			
M	N	4	0	4	3.2	MARCADOR DISCURSIVO
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

4 (5)		I	S			
t	N	10	14	24	19.2	VERBOS DE 3ª CONJUGAÇÃO
	%	41.7	58.3			
s	N	7	21	28	22.4	VERBOS DE 2ª CONJUGAÇÃO
	%	25.0	75.0			
p	N	27	46	73	58.4	VERBOS DE 1ª CONJUGAÇÃO
	%	37.0	63.0			
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

5 (6)		I	S			
0	N	33	50	83	66.4	AUSÊNCIA DE PRONOME
	%	39.8	60.2			
T	N	4	18	22	17.6	ME ANTES DO VERBO
	%	18.2	81.8			

R	N	2	0	2	1.6	PRONOME RETO EU
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
\$	N	0	2	2	1.6	SE ANTES DO VERBO
	%	0.0	100.0			* KnockOut *
B	N	1	0	1	0.8	TE DEPOIS DO VERBO
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
J	N	3	9	12	9.6	ME DEPOIS DO VERBO
	%	25.0	75.0			
W	N	0	2	2	1.6	SE DEPOIS DO VERBO
	%	0.0	100.0			* KnockOut *
U	N	1	0	1	0.8	LHE DEPOIS DO VERBO
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

6 (7)		I	S			
Q	N	29	56	85	68.0	AUSÊNCIA DE VOCATIVO
	%	34.1	65.9			
Z	N	4	5	9	7.2	VOCATIVO DEPOIS DO VERBO
	%	44.4	55.6			
A	N	11	20	31	24.8	VOCATIVO ANTES DO VERBO
	%	35.5	64.5			
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

7 (8)		I	S			
1	N	9	9	18	14.4	VERBOS MONOSSÍLABOS
	%	50.0	50.0			
2	N	28	40	68	54.4	VERBOS DISSÍLABOS
	%	41.2	58.8			

4	N	1	6	7	5.6	VERBOS MAIS DE QUATRO SÍLABAS
	%	14.3	85.7			
3	N	6	26	32	25.6	VERBOS TRISSÍLABOS
	%	18.8	81.2			
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

8 (9)		I	S			
*	N	10	13	23	18.4	DÉCADA DE SETENTA
	%	43.5	56.5			
@	N	22	37	59	47.2	ANOS 2000
	%	37.3	62.7			
?	N	11	31	42	33.6	SEM IDENTIFICAÇÃO
	%	26.2	73.8			
%	N	1	0	1	0.8	DÉCADA DE NOVENTA
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
Total	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

TOTAL	N	44	81	125		
	%	35.2	64.8			

Name of new cell file: .cel

CELL CREATION

Name of token file: dadosmarlytudojunto090210.tkn

Name of condition file: TESTE1.cnd

(

; rodada retirando todos os casos de pronome em contexto invariável polaridade da estrutura e de marcadores

(1 (nil (col 4 M))
 (nil (col 3 n))
 (nil (col 6 R))
 (nil (col 6 \$))
 (nil (col 6 W))
 (nil (col 6 B))
 (nil (col 6 U)))

(2)

; (3)

; (4)

(5)

(6)
 (7)
 (8)
 (9)
)

Number of cells: 68
 Application value(s): IS
 Total no. of factors: 20

Group		I	S	Total	%	

1 (2)		I	S			
M	N	22	33	55	54.5	MARLY
	%	40.0	60.0			
C	N	3	17	20	19.8	CREUZODETE
	%	15.0	85.0			
P	N	5	2	7	6.9	PREPÚCIO
	%	71.4	28.6			
O	N	6	13	19	18.8	OUTROS
	%	31.6	68.4			
Total	N	36	65	101		
	%	35.6	64.4			

2 (5)		I	S ^a			
t	N	10	11	21	20.8	VERBOS DE 3 ^a CONJUGAÇÃO
	%	47.6	52.4			
p	N	19	41	60	59.4	VERBOS DE 1 ^a CONJUGAÇÃO
	%	31.7	68.3			
s	N	7	13	20	19.8	VERBOS DE 2 ^a CONJUGAÇÃO
	%	35.0	65.0			
Total	N	36	65	101		
	%	35.6	64.4			

3 (6)		I	S			
0	N	29	46	75	74.3	AUSÊNCIA DE PRONOME
	%	38.7	61.3			
T	N	4	11	15	14.9	ME ANTES DO VERBO
	%	26.7	73.3			

J	N	3	8	11	10.9	ME DEPOIS DO VERBO
	%	27.3	72.7			
Total	N	36	65	101		
	%	35.6	64.4			

4 (7)	I	S				
Q	N	23	44	67	66.3	AUSÊNCIA DE VOCATIVO
	%	34.3	65.7			
A	N	10	19	29	28.7	VOCATIVO ANTES DO VERBO
	%	34.5	65.5			
Z	N	3	2	5	5.0	VOCATIVO DEPOIS DO VERBO
	%	60.0	40.0			
Total	N	36	65	101		
	%	35.6	64.4			

5 (8)	I	S				
1	N	8	9	17	16.8	VERBOS MONOSSÍLABOS
	%	47.1	52.9			
4	N	1	2	3	3.0	VERBOS MAIS DE QUATRO SÍLABAS
	%	33.3	66.7			
2	N	21	30	51	50.5	VERBOS DISSÍLABOS
	%	41.2	58.8			
3	N	6	24	30	29.7	VERBOS TRISSÍLABOS
	%	20.0	80.0			
Total	N	36	65	101		
	%	35.6	64.4			

6 (9)	I	S				
*	N	7	6	13	12.9	DADOS DA DÉCADA DE 70
%	53.8	46.2				
@	N	19	34	53	52.5	DADOS DOS ANOS 2000
	%	35.8	64.2			
?	N	10	25	35	34.7	SEM IDENTIFICAÇÃO
	%	28.6	71.4			
Total	N	36	65	101		

	%	35.6	64.4	

TOTAL N		36	65	101
	%	35.6	64.4	

Name of new cell file: TESTE1.cel

CELL CREATION 9/2/2010 21:43:29

Name of token file: dadosmarlytudojunto090210.tkn

Name of condition file: TESTE1.cnd

```
(
; rodada retirando todos os casos de pronome em contexto
invariável polaridade da estrutura e de marcadores
(1 (nil (col 4 M))
   (nil (col 3 n))
   (nil (col 6 R))
   (nil (col 6 $))
   (nil (col 6 W))
   (nil (col 6 B))
   (nil (col 6 U)))
(2)
;(3)
;(4)
(5)
(6 (T (or (col 6 T) (COL 6 J))))
(7)
(8)
(9)
)
```

Number of cells: 66
Application value(s): IS
Total no. of factors: 19

Group		I	S	Total	%	

1 (2)		I	S			
M	N	22	33	55	54.5	MARLY
	%	40.0	60.0			
C	N	3	17	20	19.8	CREUZODETE
	%	15.0	85.0			
P	N	5	2	7	6.9	PREPÚCIO
	%	71.4	28.6			
O	N	6	13	19	18.8	OUTROS
	%	31.6	68.4			
Total N		36	65	101		
	%	35.6	64.4			

2 (5)		I	S				
t	N	10	11	21	20.8	TERCEIRA CONJUGAÇÃO	
	%	47.6	52.4				
p	N	19	41	60	59.4	PRIMEIRA CONJUGAÇÃO	
	%	31.7	68.3				
s	N	7	13	20	19.8	SEGUNDA CONJUGAÇÃO	
	%	35.0	65.0				
Total	N	36	65	101			
	%	35.6	64.4				

3 (6)		I	S				
0	N	29	46	75	74.3	AUSÊNCIA DE PRONOME	
	%	38.7	61.3				
T	N	7	19	26	25.7	PRESENÇA DE PRONOME	
	%	26.9	73.1				
Total	N	36	65	101			
	%	35.6	64.4				

4 (7)		I	S				
Q	N	23	44	67	66.3	AUSÊNCIA DE VOCATIVO	
	%	34.3	65.7				
A	N	10	19	29	28.7	VOCATIVO ANTES DO	
VERBO	%	34.5	65.5				
Z	N	3	2	5	5.0	VOCATIVO DEPOIS DO	
VERBO	%	60.0	40.0				
Total	N	36	65	101			
	%	35.6	64.4				

5 (8)		I	S				
1	N	8	9	17	16.8	V. MONOSSÍLABOS	
	%	47.1	52.9				
4	N	1	2	3	3.0	V. COM MAIS DE 4	
SÍLABAS	%	33.3	66.7				
2	N	21	30	51	50.5	V. DISSÍLABOS	
	%	41.2	58.8				
3	N	6	24	30	29.7	V. TRISSÍLABOS	
	%	20.0	80.0				

Total N		36	65	101		
	%	35.6	64.4			

6 (9)		I	S			
*	N	7	6	13	12.9	DÉCADA DE 70
	%	53.8	46.2			
@	N	19	34	53	52.5	ANOS 2000
	%	35.8	64.2			
?	N	10	25	35	34.7	SEM IDENTIFICAÇÃO
	%	28.6	71.4			
Total N		36	65	101		
	%	35.6	64.4			

TOTAL N		36	65	101		
	%	35.6	64.4			

Name of new cell file: TESTE1.cel

BINOMIAL VARBRUL 9/2/2010 21:43:45

Name of cell file: TESTE1.cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.356
Log likelihood = -65.785

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.344
Group # 1 -- M: 0.560, C: 0.252, P: 0.826, O: 0.468
Log likelihood = -61.507 Significance = 0.039
Run # 3, 3 cells:

Convergence at Iteration 4
 Input 0.355
 Group # 2 -- t: 0.623, p: 0.458, s: 0.495
 Log likelihood = -64.941 Significance = 0.441

Run # 4, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.354
 Group # 3 -- 0: 0.534, T: 0.402
 Log likelihood = -65.187 Significance = 0.279

Run # 5, 3 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.356
 Group # 4 -- Q: 0.486, A: 0.488, Z: 0.731 (VOCATIVO PÓS-
 VERBAL)
 Log likelihood = -65.140 Significance = 0.528

Run # 6, 4 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.347
 Group # 5 -- 1: 0.626, 4: 0.485, 2: 0.568, 3: 0.320
 Log likelihood = -63.228 Significance = 0.171

Run # 7, 3 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.354
 Group # 6 -- *: 0.680, @: 0.505, ?: 0.422
 Log likelihood = -64.497 Significance = 0.279

Add Group # 1 with factors MCPO (PERSONAGEM)

----- Level # 2 -----

Run # 8, 11 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.342
 Group # 1 -- M: 0.548, C: 0.270, P: 0.845, O: 0.467
 Group # 2 -- t: 0.617, p: 0.469, s: 0.468
 Log likelihood = -60.842 Significance = 0.517

Run # 9, 6 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.341
 Group # 1 -- M: 0.572, C: 0.221, P: 0.801, O: 0.495
 Group # 3 -- 0: 0.546, T: 0.369
 Log likelihood = -60.533 Significance = 0.171

Run # 10, 11 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.343
 Group # 1 -- M: 0.564, C: 0.246, P: 0.826, O: 0.464

Group # 4 -- Q: 0.467, A: 0.548, Z: 0.660
 Log likelihood = -61.022 Significance = 0.624

Run # 11, 13 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.335

Group # 1 -- M: 0.559, C: 0.233, P: 0.785, O: 0.523

Group # 5 -- 1: 0.609, 4: 0.536, 2: 0.572, 3: 0.319

Log likelihood = -59.277 Significance = 0.219

Run # 12, 10 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.341

Group # 1 -- M: 0.548, C: 0.233, P: 0.822, O: 0.533

Group # 6 -- *: 0.651, @: 0.535, ?: 0.391

Log likelihood = -60.216 Significance = 0.279

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1

Best stepping up run: #2

Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 13, 66 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.332

Group # 1 -- M: 0.554, C: 0.222, P: 0.788, O: 0.553
 PERSONAGEM

Group # 2 -- t: 0.501, p: 0.510, s: 0.469 CONJUGAÇÃO
 VERBAL

Group # 3 -- 0: 0.525, T: 0.430 PRONOMES

Group # 4 -- Q: 0.468, A: 0.537, Z: 0.706 VOCATIVOS

Group # 5 -- 1: 0.582, 4: 0.520, 2: 0.565, 3: 0.344 N°
 SÍLABAS

Group # 6 -- *: 0.642, @: 0.502, ?: 0.443 ÉPOCA

Log likelihood = -57.830

----- Level # 5 -----

Run # 14, 46 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.343

Group # 2 -- t: 0.524, p: 0.496, s: 0.488

Group # 3 -- 0: 0.514, T: 0.459

Group # 4 -- Q: 0.485, A: 0.480, Z: 0.777

Group # 5 -- 1: 0.567, 4: 0.465, 2: 0.582, 3: 0.332

Group # 6 -- *: 0.672, @: 0.469, ?: 0.480

Log likelihood = -61.461 Significance = 0.068

Run # 15, 50 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.332

Group # 1 -- M: 0.556, C: 0.220, P: 0.778, O: 0.556

Group # 3 -- O: 0.524, T: 0.432

Group # 4 -- Q: 0.468, A: 0.536, Z: 0.711

Group # 5 -- 1: 0.580, 4: 0.531, 2: 0.566, 3: 0.345

Group # 6 -- *: 0.640, @: 0.500, ?: 0.446

Log likelihood = -57.862 Significance = 0.968

Run # 16, 56 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.546, C: 0.236, P: 0.804, O: 0.547

Group # 2 -- t: 0.527, p: 0.501, s: 0.469

Group # 4 -- Q: 0.465, A: 0.544, Z: 0.707

Group # 5 -- 1: 0.586, 4: 0.518, 2: 0.566, 3: 0.342

Group # 6 -- *: 0.646, @: 0.507, ?: 0.435

Log likelihood = -58.027 Significance = 0.540

Run # 17, 51 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.552, C: 0.223, P: 0.792, O: 0.552

Group # 2 -- t: 0.516, p: 0.509, s: 0.456

Group # 3 -- O: 0.527, T: 0.422

Group # 5 -- 1: 0.584, 4: 0.494, 2: 0.558, 3: 0.357

Group # 6 -- *: 0.621, @: 0.512, ?: 0.437

Log likelihood = -58.348 Significance = 0.604

Run # 18, 45 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.338

Group # 1 -- M: 0.550, C: 0.229, P: 0.824, O: 0.532

Group # 2 -- t: 0.570, p: 0.488, s: 0.463

Group # 3 -- O: 0.527, T: 0.424

Group # 4 -- Q: 0.470, A: 0.539, Z: 0.663

Group # 6 -- *: 0.654, @: 0.525, ?: 0.405

Log likelihood = -58.958 Significance = 0.524

Run # 19, 49 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.568, C: 0.215, P: 0.773, O: 0.530

Group # 2 -- t: 0.502, p: 0.507, s: 0.477

Group # 3 -- O: 0.528, T: 0.420

Group # 4 -- Q: 0.472, A: 0.530, Z: 0.687

Group # 5 -- 1: 0.586, 4: 0.571, 2: 0.572, 3: 0.328

Log likelihood = -58.430 Significance = 0.555

Cut Group # 2 with factors tps (CONJUGAÇÃO VERBAL)

----- Level # 4 -----

Run # 20, 33 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.343

Group # 3 -- 0: 0.516, T: 0.454

Group # 4 -- Q: 0.485, A: 0.480, Z: 0.781

Group # 5 -- 1: 0.577, 4: 0.462, 2: 0.582, 3: 0.327

Group # 6 -- *: 0.676, @: 0.466, ?: 0.484

Log likelihood = -61.481 Significance = 0.068

Run # 21, 40 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.549, C: 0.231, P: 0.791, O: 0.551

Group # 4 -- Q: 0.464, A: 0.544, Z: 0.716

Group # 5 -- 1: 0.595, 4: 0.520, 2: 0.567, 3: 0.335

Group # 6 -- *: 0.646, @: 0.504, ?: 0.438

Log likelihood = -58.067 Significance = 0.529

Run # 22, 34 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.556, C: 0.217, P: 0.777, O: 0.558

Group # 3 -- 0: 0.528, T: 0.421

Group # 5 -- 1: 0.587, 4: 0.504, 2: 0.558, 3: 0.355

Group # 6 -- *: 0.619, @: 0.509, ?: 0.441

Log likelihood = -58.410 Significance = 0.586

Run # 23, 25 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.339

Group # 1 -- M: 0.558, C: 0.217, P: 0.804, O: 0.538

Group # 3 -- 0: 0.534, T: 0.402

Group # 4 -- Q: 0.470, A: 0.538, Z: 0.679

Group # 6 -- *: 0.660, @: 0.520, ?: 0.409

Log likelihood = -59.154 Significance = 0.467

Run # 24, 34 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.333

Group # 1 -- M: 0.570, C: 0.212, P: 0.765, O: 0.533

Group # 3 -- 0: 0.528, T: 0.420

Group # 4 -- Q: 0.472, A: 0.530, Z: 0.691

Group # 5 -- 1: 0.585, 4: 0.577, 2: 0.571, 3: 0.328

Log likelihood = -58.447 Significance = 0.565

Cut Group # 4 with factors QAZ (VOCATIVO)

----- Level # 3 -----

Run # 25, 19 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.345
 Group # 3 -- 0: 0.517, T: 0.452
 Group # 5 -- 1: 0.599, 4: 0.448, 2: 0.567, 3: 0.339
 Group # 6 -- *: 0.658, @: 0.473, ?: 0.480
 Log likelihood = -62.403 Significance = 0.047

Run # 26, 25 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.335
 Group # 1 -- M: 0.548, C: 0.231, P: 0.790, O: 0.554
 Group # 5 -- 1: 0.605, 4: 0.486, 2: 0.560, 3: 0.343
 Group # 6 -- *: 0.624, @: 0.515, ?: 0.430
 Log likelihood = -58.696 Significance = 0.462

Run # 27, 14 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.339
 Group # 1 -- M: 0.559, C: 0.214, P: 0.803, O: 0.542
 Group # 3 -- 0: 0.538, T: 0.391
 Group # 6 -- *: 0.640, @: 0.525, ?: 0.410
 Log likelihood = -59.612 Significance = 0.494

Run # 28, 19 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.334
 Group # 1 -- M: 0.568, C: 0.214, P: 0.769, O: 0.532
 Group # 3 -- 0: 0.531, T: 0.410
 Group # 5 -- 1: 0.589, 4: 0.551, 2: 0.566, 3: 0.336
 Log likelihood = -58.893 Significance = 0.625
 Cut Group # 6 with factors *@? (ÉPOCA DOS DADOS)

----- Level # 2 -----

Run # 29, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.347
 Group # 3 -- 0: 0.514, T: 0.459
 Group # 5 -- 1: 0.619, 4: 0.489, 2: 0.564, 3: 0.330
 Log likelihood = -63.142 Significance = 0.040

Run # 30, 13 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.335
 Group # 1 -- M: 0.559, C: 0.233, P: 0.785, O: 0.523
 Group # 5 -- 1: 0.609, 4: 0.536, 2: 0.572, 3: 0.319
 Log likelihood = -59.277 Significance = 0.399

Run # 31, 6 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.341
Group # 1 -- M: 0.572, C: 0.221, P: 0.801, O: 0.495
Group # 3 -- O: 0.546, T: 0.369
Log likelihood = -60.533 Significance = 0.359

Cut Group # 3 with factors 0T

----- Level # 1 -----

Run # 32, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.347
Group # 5 -- 1: 0.626, 4: 0.485, 2: 0.568, 3: 0.320
Log likelihood = -63.228 Significance = 0.049

Run # 33, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.344
Group # 1 -- M: 0.560, C: 0.252, P: 0.826, O: 0.468
Log likelihood = -61.507 Significance = 0.219

Cut Group # 5 with factors 1423

----- Level # 0 -----

Run # 34, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.356
Log likelihood = -65.785 Significance = 0.039

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 2 4 6 3 5
Best stepping up run: #2
Best stepping down run: #33

CHAVE DE CODIFICAÇÃO PARA OS DADOS DA MÍDIA TELEVISIVA

VARIÁVEL DEPENDENTE

I= IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA INDICATIVA

S= IMPERATIVO ASSOCIADO À FORMA SUBJUNTIVA

GRUPO DE FATORES INDEPENDENTES

1) PROGRAMA

B= BALANÇO GERAL

T= TRIBUNA NOTÍCIAS

2) DIÁLOGO

C= AUSÊNCIA DE DIÁLOGO

S= PRESENÇA DE DIÁLOGO

3) POLARIDADE DA ESTRUTURA

A= AFIRMATIVA

N= NEGATIVA

4) MARCADOR DISCURSIVO

M= MARCADOR DISCURSIVO

D= DEMAIS CASOS

5) TIPO DE VERBOS

P= PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

S= SEGUNDA CONJUGAÇÃO

T= TERCEIRA CONJUGAÇÃO

6) PRESENÇA, TIPO, LOCALIZAÇÃO, PESSOA DOS PRONOMES

O= AUSÊNCIA DE PRONOME

R= PRONOME RETO EU

N= ME ANTES DO VERBO

J= ME DEPOIS DO VERBO

Ş= SE ANTES DO VERBO

W= SE DEPOIS DO VERBO

X= TE ANTES DO VERBO

G= TE DEPOIS DO VERBO

U= LHE DEPOIS DO VERBO

7) PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE VOCATIVO

Q= AUSÊNCIA DE VOCATIVO
A= VOCATIVO ANTES DO VERBO
Z= VOCATIVO DEPOIS DO VERBO

8) SÍLABAS DOS VERBOS

1= MONOSSÍLABOS
2= DISSÍLABOS
3= TRISSÍLABOS
4= MAIS DE QUATRO SÍLABAS

RESULTADO DOS DADOS DA MÍDIA TELEVISIVA

GROUPS & FACTORS

```
-----
Group      Default  Factors
  1         I      IS
  2         B      BT
  3         C      CS
  4         a      an
  5         M      MD
  6         p      pst
  7         0      0R$
  8         Q      QAZ
  9         2      2431
```

CELL CREATION

Name of token file: rodada090210.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```
(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
)
```

Number of cells: 48
 Application value(s): IS
 Total no. of factors: 21

Group		I	S	Total	%	

1 (2)		I	S			
B	N	60	56	116	74.4	BALANÇO GERAL
	%	51.7	48.3			
T	N	21	19	40	25.6	TRIBUNA NOTÍCIAS
	%	52.5	47.5			
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

2 (3)		I	S			
C	N	31	69	100	64.1	SEM DIÁLOGO
	%	31.0	69.0			
S	N	50	6	56	35.9	COM DIÁLOGO
	%	89.3	10.7			
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

3 (4)		I	S			
a	N	78	67	145	92.9	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	53.8	46.2			
n	N	3	8	11	7.1	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	27.3	72.7			
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

4 (5)		I	S			
M	N	26	0	26	16.7	MARCADOR DISCURSIVO
	%	100.0	0.0			* KnockOut *
D	N		55	75	130	83.3
DISCURSIVO	%	42.3	57.7			NÃO-MARCADOR
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

5 (6)		I	S			
p	N		55	39	94	60.3
CONJUGAÇÃO						VERBOS DE 1ª

	%	58.5	41.5			
s	N	11	23	34	21.8	VERBOS DE 2ª CONJUGAÇÃO
	%	32.4	67.6			
t	N	15	13	28	17.9	VERBOS DE 3ª
CONJUGAÇÃO						
	%	53.6	46.4			
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

6 (7)	I	S			
0	N	78	74	152	97.4 AUSÊNCIA DE PRONOME
	%	51.3	48.7		

R	N	3	0	3	1.9 PRONOME RETO EU
	%	100.0	0.0		* KnockOut *

\$	N	0	1	1	0.6 SE ANTES DO VERBO
	%	0.0	100.0		* KnockOut *

Total	N	81	75	156	
	%	51.9	48.1		

7 (8)	I	S			
Q	N	63	69	132	84.6 AUSÊNCIA DE VOCATIVO
	%	47.7	52.3		

A	N	4	0	4	2.6 VOCATIVO ANTES DO VERBO
	%	100.0	0.0		* KnockOut *

Z	N	14	6	20	12.8 VOCATIVO DEPOIS DO
VERBO					
	%	70.0	30.0		

Total	N	81	75	156	
	%	51.9	48.1		

8 (9)	I	S			
2	N	60	37	97	62.2 VERBOS DISSÍLABOS
	%	61.9	38.1		

4	N	1	14	15	9.6 VERBOS COM MAIS DE 4
SÍLABAS					
	%	6.7	93.3		

3	N	6	13	19	12.2	VERBOS TRISSÍLABOS
	%	31.6	68.4			
1	N	14	11	25	16.0	VERBOS MONOSSÍLABICOS
	%	56.0	44.0			
Total	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

TOTAL	N	81	75	156		
	%	51.9	48.1			

Name of new cell file: .cel

CELL CREATION

Name of token file: rodada090210.tkn

Name of condition file: teste2.cnd

```
(
; rodada retirando todos os casos de marcadores de pronome
reto e de pronome se antes do verbo amalgamando vocativo
(1 (nil (col 5 M))
   (nil (col 7 R))
   (nil (col 7 $)))
(2)
(3)
(4)
; (5)
(6)
; (7)
(8 (A (or (col 8 A) (col 8 Z))))
(9)
)
```

Number of cells: 36
Application value(s): IS
Total no. of factors: 15

Group		I	S	Total	%	

1 (2)		I	S			
B	N	40	55	95	74.8	BALANÇO GERAL
	%	42.1	57.9			
T	N	13	19	32	25.2	TRIBUNA NOTÍCIAS
	%	40.6	59.4			
Total	N	53	74	127		
	%	41.7	58.3			

2 (3)		I	S			

C	N	15	68	83	65.4	SEM DIÁLOGO
	%	18.1	81.9			
S	N	38	6	44	34.6	COM DIÁLOGO
	%	86.4	13.6			
Total	N	53	74	127		
	%	41.7	58.3			

3 (4)		I	S			
a	N	50	66	116	91.3	ESTRUTURA AFIRMATIVA
	%	43.1	56.9			
n	N	3	8	11	8.7	ESTRUTURA NEGATIVA
	%	27.3	72.7			
Total	N	53	74	127		
	%	41.7	58.3			

4 (6)		I	S			
p	N	30	38	68	53.5	VERBOS DE 1ª CONJUGAÇÃO
	%	44.1	55.9			
s	N	8	23	31	24.4	VERBOS DE 2ª CONJUGAÇÃO
	%	25.8	74.2			
t	N	15	13	28	22.0	VERBOS DE 3ª CONJUGAÇÃO
	%	53.6	46.4			
Total	N	53	74	127		
	%	41.7	58.3			

5 (8)		I	S			
Q	N	38	68	106	83.5	AUSÊNCIA DE VOCATIVO
	%	35.8	64.2			
A	N	15	6	21	16.5	PRESENÇA DE VOCATIVO
	%	71.4	28.6			
Total	N	53	74	127		
	%	41.7	58.3			

6 (9)		I	S			
4	N	1	14	15	11.8	VERBOS COM MAIS DE 4 SÍLABAS
	%	6.7	93.3			
3	N	6	12	18	14.2	VERBOS TRISSÍLABOS
	%	33.3	66.7			
1	N	14	11	25	19.7	VERBOS MONOSSILÁBICOS

	%	56.0	44.0		
2	N	32	37	69	54.3 VERBOS DISSÍLABOS
	%	46.4	53.6		
Total	N	53	74	127	
	%	41.7	58.3		

TOTAL	N	53	74	127	
	%	41.7	58.3		

Name of new cell file: teste2.cel

BINOMIAL VARBRUL

Name of cell file: teste2.cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.417
Log likelihood = -86.285

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:
Convergence at Iteration 3
Input 0.417
Group # 1 -- B: 0.504, T: 0.489
Log likelihood = -86.275 Significance = 0.888

Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.414
Group # 2 -- C: 0.238, S: 0.900
Log likelihood = -56.742 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.416
Group # 3 -- a: 0.515, n: 0.345
Log likelihood = -85.744 Significance = 0.298

Run # 5, 3 cells:

Convergence at Iteration 5
Input 0.413
Group # 4 -- p: 0.529, s: 0.331, t: 0.621
Log likelihood = -83.701 Significance = 0.080

Run # 6, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.417
Group # 5 -- Q: 0.438, A: 0.777
Log likelihood = -81.733 Significance = 0.005

Run # 7, 4 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.391
Group # 6 -- 4: 0.100, 3: 0.437, 1: 0.664, 2: 0.573
Log likelihood = -79.925 Significance = 0.007

Add Group # 2 with factors CS (COM DIÁLOGO E SEM DIÁLOGO)

----- Level # 2 -----

Run # 8, 4 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.413
Group # 1 -- B: 0.519, T: 0.444
Group # 2 -- C: 0.237, S: 0.901
Log likelihood = -56.594 Significance = 0.603

Run # 9, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.414
Group # 2 -- C: 0.239, S: 0.899
Group # 3 -- a: 0.506, n: 0.440
Log likelihood = -56.697 Significance = 0.768

Run # 10, 6 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.410
Group # 2 -- C: 0.232, S: 0.906
Group # 4 -- p: 0.444, s: 0.448, t: 0.685
Log likelihood = -55.175 Significance = 0.210

Run # 11, 4 cells:
Convergence at Iteration 10
Input 0.416
Group # 2 -- C: 0.221, S: 0.915
Group # 5 -- Q: 0.527, A: 0.365
Log likelihood = -56.383 Significance = 0.415

Run # 12, 8 cells:
Convergence at Iteration 10

Input 0.395
 Group # 2 -- C: 0.208, S: 0.925
 Group # 6 -- 4: 0.150, 3: 0.175, 1: 0.746, 2: 0.597
 Log likelihood = -50.466 Significance = 0.008

Add Group # 6 with factors 4312 (N° DE SÍLABAS DE VERBOS NO INFINITIVO)

----- Level # 3 -----

Run # 13, 14 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.399
 Group # 1 -- B: 0.529, T: 0.414
 Group # 2 -- C: 0.205, S: 0.928
 Group # 6 -- 4: 0.154, 3: 0.167, 1: 0.743, 2: 0.600
 Log likelihood = -50.132 Significance = 0.431

Run # 14, 10 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.395
 Group # 2 -- C: 0.210, S: 0.924
 Group # 3 -- a: 0.512, n: 0.375
 Group # 6 -- 4: 0.144, 3: 0.170, 1: 0.735, 2: 0.606
 Log likelihood = -50.284 Significance = 0.558

Run # 15, 14 cells:
 Convergence at Iteration 12
 Input 0.400
 Group # 2 -- C: 0.212, S: 0.922
 Group # 4 -- p: 0.585, s: 0.272, t: 0.565
 Group # 6 -- 4: 0.110, 3: 0.133, 1: 0.822, 2: 0.597
 Log likelihood = -48.358 Significance = 0.128

Run # 16, 14 cells:
 Convergence at Iteration 11
 Input 0.395
 Group # 2 -- C: 0.194, S: 0.936
 Group # 5 -- Q: 0.527, A: 0.367
 Group # 6 -- 4: 0.138, 3: 0.187, 1: 0.751, 2: 0.594
 Log likelihood = -50.170 Significance = 0.455

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 2 6
 Best stepping up run: #12

 Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 17, 36 cells:
Convergence at Iteration 15
Input 0.406
Group # 1 -- B: 0.532, T: 0.406
Group # 2 -- C: 0.192, S: 0.938
Group # 3 -- a: 0.510, n: 0.400
Group # 4 -- p: 0.559, s: 0.300, t: 0.589
Group # 5 -- Q: 0.530, A: 0.355
Group # 6 -- 4: 0.109, 3: 0.140, 1: 0.796, 2: 0.608
Log likelihood = -47.784

----- Level # 5 -----

Run # 18, 25 cells:
Convergence at Iteration 14
Input 0.402
Group # 2 -- C: 0.200, S: 0.932
Group # 3 -- a: 0.508, n: 0.421
Group # 4 -- p: 0.567, s: 0.287, t: 0.588
Group # 5 -- Q: 0.521, A: 0.396
Group # 6 -- 4: 0.106, 3: 0.143, 1: 0.806, 2: 0.602
Log likelihood = -48.112 Significance = 0.435

Run # 19, 29 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.384
Group # 1 -- B: 0.491, T: 0.526
Group # 3 -- a: 0.514, n: 0.358
Group # 4 -- p: 0.643, s: 0.215, t: 0.500
Group # 5 -- Q: 0.432, A: 0.800
Group # 6 -- 4: 0.062, 3: 0.263, 1: 0.770, 2: 0.604
Log likelihood = -68.922 Significance = 0.000

Run # 20, 31 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.406
Group # 1 -- B: 0.530, T: 0.411
Group # 2 -- C: 0.192, S: 0.938
Group # 4 -- p: 0.575, s: 0.291, t: 0.563
Group # 5 -- Q: 0.531, A: 0.349
Group # 6 -- 4: 0.106, 3: 0.139, 1: 0.813, 2: 0.600
Log likelihood = -47.866 Significance = 0.689

Run # 21, 25 cells:
Convergence at Iteration 13
Input 0.400
Group # 1 -- B: 0.541, T: 0.380
Group # 2 -- C: 0.186, S: 0.942
Group # 3 -- a: 0.511, n: 0.389
Group # 5 -- Q: 0.537, A: 0.321
Group # 6 -- 4: 0.136, 3: 0.176, 1: 0.739, 2: 0.605

Log likelihood = -49.450 Significance = 0.192

Run # 22, 28 cells:

Convergence at Iteration 15

Input 0.404

Group # 1 -- B: 0.523, T: 0.431

Group # 2 -- C: 0.209, S: 0.925

Group # 3 -- a: 0.511, n: 0.382

Group # 4 -- p: 0.565, s: 0.288, t: 0.590

Group # 6 -- 4: 0.115, 3: 0.130, 1: 0.797, 2: 0.609

Log likelihood = -48.083 Significance = 0.454

Run # 23, 24 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.413

Group # 1 -- B: 0.534, T: 0.401

Group # 2 -- C: 0.202, S: 0.930

Group # 3 -- a: 0.513, n: 0.365

Group # 4 -- p: 0.418, s: 0.478, t: 0.712

Group # 5 -- Q: 0.540, A: 0.310

Log likelihood = -54.110 Significance = 0.008

Cut Group # 3 with factors an (ESTRUTURA AFIRMATIVA E NEGATIVA)

----- Level # 4 -----

Run # 24, 21 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.401

Group # 2 -- C: 0.199, S: 0.933

Group # 4 -- p: 0.579, s: 0.278, t: 0.569

Group # 5 -- Q: 0.522, A: 0.389

Group # 6 -- 4: 0.104, 3: 0.142, 1: 0.820, 2: 0.596

Log likelihood = -48.165 Significance = 0.454

Run # 25, 24 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.384

Group # 1 -- B: 0.489, T: 0.533

Group # 4 -- p: 0.661, s: 0.204, t: 0.472

Group # 5 -- Q: 0.433, A: 0.796

Group # 6 -- 4: 0.061, 3: 0.264, 1: 0.796, 2: 0.591

Log likelihood = -69.199 Significance = 0.000

Run # 26, 21 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.400

Group # 1 -- B: 0.541, T: 0.380

Group # 2 -- C: 0.184, S: 0.943

Group # 5 -- Q: 0.539, A: 0.314

Group # 6 -- 4: 0.140, 3: 0.180, 1: 0.749, 2: 0.597
Log likelihood = -49.583 Significance = 0.185

Run # 27, 23 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.403

Group # 1 -- B: 0.521, T: 0.438

Group # 2 -- C: 0.210, S: 0.924

Group # 4 -- p: 0.584, s: 0.278, t: 0.559

Group # 6 -- 4: 0.112, 3: 0.129, 1: 0.818, 2: 0.600

Log likelihood = -48.200 Significance = 0.432

Run # 28, 19 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.413

Group # 1 -- B: 0.532, T: 0.406

Group # 2 -- C: 0.202, S: 0.930

Group # 4 -- p: 0.430, s: 0.470, t: 0.695

Group # 5 -- Q: 0.540, A: 0.306

Log likelihood = -54.349 Significance = 0.007

Cut Group # 1 with factors BT (TELEJORNAIS)

----- Level # 3 -----

Run # 29, 15 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.384

Group # 4 -- p: 0.660, s: 0.207, t: 0.469

Group # 5 -- Q: 0.435, A: 0.790

Group # 6 -- 4: 0.059, 3: 0.264, 1: 0.794, 2: 0.594

Log likelihood = -69.271 Significance = 0.000

Run # 30, 14 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.395

Group # 2 -- C: 0.194, S: 0.936

Group # 5 -- Q: 0.527, A: 0.367

Group # 6 -- 4: 0.138, 3: 0.187, 1: 0.751, 2: 0.594

Log likelihood = -50.170 Significance = 0.143

Run # 31, 14 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.400

Group # 2 -- C: 0.212, S: 0.922

Group # 4 -- p: 0.585, s: 0.272, t: 0.565

Group # 6 -- 4: 0.110, 3: 0.133, 1: 0.822, 2: 0.597

Log likelihood = -48.358 Significance = 0.544

Run # 32, 12 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0.413

Group # 2 -- C: 0.211, S: 0.923
 Group # 4 -- p: 0.438, s: 0.455, t: 0.691
 Group # 5 -- Q: 0.532, A: 0.346
 Log likelihood = -54.705 Significance = 0.007

Cut Group # 5 with factors QA (AUSÊNCIA E PRESENÇA DE VOCATIVO)

----- Level # 2 -----

Run # 33, 8 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.384
 Group # 4 -- p: 0.658, s: 0.209, t: 0.472
 Group # 6 -- 4: 0.056, 3: 0.319, 1: 0.799, 2: 0.577
 Log likelihood = -73.275 Significance = 0.000

Run # 34, 8 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.395
 Group # 2 -- C: 0.208, S: 0.925
 Group # 6 -- 4: 0.150, 3: 0.175, 1: 0.746, 2: 0.597
 Log likelihood = -50.466 Significance = 0.128

Run # 35, 6 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.410
 Group # 2 -- C: 0.232, S: 0.906
 Group # 4 -- p: 0.444, s: 0.448, t: 0.685
 Log likelihood = -55.175 Significance = 0.006

Cut Group # 4 with factors pst (CONJUGAÇÃO VERBAL)
 ----- Level # 1 -----

Run # 36, 4 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.391
 Group # 6 -- 4: 0.100, 3: 0.437, 1: 0.664, 2: 0.573
 Log likelihood = -79.925 Significance = 0.000

Run # 37, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.414
 Group # 2 -- C: 0.238, S: 0.900
 Log likelihood = -56.742 Significance = 0.008

All remaining groups significant
 Groups eliminated while stepping down: 3 1 5 4
 Best stepping up run: #12
 Best stepping down run: #34

Tabulação cruzada

Name of new cell file: testel.cel
 CROSS TABULATION 18/3/2010 19:05:25
 Cell file: testel.cel
 18/3/2010 19:04:04
 Token file: PROGRAMAS DA MÍDIA.tkn
 Conditions: testel.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically. B= BALANÇO GERAL T= TRIBUNA NOTÍCIAS

	B	%	T	%	â^\	%	
	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	
C I:	14	22:	1	5	15	18	SEM DIÁLOGO
S:	49	78:	19	95	68	82	
â^\:	63	:	20		83		
	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	+ - - - -	
S I:	26	81:	12	100	38	86	COM DIÁLOGO
S:	6	19:	0	0	6	14	
â^\:	32	:	12		44		
	+-----+-----+-----						
â^\ I:	40	42:	13	41	53	42	
S:	55	58:	19	59	74	58	
â^\:	95	:	32		127		